

Cativo à Razão

Vincent Cheung

Título do original:

Captive to Reason

Copyright © 2005 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* (www.rmiweb.org)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto e Marcelo Herberts (capítulos 2, 6, 19 e 22).

Primeira edição em português: *Outubro de 2006*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
1. COMEÇANDO COM A RESPOSTA	5
2. CATIVO À RAZÃO	7
3. OCASIONALISMO E EMPIRISMO.....	10
4. BREVES RESPOSTAS PARA DIVERSAS CRÍTICAS.....	16
5. O ARGUMENTO ATEÍSTA A PARTIR DA EXISTÊNCIA	22
6. O ARGUMENTO TRANSCENDENTAL PARA O MATERIALISMO	26
7. “MAS O QUE É CONHECIMENTO?”	28
8. MAS ONDE ESTÁ A REFUTAÇÃO?	30
9. EMPIRISMO “BÍBLICO” INCOERENTE.....	32
10. FALÁCIAS E FALÁCIAS SOBRE FALÁCIAS	35
11. INVENCIBILIDADE, IRREFUTABILIDADE E INFALIBILIDADE.....	41
12. EXCLUÍDO POR NECESSIDADE	45
13. “DEUS É LÓGICA”	47
14. CRISTO, A RAZÃO.....	49
15. CONHECIMENTO INATO DO HOMEM	51
16. TERRENO COMUM	53
17. AXIOMA E PROVA	54
18. PROTEGENDO SUA FÉ.....	56
19. A FUTILIDADE DOS ARGUMENTOS PRAGMÁTICOS.....	58
20. SEM “FÉ” SUFICIENTE PARA SER UM ATEÍSTA?.....	60
21. QUANDO EXISTEM MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS.....	62
22. APOLOGÉTICA PARA ESTUDANTES CRISTÃOS	65
23. METADE CHEIO, METADE VAZIO.....	68
24. O PRÁTICO E EXISTENCIAL NO EVANGELISMO.....	71
25. MOREY, ISLAMISMO E APOLOGÉTICA	75
26. DEUS E A LINGUAGEM	79

27. CRISTO E CROSSAN	80
28. UM IDIOTA COM QUALQUER OUTRO NOME	81
29. IDIOTAS PROFISSIONAIS	87
30. A MANOBRA FATAL.....	100

Prefácio

Este livro é uma coletânea de breves artigos que tratam principalmente com filosofia e apologética cristã. Esses artigos explicam e aplicam meu pensamento a contextos e perguntas particulares, e como tais, suplementam apropriadamente o que escrevi anteriormente.

E porque este livro é melhor usado como um suplemento, se possível ou conveniente, encorajo você a ler primeiramente meus escritos anteriores sobre esses assuntos antes de ler os artigos neste livro. Isso ajudará você a entender melhor os artigos que se seguem.

Embora espere que você lerá todos eles, não é necessário ler esses artigos na ordem listada; antes, sinta-se livre para ir diretamente aos artigos que lhe interessam e leia-os primeiro.

Muitos desses artigos foram escritos em resposta a mensagens escritas enviadas a mim pelos leitores, e usualmente incluem uma versão editada da pergunta original para acompanhar cada uma das minhas respostas.¹ Suprimi os nomes dos inquiridores para proteger a sua privacidade. Isso não é um problema, visto que as declarações citadas não contribuem para a substância real dos artigos, mas fornecem apenas os contextos para que eu apresente minhas respostas e explicações.

Para distinguir claramente as palavras dos inquiridores, suas declarações foram identadas e exibidas usando uma fonte diferente. Isso eliminou a necessidade de eu sempre especificar que certo artigo foi escrito em resposta a uma pergunta, ou especificar que certa porção do texto era uma mensagem de um leitor, visto que tudo isso será óbvio para qualquer leitor.

Finalmente, incluí também três artigos anteriormente publicados no final deste livro. Os assuntos desses artigos são consistentes com o tema geral do livro, e, portanto, considerei apropriado colocá-los juntamente com os outros artigos neste volume.

¹ Entre outras modificações, para alguns artigos adicionei números às declarações de outras pessoas, de forma que você possa reconhecer facilmente as respostas que correspondem a elas.

1. Começando com a Resposta²

Numa mensagem anterior a você, escrevi: “Sabemos que o axioma da revelação bíblica é verdadeiro porque Deus o revelou, e sabemos que Deus o revelou porque o mesmo axioma logicamente inegável assim nos diz. Isso é pressuposicionalismo”.

Como diz a Confissão de Westminster: “A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (que é a própria Verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus”.

Deixe-me fazer um ponto relacionado sobre isso.

Eu escrevi uma resposta ao problema do mal,³ mas essa resposta não seria necessária se não houvesse primeiramente um *problema* do mal. O mal em si mesmo não é nem uma questão nem uma objeção, assim, ele não demanda uma resposta, defesa ou explicação de nós, mas uma resposta é necessária somente quando alguém faz dele um *problema* do mal, isto é, uma objeção.

Como uma criança antes da conversão, e então por algum tempo após a conversão, eu nunca tinha considerado o *problema* do mal, embora tivesse refletido sobre o mal em si mesmo. Nunca me ocorreu que o mal fosse um problema contra o Cristianismo. Certamente Deus poderia fazer o que ele quisesse, pensava, e certamente ele é justo em tudo o que faz. Até esse momento nunca tinha considerado essa crença positivamente sustentada como uma resposta para qualquer objeção contra o Cristianismo; contudo, essa é precisamente uma das principais respostas bíblicas ao problema do mal.

Observe, eu comecei com a resposta, mas nunca considerei as objeções contra ela, assim, nunca a considerei como uma resposta a algo – para mim, ela era simplesmente a pura verdade. Mas então, à medida que me tornei ciente que havia almas rebeldes que desafiavam a palavra de Deus,⁴ transformei isso numa resposta contra as objeções; todavia, ela é a mesma verdade, apenas expressa e empregada agora de uma forma que funcione como uma resposta contra desafios particulares.

A Bíblia é verdadeira porque Deus revelou a verdade nela – enquanto não houver desafio a isso, não há apologética envolvida. Assim, a apologética sempre implica a presença de pecado. Se não tivéssemos pecado, sempre creríamos imediatamente em tudo o que Deus nos diz. Não haveria objeções contra as quais nos defendermos, e não haveria crenças falsas para atacarmos. Se não há rebelião e incredulidade, não há necessidade de apologética, embora ainda haja teologia. Quando usamos a abordagem bíblica ou pressuposicional da apologética, estamos usando o que positivamente afirmamos em nossa teologia para interagir com nossos oponentes de uma forma tal que a revelação agora funcione como uma arma defensiva e ofensiva.

Essa é uma diferença essencial entre a abordagem bíblica ou pressuposicional e a abordagem clássica ou evidencial.

² O que se segue é uma mensagem editada que enviei como parte de uma discussão sobre apologética.

³ Veja Vincent Cheung, “O Problema do Mal”.

⁴ Sem dúvida, eu também era uma alma rebelde antes da minha conversão, mas a verdade é que nunca tive qualquer objeção consciente contra o Cristianismo.

Na apologética bíblica ou pressuposicional, começamos com a resposta, de forma que algo do que dizemos na apologética depende da natureza do desafio, visto que nossa apologética é realmente uma adaptação da nossa teologia a uma situação particular.

Por outro lado, a abordagem clássica ou evidencial começa a partir de um ponto que está muito longe da resposta, e então tenta conseguir a resposta a partir dali. Ela começa deliberadamente a partir do próprio ponto de partida do pecador – a partir da intuição subjetiva de alguém, de uma sensação falível ou de um axioma falso. Visto que seu próprio ponto de partida (comum com o do pecador) não é a resposta, e não é uma palavra da parte de Deus, deve-se argumentar ainda se não havia nenhuma incredulidade, rebelião ou objeção. Esse não pode ser o modo de pensamento do céu, mas nós temos a mente de Cristo mesmo agora.

Se a revelação é realmente a resposta, e se é somente através da revelação que podemos verdadeiramente entender e interpretar algo, então é auto-destrutivo colocar de lado essa revelação necessária para voltar à revelação a partir de algum ponto de partida não-bíblico, cujo ponto de partida é adotado, antes de tudo, somente por causa da pecaminosidade e rebelião do homem.

Assim, para aprender a abordagem bíblica da apologética,⁵ devemos nos tornar familiares com o sistema bíblico – isto é, o que a Escritura revelou sobre vários assuntos e suas relações uns com os outros.⁶ Devemos entender também quais coisas são necessárias para todo sistema intelectual, de forma que possamos captar e criticar todo sistema oposto à medida que nos deparamos com ele.⁷

Se não há desafio contra a revelação, então ela continua sendo verdadeira sobre sua necessidade lógica e autoridade auto-atestadora – pois Deus não pode jurar por alguém maior que ele mesmo – e esse é o sistema de verdade que afirmamos. À extensão em que entendemos corretamente a Escritura, não há modificações essenciais para o nosso entendimento desse sistema revelado, mesmo quando chegarmos ao céu, mas somente entendimento acrescido da mesma revelação, bem como adições a ele.

Ao mesmo tempo, o sistema bíblico também exclui logicamente todos os sistemas não-bíblicos, de forma que enquanto nosso sistema permanece verdadeiro e defensível, todos os outros são falsos por necessidade. Então, quando há um desafio direto contra ele, precisamos apenas adaptar seu conteúdo para decididamente respondê-lo, tanto para defender nossa fé como para esmagar nosso oponente.

Em outras palavras, ao praticar uma abordagem bíblica ou pressuposicional da apologética, estamos agindo como instrumentos de Deus para liberar sua própria sabedoria revelada para vindicar a si mesmo e derrotar o inimigo. Antes do que usar nossa intuição, ou raciocínios falaciosos para testificar sobre Deus, nossa apologética é essencialmente uma expressão e aplicação do testemunho de Deus sobre si mesmo, visto que Deus é sua melhor testemunha, e ele não pode jurar por ninguém maior que ele mesmo.⁸

⁵ Ela tem sido apropriadamente chamada por vários nomes, tais como, dogmatismo, pressuposicionalismo, racionalismo bíblico, fundamentalismo bíblico, etc.

⁶ Veja Vincent Cheung, *Teologia Sistemática, Questões Últimas, e Confrontações Pressuposicionalistas*.

⁷ Veja Vincent Cheung, *Apologética na Conversação*.

⁸ Essa é uma explicação teológica do que acontece na apologética bíblica ou pressuposicionalista. Para mais informação, incluindo instruções práticas, recomendo a exposição de Atos 17 no meu livro *Confrontações Pressuposicionalistas*, bem como meu livro *Apologética na Conversação*.

2. Cativo à Razão⁹

Gordon Stein perguntou a Greg Bahnsen o que poderia ser um motivo suficiente para convencê-lo que o Cristianismo é falso. Eu não lembro de Bahnsen sendo muito preciso nesta questão. Como você lidaria com essa pergunta?

Num sentido, essa questão é difícil de ser respondida. É difícil porque uma vez tendo chegado à minha posição atual sobre as questões filosóficas e a abordagem apologética, qualquer tentativa de conceber como o Cristianismo poderia ser refutado ou como eu poderia ser convencido de que ele é falso exigiria em primeiro lugar uma aceitação plena do Cristianismo. Visto que é verdade que as pressuposições da cosmovisão bíblica são as pressuposições necessárias para todo e qualquer pensamento e conhecimento, então é impossível para mim até mesmo conceber que o Cristianismo possa ser refutado.

Bahnsen disse certa vez que se alguém realmente desenterrasse os ossos de Jesus, ele admitiria que o Cristianismo é falso. Sim, se você realmente encontrar os ossos de Jesus, provando que ele nunca levantou dos mortos, podemos dizer tal coisa. Mas isso é quase irrelevante, pois à parte da cosmovisão cristã, como você pode ter uma epistemologia que permita discernir todas as palavras e conceitos da expressão “os ossos de Jesus”, e uma epistemologia que possibilite a você realmente identificar os ossos?

Ou seja, mesmo se admitirmos que tendo encontrado os ossos de Jesus, o Cristianismo é falso, dado o que já estabeleci em outro lugar, precisamos também admitir que, se o Cristianismo é falso, não podemos de forma alguma identificar os ossos de Jesus. De fato, estabeleci que mesmo dando as pressuposições corretas pelas quais o conhecimento é possível, todos os métodos científicos e empíricos são inerente e logicamente falaciosos, de modo que qualquer conclusão derivada do uso destes métodos é no melhor dos casos opiniões injustificadas, e não conhecimento. Portanto, o Cristianismo não pode jamais ser refutado por qualquer método científico ou empírico, e os ossos de uma pessoa não podem de forma alguma ser infalivelmente identificados, não importa como.

Assim, a pergunta é difícil apenas no sentido que não podemos dar o tipo de resposta que seria esperado por um incrédulo. Mas então, a expectativa do incrédulo é baseada na sua epistemologia irracional, e assim eu não estou racionalmente obrigado a considerá-la. Talvez a resposta mais simples e verdadeira a essa pergunta fosse: “Eu irei crer que o Cristianismo é falso se você puder provar que ele é falso”; ou, sendo mais exato, “Eu irei crer que o Cristianismo é falso se você puder provar aquilo que é verdade ser falso”.

Em outras palavras, eu insisto que é logicamente impossível refutar o Cristianismo, ou mesmo iniciar uma refutação a ele, pois refutar o Cristianismo implicaria estabelecer uma contradição lógica, o que é impossível. É claro, qualquer um pode fisicamente dizer o que quiser, mas isso não implica existir algum sentido nessas palavras, e estou dizendo que nenhum argumento contra o Cristianismo pode ter qualquer sentido que seja.

⁹ O que segue é uma correspondência editada sobre apologética.

O máximo que posso fazer é ouvir o incrédulo quando ele tenta refutar o Cristianismo, pois eu nem mesmo posso imaginar como eu faria isso por mim mesmo. Novamente, é claro que os incrédulos podem ter várias idéias, e podem tentar vários argumentos, mas isto porque eles são estúpidos e não percebem que os seus argumentos são um absurdo completo, até que alguém um pouco mais instruído venha chamar a atenção deles para esse fato, e mesmo assim, podem continuar tão cegos que ainda não se dêem conta do seu erro.

Em meus livros, demonstrei estar consciente das questões relevantes e das objeções dos incrédulos, e de como eu responderia a elas. Eu expliquei com clareza nos meus escritos o meu método de apologética, e como esse método pode defender a cosmovisão cristã e refutar os seus oponentes. Portanto, eu não estou partindo do ponto de vista de um fideísmo não-racional ou irracional. Antes, o Cristianismo é tão racionalmente necessário que eu não posso sequer conceber o início da sua refutação sem que o meu próprio sistema de apologética imediatamente derrote a minha tentativa. Então, o incrédulo precisará dar o melhor de si sem o meu auxílio.

Algumas pessoas afirmam que se uma alegação não é logicamente falseável, então ou ela não pode ser logicamente estabelecida ou simplesmente não tem qualquer sentido. Mas isto depende do que estamos falando e porque tal coisa não é falseável. E se é o caso que isso não é falseável porque é necessariamente verdadeiro? Se algo é necessariamente verdadeiro, então não é falseável; se algo é falseável, então não é necessariamente verdadeiro. A nossa alegação racionalmente justificada é que o Cristianismo é necessariamente verdadeiro.

Agora, se uma pessoa alega que nada é necessariamente verdadeiro, então esta alegação em si não é necessariamente verdadeira. Essa pessoa precisa oferecer um argumento demonstrando que é necessariamente verdadeiro que nada é necessariamente verdadeiro, mas se o seu argumento é correto, então ele refuta a si mesmo (o que significa que é impossível construir um argumento válido a partir dessa conclusão), e se o seu argumento não é válido, então ele falha em provar a sua conclusão (que nada é necessariamente verdadeiro).

Mas por que precisaríamos aceitar em primeiro lugar qualquer versão do princípio da falseabilidade? Trata-se apenas de uma “bela” desculpa por fracassar em refutar o Cristianismo. Não é minha culpa que os incrédulos sejam intelectualmente débeis. Se não podem competir, que permaneçam fora do ringue ao invés de inventar princípios estúpidos para se justificar.

A minha resposta à sua questão é exatamente o que deve acontecer se é o caso do Cristianismo ser verdadeiro e eu ser cristão. Isto é, a minha mente está ancorada pela Palavra de Deus, e tornada cativa pela verdade, de forma que não vejo uma escapatória e nem desejo uma. Se eu posso ver uma saída ou se eu desejo uma saída, então ou o Evangelho não tem o poder que alega ter, ou não sou realmente um cristão.

Se o incrédulo tem a verdade, então ele teria que demonstrá-la; ele teria que fazer isso sem a minha ajuda. Mas como ele poderia fazer isso sem ser impedido desde o início pelo nosso método bíblico de apologética e pela nossa argumentação pressuposicional?

A verdade é que ele também está cativo pelo Logos de Deus, e pelo seu conhecimento inato dos atributos e das leis de Deus, pelo qual a sua mente pode apenas funcionar nos termos de Deus, mesmo enquanto rebelde contra Cristo, a Razão. Ele está enganado ao

pensar que é um “pensador livre”, mas a única coisa da qual está correndo é da Razão – ainda que não possa nunca escapar dela, pois a Razão o esmagará a todo momento, e acabará triturando os seus argumentos fúteis até virarem pó.

3. Ocasionalismo e Empirismo¹⁰

– A –

O que você pensa sobre alguém (um materialista) que diz que o mesmo conceito pode estar localizado em duas localizações espaço-temporais? Isso acontece porque o cérebro é como um computador que copia um programa de outro computador. Assim, quando eu falo, as ondas de som entram em seu ouvido e seu cérebro copia o conceito que estava na minha cabeça.

Eu esperaria que um materialista dissesse isso – parece surgir da visão de realidade deles. Eu posso desafiá-lo diretamente nesse ponto, mas posso também demandar justificção para as premissas lógicas anteriores.

Por exemplo, eu não creio: (1) que um “conceito” seja físico”, e (2) que o cérebro “pense”. Digamos que eu escolha desafiar o materialista primeiramente em (2). Se ele usa a ciência e o empirismo como a forma de provar isso, então eu desafiaria a ciência e o empirismo. Minha própria posição é que esse assunto de pensamento e conceitos é uma versão de ocasionalismo, de forma que eu sou capaz de evitar todos os problemas que apresento contra o materialista.

Se o ponto principal de sua questão é sobre comunicação no esquema materialista, então eu rapidamente desafiaria o empirismo. Eu admitiria que *se* o materialista pudesse se comunicar com outra pessoa, então haveria duas cópias físicas do mesmo pensamento. Mas eu nego que eles possam se comunicar, de forma que eles precisariam provar primeiramente que podem se comunicar por uma epistemologia empírica – isto é, mesmo que ignoremos por enquanto que o materialismo é verdadeiro, que os pensamentos são físicos e que os cérebros podem pensar.

Quanto ao ocasionalismo, eu uso a expressão “na ocasião” mais do que o termo “ocasionalismo”, visto que muitos iniciantes lêem os meus livros e eles não têm idéia do que o termo significa, de forma que uso a explicação ou significado do termo ao invés do termo em si. O ponto é que a providência de Deus inclui controle completo de tudo sobre todas as coisas, o que significa que ele deve ser o único poder controlador de toda a comunicação e aquisição de conhecimento.

Jonathan Edwards afirmou uma forma de ocasionalismo, bem com vários outros pensadores cristãos. Você pode ver Calvino, Lutero, etc., algumas vezes dizendo coisas que soam como ocasionalismo. Eu apenas diria que ele é uma implicação necessária e uma aplicação consistente da doutrina bíblica da providência.

– B –

Por que você negaria a [possibilidade de] comunicação para eles? É porque quando você se comunica, você está comunicando proposições, e proposições não são materiais, de forma que a mesma proposição não pode estar em mais de uma localização espaço-temporal?

Essa seria a razão logicamente anterior – eu nego que as proposições sejam materiais.

¹⁰ Esta é uma correspondência editada na qual discuto o ocasionalismo e empirismo. A outra pessoa é uma seguidora da abordagem de Van Til na apologética.

Mas estou dizendo que, mesmo que ignoremos as questões logicamente anteriores, eles ainda precisarão mostrar que podem se comunicar falando e ouvindo. Quer as proposições sejam materiais ou não, eles precisam me dar uma prova lógica mostrando que quando alguém ouve uma proposição falada, ele realmente ouve quando está sendo falada. Isto é, eles precisam de uma prova para o empirismo.

– C –

(1) Agora, eles provavelmente diriam que sua resposta é auto-refutadora, visto que você teve que usar sua boca física para responder a questão, e você assumiu que meus ouvidos ouviriam sua pergunta. Nesse ponto você negaria isso em favor do seu ocasionalismo, correto?

(2) Por outro lado, eu poderia dizer que dentro da minha cosmovisão, Deus fez nossas bocas para comunicar e nossos ouvidos para receber informação, mas dentro da cosmovisão dele e por empirismo, como ele poderia saber que está realmente ouvindo o que é falado? Nesse ponto, ele provavelmente reafirmaria sua conclusão de que ele sabe isso porque respondeu minha pergunta.

(1)

Ocasionalismo é minha resposta positiva, mas eu não preciso usá-lo ainda.

Antes, nesse ponto eu posso levar o debate para um mundo puramente mental. Por exemplo, eu poderia sugerir que poderíamos estar tendo o debate inteiro num sonho. Como sabemos que não estamos? Isso é simplesmente dizer que eu rejeito pressupor o mundo físico sem justificativa. É um argumento circular dizer que sabemos que estamos no mundo físico porque estamos falando e ouvindo, visto que meu ponto é que poderíamos estar fazendo tudo isso num mundo puramente mental, ou num sonho. Visto que o materialista constantemente precisa do mundo físico em sua filosofia, ele não pode continuar até que forneça a justificativa racional que eu demando.

Por outro lado, meus princípios básicos, e de fato minha cosmovisão inteira, permanece completamente imune e não danificada, visto que em minha cosmovisão, o mundo físico é deduzido a partir de um princípio não-físico. De fato, se não fosse o fato da Escritura ensinar que há um mundo físico, eu poderia descartá-lo completamente e ainda ter tudo o mais intacto. Assim, eu posso negar que estou necessariamente usando minha boca física quando pergunto ou respondo algo – o materialista terá que provar isso para mim.¹¹

Assim, eu poderia forçar que tudo passasse do físico para o puramente mental simplesmente sugerindo tal coisa, e isso destruiria tudo o que é físico (pois o mundo físico tem sido assumido sem justificativa até este ponto). Se o oponente não pode sobreviver num mundo puramente mental, ou se ele não pode sair uma vez forçado para dentro de um mundo puramente mental, então ele é derrotado imediatamente ali.

(2)

Você terá que formular uma resposta usando o método de Van Til.

Mas note que simplesmente porque Deus fez o ouvido não significa que suas habilidades e propósitos são como você pensa. A própria Escritura mostra que os olhos

¹¹ Eu não nego que haja um mundo físico – negar que haja um mundo físico seria negar o que a Escritura ensina. Antes, estou dizendo que eu não tenho que estar no mundo físico para agir. Se não fosse o fato da Escritura indicar que há um mundo físico, eu poderia negar totalmente a existência do mundo físico, e todas as minhas crenças ainda permaneceriam intactas.

e ouvidos estão frequentemente equivocados, e as pessoas que estão supostamente vendo e ouvindo as mesmas coisas frequentemente chegam a conclusões diferentes, ou discordam sobre o que estão vendo e ouvindo (2 Reis 3:20–22; João 12:27–29).

Assim, os problemas do empirismo ainda são tão reais como sempre – mesmo que você comece a partir de pressuposições bíblicas, não há forma de mostrar em qualquer determinada circunstância se sua sensação é correta. Mesmo dada as pressuposições bíblicas, você ainda não poderá resgatar o que é inerentemente irracional e logicamente impossível. Mesmo que fosse de certa forma possível para alguém receber conhecimento através da sensação antes da Queda (embora eu afirme que o empirismo é irracional e impossível mesmo à parte do pecado), devemos tomar em conta os efeitos noéticos do pecado sobre a confiabilidade da sensação.

Com o ocasionalismo não há nenhum problema. Os ouvidos, na melhor das hipóteses, fornecem a ocasião na qual Deus (o Logos) comunica diretamente à mente – na ocasião da sensação, mas independente da sensação. Em adição, ele é aquele que controla tudo tanto sobre a ocasião como sobre a comunicação.

É improvável que seu oponente pensará sobre isso e o trará à tona – isto é, te desafiar sobre o empirismo. Eu menciono isso somente como uma possibilidade remota, mas se acontecer, então você deve ter uma resposta para isso. E ela terá que ser uma resposta exegética, visto que ele reivindica basear a confiabilidade ou possibilidade da sensação sobre princípios bíblicos.

– D –

(1) Com você sabe que não está sonhando?

(2) Seria falacioso para meu oponente argumentar que, visto que as sensações são algumas vezes equivocadas, portanto, elas são sempre equivocadas. Ou, seria falacioso dizer que se algumas vezes você não pode saber se suas sensações estão operando corretamente, portanto, você nunca pode saber se elas estão operando corretamente.

(1)

Eu poderia estar sonhando, e isso não danificaria minha cosmovisão, e todos os meus princípios básicos permaneceriam intactos. Esse é o ponto. Mas eu posso estar sonhando e ainda afirmar que há um mundo físico, não porque eu confie em minhas sensações, mas porque a Bíblia me revela isso.

Por outro lado, minhas sensações sentem o mesmo quando penso que estou sonhando assim como quando penso que não estou sonhando, de forma que por minhas sensações não posso confirmar seguramente se estou sonhando ou não. Mesmo que minhas sensações fossem diferentes quando penso que estou sonhando, assim como quando penso que não estou sonhando, como eu saberia que estou realmente sonhando quando penso que estou sonhando, e que não estou sonhando quando penso que não estou sonhando? Talvez eu os tenha em reverso, de forma que quando sinto de certa forma e penso que estou sonhando, eu deveria realmente pensar que não estou sonhando quando sinto dessa forma, e vice-versa.

Mas eu rejeito o empirismo, e isso não apresenta nenhum problema para o meu método.

(2)

Sim, mas a menos que você possa mostrar como sabe em determinada ocorrência se aquela sensação particular é confiável ou não, então você não pode mostrar como você poderia confiar em determinada ocorrência de sensação.

Assim, mesmo que algumas ocorrências de sensação sejam confiáveis, e que naquelas ocorrências o que você sente realmente corresponde ao que deve ser sentido, a menos que você possa mostrar quais ocorrências de sensação são confiáveis e quais não são, isso não faz diferença – você ainda não poderia confiar em nenhuma delas, visto que não tem nenhuma forma de saber quando suas sensações estão certas e quando estão erradas.

Assim, seu oponente não precisa mostrar que você nunca sente o que pensa que sente. Enquanto suas sensações não forem infalíveis, e então, enquanto você não tiver nenhum padrão não-empírico pelo qual julgar cada ocorrência de sensação, o efeito é que nenhuma ocorrência de sensação é confiável.

– E –

Mas eles poderiam dizer que, visto que algumas vezes seus sonhos têm sido falsos (por exemplo, um monstro gigante te perseguindo), como você sabe que está comunicando a verdade? Você provavelmente diria que negar sua cosmovisão, quer no sonho ou não, resultaria em irracionalidade, e que as leis da lógica, as inferências necessárias, etc., permanecem nos sonhos também.

Correto, eu afirmo o que afirmo não por causa do que “vi”, quer no mundo físico ou no mental (ou um sonho), mas por causa da revelação divina e da necessidade lógica.

Realmente, seria conveniente se um empirista fizesse essa pergunta sobre sonhos. Isso seria de fato um desafio contra ele e não contra mim – a menos que ele possa responder essa pergunta, isso significaria que não devemos confiar no que sentimos, quer estejamos num sonho ou não. Isso ainda fornece outra ilustração da impossibilidade de adquirir qualquer conhecimento por sensação.

Em todo caso, o contraste real não é entre o estado de sonho e o de não-sonho, mas entre um mundo puramente mental e um mundo físico.

Também, precisamos falar sobre o que se quer dizer por “real”. Se um monstro me persegue num mundo puramente mental, ou num sonho, então isso é o que é “real” no mundo puramente mental ou no sonho. Isto é, é realmente verdade que um monstro está me perseguindo no sonho.

Por outro lado, a questão parece implicar que se algo não acontece no mundo físico, então ele não é “real”, mas esse é um argumento circular.

– F –

Eu diria que (1) Deus nos fez dessa forma, e (2) isso é como agimos normalmente. (3) É necessário haver um ambiente apropriado, de forma que se eu estiver drogado, num quarto mal iluminado, com sono, etc., então eu não terei dificuldades em dizer que estou equivocado sobre algumas observações triviais, mas as sensações são geralmente confiáveis.

(1)

Você precisa mostrar a partir da Escritura que Deus nos fez “dessa forma”. “Dessa forma” não pode significar simplesmente que Deus fez os olhos e os ouvidos, mas você deve mostrar que pode seguramente derivar conhecimento real através deles por sensação – através de alguma função inerente neles, e que você saberia em determinada ocorrência o porquê tal ocorrência de sensação é confiável.

(2)

O fato de agirmos normalmente de certa forma não prova que estejamos corretos. Eu posso simplesmente dizer que estamos normalmente errados.

(3)

Você terá que me mostrar que a Escritura diz que a sensação é confiável sob certas condições, e que ela não é confiável sob essas outras condições que você listou. E, em primeiro lugar, você não pode especificar essas condições se “descobriu” essas condições a partir da sensação, visto que isso seria um argumento circular.

Isto é, como você sabe que as drogas afetam sua sensação? Você não pode alegar saber isso por sensação, se você ainda não tiver estabelecido a confiabilidade da sensação. E como você sabe que a iluminação está fraca num quarto? Talvez a iluminação esteja boa (o que é boa?), mas você está ficando cego.

Também, mesmo que a Escritura diga que a sensação é confiável sob certas condições, e que ela não é confiável sob outras condições, você ainda deve ter uma forma de descobrir sob que tipo de condição você atualmente está. E se você usar a sensação para descobrir sob que condição está, para determinar se sua atual sensação é confiável, então isso seria um argumento circular.

– G –

(1) A faca corta dos dois lados e você precisa mostrar a partir das Escrituras todas as coisas que afirma e me contradizer com elas.

(2) Também, eu penso que você teria que negar algumas coisas do senso comum, de forma que você não saiba que “Vincent é um homem”. Talvez você esteja disposto a morder essa isca, eu não sei.

(1)

Sim, eu já o fiz em meus livros.

Mas dizer que “a faca corta dos dois lados” é admitir que ela corta o *seu* lado, e você ainda deve mostrar a partir da Escritura que sua visão é correta.

(2)

Eu sou totalmente cético contra o “senso comum”, e penso que o próprio “senso comum” é incoerente. De fato, o “senso comum” não é comum e não faz sentido.

E se eu sei que “Vincent é um homem”, certamente não sei isso sobre uma base empírica¹² ou por senso comum, mas pela iluminação a partir do Logos, de acordo com minha explicação sobre ocasionalismo.

Eu certamente negaria que “Vincent é um homem” seja algo que eu possa saber pelo “senso comum”. Agora, se você “sabe” algo, você *sabe* algo – somente opinião pode ser sustentada por graus de certeza ou confiabilidade racional. Portanto, se eu não *sei* algo – se eu estou apenas mais ou menos certo, e se esse algo não é racionalmente inegável – então eu não *sei* esse algo.

Isso posto, eu nunca diria: “Pelo senso comum, eu sei que sou um homem, e esse conhecimento que recebi a partir do senso comum é tão racionalmente certo quanto a Escritura, a revelação de Deus. Tanto o senso comum como a Escritura me dão conhecimento, ou me dizem coisas que posso saber; portanto, o senso comum é tão racionalmente certo quanto a Escritura, e eu creio no senso comum tanto quanto creio na Escritura”.

Se a Escritura me dá conhecimento (não mera opinião), e o senso comum me dá conhecimento (não mera opinião), então a menos que haja graus de certeza no conhecimento (de forma que você tenha conhecimento certo, conhecimento menos certo, ou até mesmo conhecimento incerto, o que não faz nenhum sentido), então tanto a Escritura quanto o senso comum me dão conteúdo intelectual do mesmo nível de certeza racional – a saber, conhecimento – e segue-se que o senso comum é tão confiável e certo quanto a Escritura, e a Escritura não é mais confiável e certa do que o senso comum.

Eu nunca diria algo como isso, ou nem mesmo implicaria tal coisa. Eu nunca declararia ou implicaria que o que eu alego pode ser descoberto à parte da revelação de Deus tão certo como a partir da revelação de Deus. Eu nunca diria que o “senso comum” é tão confiável quanto a revelação divina. Fazer tal declaração é tanto irracional como irreverente.

¹² O que eu precisamente sinto para saber que “Vincent é um homem”? E como eu sei que isso é o que eu devo sentir?

4. Breves Respostas para Diversas Críticas¹³

– A –

Uma coisa que me torna incapaz de entender como alguém poderia sustentar a crença de Clark é que os nervos no cérebro são sensoriais, e assim, ao fazer a decisão de pensar coisas específicas e mudar o processo de pensamento em suas mentes, as pessoas não estão confiando dessa forma em seus sentidos até mesmo para pensar, e em seus sentidos para deduzir com lógica e obter conhecimento?

Esse é um argumento circular muito ruim. Ele já assume que a ciência está certa e/ou que qualquer/todo pensamento ocorre no cérebro. Quem disse?

De fato, eu nego que *qualquer* pensamento ocorra no cérebro; antes, afirmo que não importa o que ocorra coincidentemente no cérebro enquanto alguém pensa, o próprio pensamento ocorre somente na mente incorpórea.

– B –

Aqui está algo problemático: uma pessoa usa seus sentidos para ler as palavras na Bíblia. Se os sentidos nos permitem lembrar o que já sabemos sobre Deus, então o que dizer das outras partes na Bíblia? Por exemplo, o adultério de Davi. É difícil imaginar que já saibamos sobre esse adultério via algum conhecimento inato. Assim, não podemos saber que Davi cometeu adultério, mesmo que isso esteja registrado na palavra infalível de Deus.

Isso constitui um mal-entendido muito grave tanto de Gordon Clark como de mim. Nós nunca dissemos que todo conhecimento é inato, apenas que todo conhecimento deve vir de Deus à parte da sensação, mas algum conhecimento vem de Deus na ocasião da sensação (mas ainda à parte da sensação).

Quanto à alegação que devemos usar os sentidos para ler a Bíblia, já respondi isso em vários lugares.

E observe que, mesmo que fosse verdade que precisamos dos sentidos para ler a Bíblia (embora eu refute isso), essa observação sozinha não prova o empirismo, de forma que, a menos que Tom possa provar o empirismo, terminaríamos simplesmente com o ceticismo, que significa que *ninguém* pode ler a Bíblia.

Mas embora Tom não possa ler a Bíblia antes de provar o empirismo, eu posso, e precisamente porque rejeito o empirismo.

¹³ O que se segue inclui várias objeções contra minha rejeição do empirismo. Elas foram tiradas de uma lista de discussão online, e me enviadas por um dos meus leitores. Embora essas objeções sejam fracas e descuidadas, elas representam alguns dos mal-entendidos e raciocínios falaciosos frequentes que os empiristas cristãos (ou pelo menos cristãos que abraçam certa versão ou grau de empirismo) têm para com a minha posição. Assim, o que se segue ainda deverá ajudar várias pessoas. Embora as objeções tenham sido escritas por pessoas diferentes, não é importante designar o autor de cada objeção, de forma que em prol da clareza e conveniência, editei minhas respostas como se todas as objeções tivessem sido escritas por “Tom” (o nome real de ninguém). Também, visto que o leitor que me enviou as objeções já era familiar com meus escritos e argumentos, a maioria das minhas respostas a ele foram curtas. Algumas dessas respostas foram expandidas, mas não muito.

– C –

Eu não vejo como alguém pode negar que não podemos conhecer *algo* através da percepção sensorial. Sem dúvida, podemos até mesmo conhecer certas coisas sobre Deus através da percepção sensorial (Romanos 1).

Já tratei com Romanos 1 em vários lugares em meus livros, mostrando que ele não implica em empirismo.¹⁴

E se Tom pensa que podemos argumentar a partir da sensação até Deus, então ele deveria escrever a prova para que possamos considerá-la.

– D –

Estou interessado em ver se um argumento do terceiro homem¹⁵ funcionaria contra isso, visto que ele é um dos argumentos mais devastadores contra a teoria de conhecimento (recordação) de Platão, que parece ser, com algumas modificações, similar a de Cheung.

Se devemos comparar, estou mais próximo de Agostinho, e a doutrina do Logos de vários Pais da Igreja, não de Platão.

Mas estou de fato aplicando as implicações necessárias das doutrinas bíblicas da soberania divina, providência, etc.

Ou Deus é soberano sobre todas as coisas, exceto as sensações?

– E –

Suas críticas são apenas contra uma visão de percepção sensorial. Eu não tenho a visão que os fatos produzem o seu próprio significado. Eu tenderia mais ao programa “web” de Quine. Mas, ainda, você usa seus sentidos para obter conhecimento. Diga-me, como você saberia quantas formigas estão em seu quintal? Você sabia isso previamente?

Observe que ele nunca nos diz exatamente como qualquer conhecimento procede da sensação. Ele apenas continua dizendo que isso deve ser assim. Mas nenhuma das coisas que ele diz exige necessariamente que qualquer conhecimento proceda da sensação.

Ele me acusa de seguir Platão (o que nego) – mas ele agora está seguindo Quine (fato que admite)?

Ele deveria explicar como ele pode apoiar a sensação a partir da Escritura, guardando em mente que mostrar que alguém viu algo não apóia a sensação. Eu nunca neguei que vemos (isto é, que o ato ocorre), mas sim que o conhecimento não vem do que vemos; antes, Deus deve agir.

E quem disse que sabemos quantas formigas estão em nosso jardim? Ele sabe?

¹⁴ Veja Vincent Cheung, *Confrontações Pressuposicionistas*, capítulos 1 e 2.

¹⁵ Nota do tradutor: “Argumento do terceiro homem” é a crítica de Aristóteles contra a teoria das formas de Platão.

Quanto a conhecer “previamente”, isso é novamente o mal-entendido que dizemos que todo conhecimento é inato, o que nunca ensinamos.

– F –

Mas visto que, em alguns casos, nossos sentidos são requeridos para obter conhecimento (e.g., quantas formigas estão em seu quintal), então eu diria que naqueles casos os sentidos são um recurso necessário de obter conhecimento.

Quão verdadeiro! Se os sentidos são necessários, então os sentidos são necessários.

Mas os sentidos são necessários? E necessários para o que? O que exatamente eles fazem? Como?

Agora, se o conhecimento pode ser racionalmente derivado da sensação, então ele poderia ser escrito como um argumento proposicional ou um silogismo. Eu quero que ele escreva o silogismo para que possamos examinar sua validade.

– G –

Desculpe, irmão, mas você prova demais! Se Deus transmite *todas* as coisas, então ele transmitiu a crença de “João” que um herege está correto, e também a crença de “Tim” que ele não está correto! Deus não é autor de confusão. Penso que isso é devastador para o que você acabou de argumentar.

Assim, os hereges são autônomos? Como apontei repetidamente, tal Calvinismo inconsistente resulta em dualismo – dois poderes opostos do bem e do mal, ao invés de um Deus que reina supremo.

Quanto à negação de Deus ser o “autor de confusão”, abordei isso em meu artigo, “O Autor de Confusão”.

– H –

Além do mais, as observações não são dependentes das moléculas! As moléculas são as mesmas, independentemente. É a forma como o cérebro do homem interpreta a coleção de moléculas que resulta em alucinação.

Isso não ataca diretamente minha posição, mas denuncia o pensamento falacioso da pessoa.

Tal argumento é circular. Ele está dependendo novamente da ciência, e assume premissas que, se o empirismo for falso, nunca poderiam ser estabelecidas.

De qualquer forma, o que são moléculas? Sabemos que existem tais coisas? Sério, sabemos? Estamos certos? Como?

Ele deveria primeiro provar o empirismo e a ciência antes de usar essas premissas, visto que o empirismo e a ciência são precisamente as coisas que estão sendo questionadas.

Quanto ao comentário sobre “o cérebro do homem interpreta a coleção de moléculas”, como ele sabe isso? O cérebro “pensa”? Interpreta algo?

– I –

Por último, se Deus está no controle de *todas as coisas*, e transmite *todas as coisas* para as pessoas, então, o que dizer sobre isso: João “vê” uma abelha sobre uma rosa, mas “Tim” não vê. João crê que sua observação é verdadeira. Tim crê no oposto. Assim, Deus transmitiu A e não-A?

Certamente. E daí?

Há somente um problema se dissermos que Deus *afirma* tanto A como não-A.

Mas note que Tom está pensando. Sua pergunta implica que Deus não controla realmente *todas as coisas*. De fato, se tomarmos suas palavras seriamente, ele está dizendo que Deus não está nem mesmo “no controle” de todas as coisas.

Assim, nosso problema não é realmente sobre sensação ou empirismo, mas que Tom nem mesmo afirma o Deus cristão e sua soberania, ou para falar caridosamente, ele está pelo menos sendo muito inconsistente aqui.

Tom fala como se a falsa informação ocorresse de maneira autônoma! Mas como? Por geração espontânea? Por sensação espontânea? Por livre-arbítrio?

Se Tom não pode crer que Deus controla a falsa informação, então como pode crer que Deus está agora mesmo sustentando diretamente o próprio Satanás? Ou, como Lutero afirma, que Deus mesmo agora controla (não somente sustenta) Satanás?¹⁶

– J –

Ora, certamente Deus pode lhe dizer quantas formigas estão em seu quintal, mas essa é a operação normal de como as coisas funcionam? De fato, estou muito interessado em explorar esse conceito e a visão de que não existe nenhuma nova revelação.

Eu não disse que existe “nova revelação”. Estou dizendo que o controle de Deus sobre todo conhecimento e todos os atos mentais é a operação normal das coisas. Isso é uma questão de providência ordinária.

É como se Tom estivesse dizendo que se Deus controla todas as coisas, então isso deve ser um milagre. E se ele controla o conhecimento, então deve existir nova revelação (no mesmo sentido que a revelação bíblica). Tom é um deísta?

Assim como creio que a morte de um pardal ainda é controlada por Deus, sem chamar isso um milagre (visto que um milagre é uma providência especial, mas a morte de um pardal é providência ordinária), eu meramente incluo o conhecimento na categoria de providência ordinária, como qualquer um que afirma a doutrina bíblica deve fazer.

Mas Tom quer proteger a sensação, os males autônomo e os erros espontâneos, e, portanto, sua posição se torna inconsistente.

¹⁶ Veja Vincent Cheung, *Commentary on Ephesians*, e Martin Luther, *The Bondage of the Will*.

– K –

Toda a faculdade do homem, a qual Deus criou com olhos e ouvidos para aprender e conhecer as coisas sobre o seu ambiente, usa seus sentidos para adquirir conhecimento. Mas isso não pode ser separado da sua racionalidade – ver uma árvore e chegar a uma conclusão envolve uma cadeia de raciocínio.

Simplemente porque Deus criou algo, não significa que foi para os propósitos e funções que Tom imagina. A declaração de Tom é uma falácia de argumento circular. Ele diz que Deus criou os olhos e ouvidos “para aprender”, mas esse é precisamente o ponto sobre o qual estamos argumentando. Afirmá-lo novamente não o torna verdadeiro.

Então, Tom admite que ver uma árvore e chegar a uma conclusão envolve uma cadeia de raciocínio. Muito bom! Isso chega mais perto do meu ponto: A cadeia de raciocínio é logicamente válida? Escreva-a como um silogismo e examinemos-a.

– L –

Você perdeu o meu ponto sobre João e Tim. Eu disse que Deus lhe contou uma *mentira* e ao outro uma *verdade*. Deus mente?

Isso envolve um mal-entendido tolo e uma confusão estranha. Contar é diferente de facilitar ou controlar. Estou falando sobre metafísica, e ele está falando sobre (parece) uma relação interpessoal. Sim, Deus faz com que pessoas criam em mentiras de acordo com sua vontade (e como a Escritura ensina),¹⁷ mas isso é diferente de lhes contar uma mentira, como se ele alegasse que a mesma é a verdade.

– M –

Ainda preciso que o versículo seja refutado: o Senhor da Glória nos disse que “quando *irdes* a figueira *sabeis* que está próximo o verão”.

Correto, então quando você *ver* uma miragem de água, você *sabe* que deve ser água. Erros e alucinações nunca acontecem. Isso é absurdo.

É falacioso inferir a partir desse versículo uma epistemologia simplista do “eu vi, portanto, sei”. De outra forma, seria impossível cometer um engano, de forma que quando eu *ver* água, eu *sei* que é água, e que não deve ser uma miragem de forma alguma.

Também, como apontei em *Confrontações Pressuposicionistas* enquanto refutando Ronald Nash, quando a Bíblia reconhece que alguém viu algo, isso não é o mesmo que afirmar a sensação como um meio para o conhecimento.

Por exemplo, se o apóstolo João escreve, “Pedro viu o Cristo ressurreto”, eu posso aceitar a declaração sobre o que Pedro viu sem aceitar a própria sensação como um caminho para o conhecimento. O objeto da minha crença é a declaração divinamente inspirada de João, não a sensação infalível de Pedro. De fato, as sensações de Pedro poderiam estar erradas em todas as ocorrências exceto nessa, e eu sei que ele está certo desta vez somente porque João infalivelmente (por inspiração divina) assim o diz.

¹⁷ Nota do tradutor: Um exemplo claro é 2Ts 2:11.

Em outras palavras, quando penso que estou olhando para um carro vermelho, é possível que esteja olhando de fato para um carro vermelho, mas é possível também que eu esteja sonhando, ou olhando para o céu azul. O problema é: como eu sei nessa ocasião se estou de fato olhando para um carro vermelho?

Agora, se Deus afirma infalivelmente que estou de fato olhando para um carro vermelho, então sei que nessa ocasião o que penso ver de fato corresponde à realidade física. Mas a partir disso, seria falacioso inferir: “Portanto, a sensação transmite conhecimento”. Não, é a afirmação infalível de Deus (que estou olhando para um carro vermelho) que me dá o conhecimento (que estou olhando para um carro vermelho), e não meu ato de olhar para o carro vermelho. Isto é, a sensação fornece a ocasião para a afirmação infalível de Deus – ela não fornece o conhecimento em si.

Esse é o tipo de inferência inválida que Tom fez com a declaração de Jesus. Isto é, a partir de uma declaração infalível, mas específica, sobre algo relacionado a ver, Tom infere incorretamente que o próprio ver é uma forma confiável de obter conhecimento.

Tom quer provar que as sensações são infalíveis? Sua própria filosofia nega isso. Mas então, como o versículo que ele cita pode permitir erros na sensação, se Jesus está aprovando a própria sensação ao invés de fazer um julgamento infalível, mas específico, sobre algo relacionado à sensação?

Eu afirmo as palavras de Jesus no versículo, não a sensação dos fariseus (de ver a figueira). Por outro lado, sobre a base desse versículo, Tom afirma diretamente as sensações dos fariseus, infere um apoio geral para o empirismo, e então o aplica a toda a humanidade. Isso é de fato uma demonstração espetacular de raciocínio falacioso.

Além disso, como ele pode alegar que as sensações são falíveis? Sobre que base e por qual padrão ele afirma ou rejeita qualquer ocorrência de sensação, ou qualquer inferência a partir da sensação? Eu sei que “quando virdes a figueira, sabeis que está próximo o verão” é verdadeiro somente porque Jesus assim o disse. Os fariseus poderiam estar errados sobre todas as outras ocorrências de sensação.

Se vamos ser lógicos e racionais, então sejamos *estritamente* lógicos e racionais. Uma inferência é válida somente se você puder escrevê-la como um silogismo e mostrar que a conclusão necessariamente segue-se das premissas. Tom fracassa em fazer isso em sua defesa da sensação como um meio de conhecimento.

5. O Argumento Ateísta a partir da Existência¹⁸

A alegação sendo feita é que o teísta, ao afirmar a existência de Deus, automaticamente (pressuposicionalmente) demonstra que aceita a prioridade da existência.

Os seguidores de Van Til frequentemente declaram como sua pressuposição a existência de Deus, ou a “Trindade Ontológica”. Em contraste, eu não digo que meu primeiro princípio é a existência de Deus, mas sim a revelação verbal divina inteira, que frequentemente chamamos apenas de “a Bíblia”.

Bahnsen explicou que, quando ele diz que seu ponto de partida é a existência de Deus, ou a “Trindade Ontológica”, ele quer dizer a mesma coisa que dizer que seu ponto de partida é a Bíblia toda. Contudo, não estou certo se essa alegação é comumente conhecida pelos seguidores de Van Til, mas ela não parece ser consistentemente consciente no pensamento deles e consistentemente praticada por eles.

Em todo caso, é melhor *sempre* dizer que nosso primeiro princípio é a Bíblia ao invés da existência de Deus; isto é, é melhor evitar totalmente implicar que nosso primeiro princípio seja apenas a existência de Deus. Menciono isso apenas para observar que a diferença na linguagem entre os defensores de Clark e os defensores de Van Til sobre esse ponto é deliberada, e muito provavelmente reflete uma diferença real em pensamento.

O ponto é que começar a partir da Bíblia toda ao invés de apenas “a existência de Deus” evita uma grande quantidade de problemas e dificuldades. Por exemplo, mesmo que você comece com a existência de Deus, você ainda não tem as outras coisas necessárias (proposições) em sua cosmovisão bíblica, incluindo coisas que são necessárias para afirmar a existência de Deus em primeiro lugar, tais como teorias de epistemologia, lingüística, e assim por diante. A menos que você comece com uma cosmovisão completa, e então proceda por dedução, a cosmovisão falhará sempre.

Pela mesma razão, mesmo que os ateístas possam começar com a “existência”, e daí?¹⁹ O que mais eles têm, incluindo as coisas que precisam para afirmar essa primeira proposição?

Deixe-me incluir algo aqui que escrevi para outra pessoa, e então retornar a esse assunto principal. Alguém me perguntou como responder se o não-cristão alega usar a “lógica” como seu primeiro princípio. O que se segue é parte da minha resposta:

Eu concordo que a lógica, ou digamos simplesmente “a lei da não-contradição” para ser mais específico, é de fato auto-justificadora num sentido – isto é, num sentido próximo e subsidiário, e não último.

¹⁸ O que se segue é uma correspondência editada. O assunto é um “argumento a partir da existência” usado por alguns ateístas contra teístas. Minha resposta é apenas uma aplicação do que já escrevi nos livros como *Questões Últimas* e *Apologética na Conversação*.

¹⁹ Penso que a definição deles de existência é um argumento circular, de forma que não podem nem mesmo começar, mas ignoraremos isso por ora.

Deixe-me explicar.

A lei da não-contradição é auto-justificadora pelo menos no sentido que ela é inegável; isto é, você deve afirmá-la até mesmo para negá-la. Por causa disso, seu oponente considera apropriado fazer da lei da não-contradição o ponto de partida dele, ou pelo menos um dos axiomas dele.

Mas a lei da não-contradição não pode ser um primeiro princípio independente na cosmovisão de uma pessoa.

Isso porque a lei em si não carrega nenhuma informação, de forma que a partir dela, uma pessoa não pode derivar nenhum conhecimento por dedução. Ele deve encontrar alguma forma de fornecer informação para a lei entrar em ação.

Visto que a lei da não-contradição já é o primeiro princípio dele, e precisamente por causa disso, o conhecimento por dedução estrita não é mais uma opção, a menos que ele tenha alguns outros primeiros axiomas, em cujo caso você terá que examiná-los.

Por exemplo, se os outros axiomas últimos dele envolvem intuição, então você pode atacar a intuição como um fundamento de conhecimento. Também, seus axiomas últimos devem ser auto-justificadores, consistentes uns com os outros, e suficientes para fornecer uma cosmovisão inteira.²⁰

Mas se ele tem a lei da não-contradição sozinha como seu primeiro princípio, e se não tem outros axiomas a partir da intuição, etc., então ele deve fornecer o conteúdo para o seu primeiro princípio funcionar por intuição, e isso significa que ele deve afirmar alguma versão de empirismo. Ele poderia apelar também à ciência ou ao “método científico”.

Aqui é onde as diferenças entre Van Til e eu necessariamente produzem uma diferença na abordagem. Nesse ponto, eu desafiaria o oponente a justificar racionalmente a indução, o empirismo e a ciência. Sem dúvida, ele diria várias coisas, mas visto que a indução, o empirismo e a ciência não podem ser racionalmente justificados, meu oponente não poderia continuar mais. Eu não teria que listar mais nada que meu oponente teria que dizer, a menos que passasse desse ponto, mas ele nunca o fará.

Em resumo, Van Til aceitava a indução, o empirismo e a ciência, mas ensinava que eles são ininteligíveis sem as pressuposições corretas. Eu discordo porque a indução, o empirismo e a ciência são irracionais em si mesmos, e mesmo com as pressuposições corretas não podemos

²⁰ Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas*.

resgatar o que é inerentemente errado. Por exemplo, mesmo que eu faça da Escritura meu ponto de partida, isso não torna “ $1 + 1 = 99$ ” verdadeiro.

Você pode atacar o apelo do seu oponente à lei da não-contradição como seu primeiro princípio de outro ângulo – você pode apontar que qualquer proposição implica uma boa quantidade de filosofia – ela implica uma cosmovisão inteira.

Por exemplo, seu oponente diz: “A lógica (ou lei da não-contradição) é axiomática; ela é auto-justificadora”. Mas o fato dele poder dizer isso demanda que ele tenha uma teoria sobre epistemologia (lógica, verdade, conhecimento, etc.), metafísica (ele deve ter uma teoria sobre a natureza da realidade para explicar o fato que está falando, etc.), linguística (ele está usando uma linguagem), e várias outras coisas.

Isso significa que ele nunca pode descansar após alegar a “lógica” como seu axioma, visto que se você demander isso, ele também deverá apresentar a visão dele sobre cada assunto relacionado que faça sua afirmação desse axioma possível em primeiro lugar.

Além do mais, sua visão sobre cada uma dessas áreas deve ser racionalmente defensível (você deve atacá-lo em cada uma), e coerente (e.g., sua visão sobre linguística não deve contradizer sua epistemologia).

Nenhum não-cristão pode satisfazer esses requerimentos. Assim, se você o pressionar sobre isso, ele nunca será capaz de continuar apenas dizendo: “A lógica é o meu axioma”.

Resumindo, à alegação que a lógica é axiomática e auto-justificadora, você pode responder com pelo menos (1) “Mas a lógica não contém nenhuma informação. Você ainda precisa de uma epistemologia defensível para supri-la com informação; mas então, sua epistemologia é defensível?”; e (2) “Mas simplesmente dizer isso demanda que você já tenha uma cosmovisão inteira que seja verdadeira e coerente, incluindo teorias sobre epistemologia, metafísica, linguística, mente, e assim por diante. Assim, explique e defenda todas essas áreas da sua cosmovisão”.

Se ele falhar em satisfazer (1) e (2), então o fato da lógica ser auto-evidente é irrelevante. Isso não o ajuda de forma alguma.

Isso é diferente para o cristão. A Bíblia toda é o seu primeiro princípio, a partir do qual ele deduz toda a informação necessária para sua cosmovisão. A lógica já é uma parte integral da Escritura desde o início, mas não é um axioma independente.

Sem explicação adicional, espero que você compreenda como o exposto acima se aplicaria igualmente ao se usar a “existência” como o ponto de partida de alguém. Em resumo, uma pessoa precisa muito mais que apenas a idéia de “existência” em sua cosmovisão para até mesmo simplesmente afirmar a “existência”.

A única estrutura noética defensível é a dedução a partir de um primeiro princípio auto-justificador, e a única forma disso ser possível é se seu primeiro princípio contiver toda a informação necessária em sua cosmovisão. Nem “Deus existe”, nem a própria existência podem satisfazer isso.

Se você não começa com toda a revelação divina, seu ponto de partida não terá toda a informação que você precisa para sequer iniciar. Então, você terá que depender da indução, intuição, empirismo, etc., para fornecer informação ao seu primeiro princípio. Mas então, como você conhece seu primeiro princípio em primeiro lugar? Se é por esses métodos, então como ele é primeiro? Também, se esses próprios métodos fracassam, então mesmo que você possa ter seu primeiro princípio limitado, será o mesmo que não ter nada.

Para repetir, em termos da estrutura de uma filosofia bíblica defensível (não estamos falando sobre o que vem metafisicamente primeiro dentro da cosmovisão bíblica), Deus está no mesmo nível com tudo o mais no topo (que é o todo da revelação). Quer seja Deus, “existência”, linguagem, epistemologia, etc., todos eles começam no topo com toda a revelação divina como o primeiro princípio. O argumento ateu a partir da existência começa a partir da “existência”, e eu estou dizendo que eles não podem fazer isso, a menos que tenham tudo o mais que torne isso possível (assim, eles ainda precisam adicionar uma cosmovisão inteira). Mas eu tenho tudo, incluindo lógica e “existência” (seja lá o que isso signifique), sobre o mesmo nível no topo, de forma que meu primeiro princípio tem o conteúdo para fazer tal afirmação possível em primeiro lugar. Tudo que preciso está envolvido desde o início; de outra forma, ninguém pode começar de forma alguma.

Também, eu me pergunto como o argumento deles poderia refutar o panteísmo.

Quando um pressuposicionalista falha em ser eficaz, isso é frequentemente porque o argumento do oponente o desvia do seu pensamento pressuposicional. Isto é, o oponente diz algo que de alguma forma distrai o crente, fazendo-o ver as coisas a partir da falsa perspectiva do incrédulo, e se ele não pode argumentar de volta usando a perspectiva do incrédulo, ou se falha em voltar aos seus próprios princípios, então ele está em apuros. Mas isso não é uma falha da apologética pressuposicional, mas sim uma falha em aplicá-la consistentemente.

6. O Argumento Transcendental para o Materialismo²¹

Ele disse que iria empregar o argumento transcendental para o materialismo. Isto é, eu preciso usar a minha boca física para dizer “lógica”. Eu preciso usar o meu corpo físico mesmo para me manter no debate.

Da forma aqui exposta, o argumento falha na tentativa de provar o materialismo como tal. Na melhor das hipóteses, demonstra que existe um mundo físico, e que quando falamos, fazemos uso do nosso corpo físico.²² No entanto, o materialismo afirma que a matéria física é a realidade ou essência última, talvez mesmo única, e que não existe a mente imaterial ou o espírito. Longe de provar tal noção, o argumento fracassa em remeter a isso de todo modo. Por exemplo, ele não demonstra que pensamos com e apenas com os nossos cérebros. Ele não apresenta nada para contradizer (para não dizer refutar) a minha crença que pensamos com as nossas mentes imateriais e que os cérebros não “pensam” de forma alguma.

Analisemos isso com mais atenção.

De minha parte, o fato de que existe um mundo físico não é uma conclusão derivada da sensação ou intuição, mas deduzida das Escrituras. E por “Escrituras” quero me referir à “Palavra de Deus”, ou a revelação verbal da mente de Deus. Assim, não estou me referindo simplesmente ao livro físico, no papel e na tinta, mas ao conteúdo intelectual não-físico do livro físico. *Não* estou negando que a Bíblia seja a Palavra de Deus – é claro que é –, mas estou dizendo que, num sentido estrito, a Palavra de Deus não é física, mas intelectual, pois estamos nos referindo à porção da mente de Deus que ele nos revelou. Isto é, se você rouba a minha Bíblia e a retalha em milhões de pedaços, você destruiu o livro físico, mas não a Palavra de Deus, que é o primeiro princípio do meu pensamento. O conteúdo intelectual da minha cosmovisão, ou a Palavra de Deus, reside no Logos divino, e de acordo com a providência ordinária de Deus, é comunicada diretamente à minha mente na ocasião das percepções visuais que tomam lugar quando leio a Bíblia, mas à parte das percepções visuais em si. As sensações fornecem a ocasião; elas não comunicam por si mesmas qualquer informação.

Essa é uma variante do “ocasionalismo”. Ela não é inteiramente nova, mas tem pontos em comum com a teoria da iluminação de Agostinho, a “visão de Deus” de Malebranche, e outras formas da “doutrina do logos”. Apesar de tudo, a minha versão não é idêntica com essas visões – ela é mais bíblica (pois que a sua base é exegética e evita as suposições antibíblicas das mesmas), e é mais “extrema” (isto é, coerente), pois a aplico a todos os aspectos da realidade na minha filosofia. Mas no fundo é simplesmente a implicação necessária da doutrina bíblica da providência de Deus sobre cada detalhe da sua criação.

Assim, uma das diversas formas que eu poderia derrotar essa espécie de argumento é propor que poderíamos estar debatendo dentro de uma realidade puramente metal, ou num sonho. Como podemos saber que não é o caso? Esta possibilidade não compromete a minha filosofia, uma vez que a minha filosofia não depende da sensação ou da indução – posso usar os mesmos argumentos com o mesmo efeito se estivermos

²¹ O que segue é uma correspondência editada. É a minha resposta ao assim chamado “argumento transcendental para o materialismo”.

²² Mas como veremos a seguir, ele falha em provar mesmo isso.

debatendo ou no plano mental ou no físico. No entanto, desde que o meu oponente é um empirista e/ou materialista, ele está preso ao mundo físico e a uma epistemologia física, de forma que deve primeiro provar que o debate está ocorrendo no plano físico.

É claro, há um mundo físico na minha filosofia, mas não porque eu o sinto ou percebo, e sim porque a Palavra de Deus não-física me diz que existe o mundo físico.

Resumindo, quando enfrento um oponente empírico, posso sempre levar o debate para o mundo puramente mental. Isso aniquila tudo aquilo que é de natureza física e empírica de que depende o meu oponente (visto que ele não pode provar que estamos agindo no mundo físico ou que existe um mundo físico), mas quanto a mim, posso agir perfeitamente no mundo puramente mental enquanto retendo o mundo físico ao mesmo tempo.

7. “Mas o que é Conhecimento?”

Como meus leitores estão cientes, eu nego que a indução, a sensação e a ciência possam produzir qualquer conhecimento, e tenho providenciado justificação bíblica e racional para esta negação em meus escritos. Além das típicas réplicas e evasões falaciosas, uma resposta é perguntar: “Mas o que é conhecimento?”. Isto é, se não podemos definir conhecimento, ou se não podemos justificar nossa definição de conhecimento, então, pareceria sem sentido dizer que indução, sensação e ciência não podem produzir qualquer conhecimento.

Eu tenho tolerado este sofisma por um tempo, mas visto que tenho sido inquirido por diversas vezes, e visto que tenho sido notificado que este ponto é algumas vezes trazido à tona em discussões sobre os meus escritos (como se ele destruísse totalmente os meus argumentos!), eu tratarei do mesmo brevemente aqui.

É verdade que quando usamos uma palavra, devemos freqüentemente ter uma definição apropriada e justificável para ela. Isto é especialmente importante quando a estamos usando no contexto de argumentos e silogismos precisos.

Contudo, a objeção acima perde o ponto. O ponto é que indução, sensação e ciência envolvem raciocínios *falaciosos* tais que *nunca* podem produzir conclusões logicamente válidas a partir das premissas. Isto é, é impossível usar indução, sensação e ciência para validamente raciocinar a partir da premissa X e Y para a conclusão Q com respeito a qualquer assunto P. Assim, nosso ponto principal permanece, mesmo se *nunca* definirmos ou sequer *mencionarmos* “conhecimento”.

Assumindo a premissa “*Eu vejo um carro vermelho*”, como é possível validamente raciocinar a partir desta premissa para, “*Existe um carro vermelho*”? Você precisa de outra premissa para preencher a lacuna entre “*Eu vejo*” e “*Existe*”, mas como esta premissa é racionalmente obtida e justificada, ao invés de ser simplesmente assumida persistentemente? Esse é o ponto.

Dessa forma, não há diferença racional entre pular de “*Eu vejo um carro vermelho*” para “*Existe um carro vermelho*”, e pular de “*Eu imagino um carro vermelho*” ou “*Eu desejo um carro vermelho*” para “*Existe um carro vermelho*”. Qual é a diferença racional entre sensação, imaginação e expectativa? Como alguém pode pular de “*Eu vejo*” para “*Existe*”, e não pode pular de “*Eu imagino*” ou “*Eu desejo*” para “*Existe*”? Qual é a premissa adicional que faz a diferença? E como esta premissa é racionalmente obtida e justificada? A questão não é nem mesmo a definição de conhecimento, mas a validade do processo de raciocínio.

A objeção é sofisticada e irracional. Quer definamos ou não conhecimento, e quer nossos oponentes definam ou não conhecimento, a objeção não começou nem mesmo a justificar a indução, sensação e ciência, mas ela procura nos distrair do ponto principal.

Mas se o desafio é definir “conhecimento” numa proposição tal como, “*Ciência não pode produzir conhecimento*”, então, deixe nossos oponentes primeiro definirem “*ciência*”, e então logicamente demonstrar como ela pode validamente alcançar qualquer conclusão sobre qualquer coisa, e então poderemos continuar para examinarmos nossa negação. Pois, se os nossos oponentes amantes-da-ciência nunca

tivessem alegado que a ciência pode alcançar conclusões racionais sobre qualquer coisa, ou mesmo produzir “conhecimento” (o que quer que este seja), então, não teremos nenhuma necessidade de fazer a negação em primeiro lugar.

Em outras palavras, eu posso afirmar tudo que tenho dito com respeito à indução, sensação e ciência, sem nunca usar a palavra “conhecimento” – e eu apenas terei dito algumas coisas de forma diferente. De fato, eu já fiz isso diversas vezes em meus livros. Por exemplo, eu poderia dizer que a ciência não pode validamente deduzir tudo sobre realidade. E até mesmo a realidade não necessita ser definida para estabelecer este ponto, visto que qualquer coisa X servirá – “afirmar o conseqüente” é falacioso, a despeito de sobre o que você esteja falando.

Assim, voltemos à questão real e pressionemos nossos oponentes para mostrar como a indução, sensação e ciência podem validamente raciocinar a partir de premissas para a conclusão.

Para aqueles que concordam comigo, nós estamos certos sobre isso. Nossa posição é bíblica, racional, irrefutável e tão óbvia que é ridiculamente fácil de defender. Apenas não deixe que trapaceiros intelectuais te intimidem ou te perturbem, e não deixe que eles roubem em suas teorias irracionais ao reivindicar falsamente apoio bíblico, como se falsas suposições pudessem ser encontradas em pressuposições verdadeiras, ou como se a mentira fosse justificada pela verdade. Pelo contrário, continuemos a esmagar as epistemologias antropocêntricas de indução e sensação, e a exaltar a revelação bíblica como a única fonte infalível de premissas verdadeiras, da qual podemos validamente deduzir conclusões sobre as muitas coisas que Deus escolheu nos desvelar.

8. Mas Onde está a Refutação?

O sr. H atacou sua posição sobre sensação e mencionou você por nome, mas penso que algumas das coisas que ele disse já foram respondidas por você em seus artigos. Não estou certo se ele as leu.

Aqui apenas lhe remeterei aos meus livros como minha resposta a *todas* as críticas que você possa encontrar em *algum lugar* escritas por *alguém* sobre esse assunto. Tenho confiança em meus materiais – eles são acurados e irrefutáveis. Sim, as pessoas podem escrever todos os tipos de coisas contra algo (mesmo contra a Bíblia), mas nem toda tentativa de refutação é logicamente correta ou bem sucedida.

Agora, uma posição irrefutável não é boa quando lida por um idiota, de forma que ajuda se meus leitores não forem estúpidos. Como o leitor acima escreve, “penso que algumas das coisas que ele disse já foram respondidas por você em seus artigos. Não estou certo se ele as leu”. Bingo! E se há algo não respondido nesses artigos, é porque (como já disse repetidamente) eles têm a intenção de serem suplementos aos meus livros.

Contudo, nem todo mundo ao menos percebe isso. Muitas pessoas são afetadas pelas coisas mais recentes que leram, e assim, quando lêem meus artigos, são influenciados por eles, mas então, quando lêem uma tentativa de refutação, mudam e pensam que estou errado. Então, eu ofereço minha resposta e eles ficam convencidos novamente. Assim, eles ficam oscilando entre posições diferentes, e nunca obtém estabilidade intelectual.

Há pelo menos duas razões para esse problema.

Primeiro, minha posição é amplamente desagradável, e sou capaz de convencer qualquer um somente pela racionalidade estritamente rigorosa e exegese bíblica precisa dos meus argumentos. Por outro lado, a maioria das pessoas favorecem alguma versão de empirismo, mesmo sem qualquer persuasão por outra pessoa, e mesmo se eles foram inicialmente despertados do seu sono empírico por meus escritos, é fácil para eles serem levados de volta ao empirismo por argumentos ainda mais fracos, ou mesmo com apenas uma pergunta retórica. Isto é, eles tomarão qualquer escusa para continuar com o que já preferem crer. Assim, embora objetivamente não haja nada contra mim, subjetivamente, tudo está contra mim.

Segundo, muitos leitores falham em aplicar os padrões estritos de racionalidade quando examinam argumentos e refutações. Eles falham em lembrar que nem toda réplica é uma refutação válida. Assim como qualquer outro argumento legítimo, uma refutação deve ter uma conclusão validamente deduzida a partir de premissas verdadeiras, e que contradiz a posição do seu oponente. Nada que o sr. H escreveu contra mim equivale a isso. Ele dá afirmações, especulações, perguntas retóricas, mas nenhum argumento (refutação) que raciocina a partir de premissas verdadeiras até uma conclusão necessária. Além do mais, nada que ele escreveu realmente apóia o empirismo. Assim, mesmo que me refute com sucesso, ele ainda terminaria com o ceticismo na melhor das hipóteses.

Ele tentou vários pontos *ad hominem* típicos, mas já tratei com eles em meus escritos – refutei-os como falaciosos ou irrelevantes, ou ignorei-os sem sofrer qualquer dano à coerência da minha posição. E novamente, um *ad hominem* não equivale a um apoio positivo para o empirismo.

Finalmente, “Mas o que é Conhecimento?” tem a intenção de responder uma objeção particular contra mim; em si mesmo ele não é uma refutação do empirismo – eu já fiz isso em outros lugares. Contudo, o sr. H interage com apenas esse breve artigo como se eu tivesse apresentado meu argumento principal ou até mesmo completo contra o empirismo ali, e que o que ele diz sobre o artigo mina, dessa forma, minha posição inteira sobre o empirismo. Mas novamente, ele falha em refutar até mesmo meu breve artigo.

Se você retornar ao artigo do sr. H, verá que ele falha em várias considerações. Mas eu não quero dirigir isso apenas contra o sr. H, visto que todas as suas objeções são típicas, e serão usadas novamente e novamente por outras pessoas. Seria improdutivo para eu escrever uma resposta específica a cada reprodução das objeções contra minha posição, quando já respondi a todas elas.

Novamente, não tenho nenhum problema em responder algo que seja novo, algo que nunca tenha abordado, e meus leitores testificarão que nunca me utilizei de manobras evasivas, nem preciso fazê-lo. Mas variações pequenas de objeções antigas e refutadas não merecem minha atenção. Algo que me force a responder terá que ser realmente, realmente bom. De outra forma, não há nenhum motivo para fazê-lo.

Não estou interessado em defender minha reputação ou competência, mas fico preocupado quando os leitores podem ser enganados. A solução mais simples é lembrar todos vocês que eu já tratei com todas as críticas típicas em meus escritos, e tudo que vocês precisam é ler ou revisá-las. Vocês deveriam perguntar, (1) O objetor nos dá argumentos e refutações reais? e (2) O objetor diz algo que já não foi respondido nos escritos de Cheung? É impossível escrever uma réplica específica para cada tentativa de refutação – apenas não a tome como uma tentativa apenas porque declara objeções antigas e refutadas de forma diferente.

Quanto àqueles de vocês que não estão familiarizados com meus escritos, insto que *leiam* meus materiais, lenta e cuidadosamente, e *realmente* tentem entender o que estou dizendo ao invés de rejeitar por causa das suas tradições e suposições, sem refutações reais. E lembre-se, uma “refutação real” deve ser mais que uma afirmação ou uma pergunta retórica, mas assim como todo argumento válido, deve ser uma conclusão validamente deduzida a partir de premissas verdadeiras; de outra forma, ela não é nada mais que uma expressão da desaprovação subjetiva da pessoa.

9. Empirismo “Bíblico” Incoerente

Um argumento alega que o Escrituralismo²³ é incoerente porque a proposição, “Todo conhecimento vem de proposições bíblicas e suas implicações necessárias”, não é ela mesma uma proposição bíblica, e não pode ser deduzida a partir de proposições bíblicas; portanto, se alguém aceita o Escrituralismo, essa pessoa deveria rejeitar o Escrituralismo.

Contudo, esse argumento é uma falácia lógica. De fato, ele está dizendo apenas que o Escrituralismo é falso porque ele não é verdadeiro, mas ele diz isso sem mostrar que o Escrituralismo não é verdadeiro.

Mas o princípio pode ser de fato deduzido a partir da Escritura. A Bíblia ensina que Deus é infalível, que a Bíblia é sua revelação infalível, que Deus controla todas as coisas, que o homem é falível, que as sensações e intuições do homem são falíveis, etc., etc. – coloque tudo isso junto, e você tem o Escrituralismo.

Então, pense sobre o empirismo. Sim, é frequentemente assumido que a sensação é um modo geralmente confiável de se obter conhecimento. Mas considere apenas alguns dos problemas relacionados ao empirismo e à ciência:

1. Se o empirismo é racional, então deveria ser possível demonstrar sua racionalidade por um processo válido de raciocínio. Qual é esse processo de raciocínio? E ele é realmente válido?
2. Se o empirismo necessariamente usa a indução, então como ele pode evitar os problemas lógicos que acompanham a indução?
3. Se o empirismo é o próprio fundamento da ciência, então como a ciência pode ser considerada eminentemente racional quando ainda temos que defender o empirismo?
4. Então, o que dizer sobre o fato de que o método científico, por sua própria natureza, pratica a falácia de afirmar o conseqüente em todo experimento?

Alguém que condena minha oposição ao empirismo deve mostrar como ele pode saber algo por sensação através de sua epistemologia parcial ou totalmente empírica.

Ele não pode prová-lo pela “pura razão”, visto que a própria lógica não carrega nenhum conteúdo a partir do qual ele possa derivar uma prova para o empirismo, e usar a intuição como um fundamento para a sensação requereria uma prova para a intuição como um caminho para o conhecimento, bem como um padrão comprovado para determinar qual ocorrência de intuição é correta.

Então ele alega que a Escritura fornece as pré-condições para o empirismo? Ela certamente fornece as pré-condições para entendermos que ele é irracional e falso, mas ela fornece a justificação racional para dizermos que o empirismo é verdadeiro? Mateus

²³ Esse é o nome dado à filosofia de Gordon Clark, e frequentemente aplicado a mim também.

24:32 não é o único versículo da Bíblia.²⁴ O que dizer sobre João 12:28-29 e 2 Reis 3:16-24?

Se a Escritura mostra apenas um caso em que a sensação não é confiável, então precisamos pelo menos de um padrão ou método confiável pelo qual podemos dizer qual ocorrência de sensação é confiável. Qual é esse padrão ou método? E esse padrão ou método é realmente confiável?

Ou, se eles alegam que uma sensação verifica a outra, então isso é uma falácia lógica, visto que não sabemos que uma é certa, e talvez ambas estejam erradas.

Assim, não importa quantas passagens bíblicas eles mostrem, mas enquanto houver ao menos uma passagem na Escritura que sugira a falibilidade da sensação, então voltamos à questão de um padrão ou método pelo qual podemos dizer qual ocorrência é confiável.

Mas eu já disse tudo isso em meus livros e artigos, de forma que tudo o que você precisa fazer é ler ou revê-los.

É engraçado para mim que alguns pressuposicionalistas têm argumentado tão apaixonadamente contra minha oposição ao empirismo, que é como se eles estivessem agora defendendo o empirismo, e numa maneira que frequentemente contradiz o que eles diriam quando argumentam contra o evidencialismo na apologética.

Apenas não se esqueça de perguntar se, à medida que eles atacam uma oposição ao empirismo, eles não têm justificado o empirismo. Como eles têm feito isso? E se o empirismo (qualquer grau ou tipo) é parte da epistemologia deles, então eles devem primeiro justificar o empirismo antes de atacar uma oposição ao empirismo; de outra forma, estão apenas argumentando em círculo, enquanto não permanecem em nenhum lugar.

Finalmente, considere isso. Se eles alegam que uma pessoa deve usar as sensações físicas para ler a Bíblia, e que, em algum sentido, as palavras da Bíblia são transmitidas à mente através das próprias sensações físicas, e se eles admitem também que as sensações são falíveis, então o fato da Bíblia ser infalível ou não se torna imediatamente irrelevante para eles, visto que eles nunca podem ter uma Bíblia infalível na prática. Isso porque, em efeito, a Bíblia será apenas tão confiável para eles como o são as suas sensações.

Alguns deles dizem que a Bíblia ensina que Deus criou o homem numa forma que o homem pode usar seus sentidos para adquirir algum conhecimento, mesmo que as sensações sejam falíveis. Mas há pelo menos dois problemas com isso:

1. Eles apenas estão dizendo que você deve usar os sentidos para ler a Bíblia em primeiro lugar, mas como eles descobriram o que a Bíblia diz sobre sensações sem primeiro provar a confiabilidade da sensação? Eles argumentam em círculos.
2. A Bíblia fornece muitos exemplos mostrando que os sentidos são falíveis, que eles são frequentemente enganosos. Assim, mesmo que esqueçamos o ponto

²⁴ E como já temos mostrado, Mateus 24:32 não pode provar uma epistemologia “Eu vejo, portanto eu sei”.

anterior, ainda estamos embaraçados quanto a quais ocorrências de sensações são confiáveis, e voltamos ao ponto de partida uma vez mais.

Assim, é a visão deles que é realmente incoerente.

Por um lado, meu esquema vence todas essas dificuldades, visto que começo a partir da mente de Deus, e não dos sentidos do homem.

Nesse ponto, eles algumas vezes exclamam: “Bem, então você não pode saber nada!”. Mas isso não prova que o empirismo é a saída para o ceticismo! Assim, não seja enganado por argumentos como esses.

De fato, meu método sobrepuja o ceticismo por começar com a Bíblia – isto é, ele realmente começa com a porção da mente incorpórea de Deus que foi verbalmente revelada na Escritura – ao invés de simplesmente dizer que começamos com a Bíblia, mas então permitir que nossas sensações falíveis sejam o único meio de conhecer o que está na Bíblia em primeiro lugar.

10. Falácias e Falácias sobre Falácias²⁵

Espero que esteja tudo bem com você, sua família e ministério. Eu sou continuamente abençoado por seus artigos diários e por como você luta por uma semelhança a Cristo em tudo, mesmo respondendo a críticas.

Estou desalentado com críticas ao seu método, especialmente da parte de outros cristãos. Do que posso dizer, o sr. M e outros falham em observar o que o Escrituralismo realmente é. Ele assume que isso significa que somente as proposições encontradas na Bíblia são verdadeiras e constituem conhecimento – eles excluem o que é deduzido como conhecimento porque dizem que “conhecimento por dedução” não pode ser encontrado na Bíblia. Embora eu ainda tenha uma compreensão pequena do Escrituralismo, não creio que seja a isso que essa filosofia adere.

Espero que você possa continuar forte em seu ministério de ensinar os cristãos. Mas uma parte da minha esperança é ver uma resposta a tais críticas também. Talvez no futuro eu possa ser capaz de ajudar.

Obrigado uma vez mais por seu ministério de ensino. Aprendi e cresci muito.

Muito obrigado por tomar tempo para escrever essa mensagem de encorajamento. É uma felicidade ter um leitor e amigo como você.

Como disse, se eu fosse responder toda tentativa de refutação, então provavelmente não seria capaz de escrever mais nada, visto que há muitas delas. E não é o caso dos críticos cessarem após minha resposta inicial – eles continuarão tentando, quer sejam bem-sucedidos ou não.²⁶

Assim, a menos que haja uma ameaça digna de atenção extra, devo seguir adiante após fazer algumas considerações gerais; de outra forma, o ministério inteiro seria raptado pelos críticos e conduzido por críticas. Eu devo permanecer focado em minha missão, de forma que não caia em tal armadilha.

Também, como tenho apontado, os efeitos gerais das críticas têm sido preponderantemente positivos para este ministério. Eu tenho ganhado muitos novos leitores e defensores para minha abordagem. Portanto, não fique desencorajado, mas antes regozije-se.

²⁵ O que se segue inclui uma correspondência editada. Ela tem a ver com um ensaio recente contra minha filosofia e apologética. Visto que já escrevi vários artigos relacionados, a princípio não planejei transformar essa correspondência em outro artigo. Mas então, percebi que a discussão poderia ser usada para estabelecer alguns pontos gerais que poderiam ajudar leitores a defender a fé mais eficiente e eficazmente. Assim, no que se segue, deixarei que vocês leiam primeiro a correspondência, e então adicionarei alguns comentários gerais. Observe que mudei o nome do autor do ensaio em questão para sr. M – o mesmo não é o nome real de ninguém. O ponto principal não é sobre ele ou eu, mas sobre alguns conselhos gerais sobre apologética e debate.

²⁶ Mais do que nunca, parece que sempre que faço uma declaração pública sobre algo, e especialmente quando proclamo que Deus é o único Soberano e que a Escritura é a única fonte infalível de conhecimento, isso é imediatamente circulado, discutido, examinado, criticado e algumas vezes demonizado. Isso é frequentemente feito até mesmo por cristãos que se chamam calvinistas e pressuposicionalistas.

Agora, o sr. M me enviou o ensaio dele. E você está correto (novamente, estou feliz por meus leitores não serem idiotas) – uma falha em entender minha posição (ou simplesmente o “Escrituralismo” em geral) é verdadeiramente um dos problemas principais dele. Algumas das suas críticas são muito falaciosas, mas provavelmente ainda um pouco muito sutil para alguns dos leitores observarem, especialmente aqueles que não têm um bom entendimento da minha posição ou do Escrituralismo.

Antes de continuar, deveria observar que muitas pessoas, incluindo o sr. M, praticamente ou mesmo de fato identificam minha abordagem com o Escrituralismo de Gordon Clark. Como mencionei em vários lugares, isso é um equívoco. É verdade que minha abordagem tem muito em comum com a de Clark, e provavelmente em nenhum ponto principal *contradigamos* um ao outro, mas, todavia, as duas não são idênticas, de forma que algumas das coisas que são ditas sobre o Escrituralismo não podem ser cegamente aplicadas a mim; assim, embora tenhamos muito em comum, eu ainda difiro dele o suficiente para garantir um tratamento separado.

Muitos dos meus críticos falham em perceber isso ou recusam aceitar, de forma que as críticas deles não são apenas falaciosas, mas com muita freqüência simplesmente irrelevantes. Todavia, por causa de conveniência, e para evitar ter que lembrar constantemente meus leitores da distinção, no que se segue aplicarei o termo “Escrituralismo” tanto a Clark quanto a mim. Mas lembre-se que isso não é por preferência, mas por concessão temporária.

Para abordar o seu exemplo, tem sido sempre a alegação dos Escrituralistas que o conhecimento consiste de todas as proposições bíblicas juntamente com todas as suas implicações necessárias.

Logicamente falando, as implicações das proposições bíblicas não são realmente adições às proposições bíblicas de forma alguma, visto que todas as implicações de qualquer proposição já são inerentes na proposição, de forma que se as implicações necessárias de uma proposição são excluídas, logicamente falando, a própria proposição é excluída também.

Assim, é uma objeção estranha dizer que os Escrituralistas não podem estar corretos ou ser coerentes porque eles também afirmam o que é necessariamente deduzido de proposições bíblicas. Eles nunca se restringiram às proposições bíblicas à parte de suas implicações necessárias, nem devem fazê-lo, visto que todas as implicações das proposições bíblicas são inerentes nas proposições bíblicas. Antes, eles afirmam corretamente que o que é validamente ou necessariamente deduzido de proposições reveladas é igualmente certo tanto quanto o que é explicitamente revelado.

Então, embora eu afirme que somente as proposições bíblicas e suas implicações são infalíveis, eu nunca disse que essas são as únicas proposições pelas quais agimos. Ao invés disso, eu abrigo muitas proposições extra-bíblicas em meu pensar e viver diário – todavia, somente como opinião, não como informação infalível revelada. Isso me permite agir e discutir muitas coisas assim como o fazem não-Escrituralistas, com a diferença de fazer uma clara distinção entre opinião falível e revelação infalível, e nunca elevar a opinião ao nível da revelação.

E quando diz respeito à apologética, minha opinião não é a minha religião, de forma que isso não é o que defendo. Portanto, não é nenhum problema para eu reconhecer que sustento algumas coisas como opiniões falíveis, mas que quando diz respeito à minha fé bíblica, sustento-a como revelação infalível.

Por outro lado, o padrão não-Escrituralista de considerar algo como “conhecimento” ou informação confiável é muito baixo e irracional, de forma que muitas coisas são consideradas conhecimento ou informação confiável, mesmo quando carecem de justificativa racional, e são na verdade mera opinião e conjectura. O resultado é que os sistemas de crença deles são misturas de incerteza e confusão, e a epistemologia irracional deles corrói quase toda parte da estrutura noética deles.

Eu citarei outro exemplo do sr. M. Em seu ensaio, ele critica minha afirmação que o conhecimento inato do homem tem conteúdo suficiente e é específico o suficiente de tal modo que corresponde somente à cosmovisão bíblica e exclui todas as outras. Ele pensa que essa é apenas uma afirmação, e que não poderia ter sido derivada de Romanos 1 e 2.

Mas Romanos 1 diz que esse conhecimento inato contém informação sobre os atributos de Deus, tais como eternidade e poder, e é específico o suficiente para condenar toda idolatria e até mesmo algo como homossexualismo. Então, Romanos 2 diz que as leis morais foram escritas nas mentes dos homens, e essa informação é completa e específica o suficiente para condenar ou escusar muitas das suas ações diárias.

Essa é uma grande quantidade de informação específica! Visto que esse conhecimento inato é completo o suficiente para condenar todos os que não adoram o Deus *cristão* ou as leis morais do Deus *cristão*, segue-se necessariamente que ele é completo o suficiente para excluir todas as idéias não-cristãs de Deus, e todos os conceitos de moralidade não-cristãos.

Sem dúvida, isso ainda não oferece toda informação sobre como alguém pode receber a salvação, mas é suficiente para condenar todos os não-cristãos. Opor-se a isso é também dizer que o conhecimento inato do homem é suficiente para excluir muitas *mas não todas* as religiões, de forma que se Deus condena os aderentes dessas religiões que não são excluídas pelo conhecimento inato do homem, isso não poderia ser feito sobre a base do conhecimento inato do homem. Contudo, essa visão (uma implicação necessária para negar minha posição) contradiz diretamente a própria idéia principal de Paulo em Romanos 1 e 2.

Também, o sr. M alega ser um cristão Reformado, mas minha posição sobre a extensão e conteúdo do conhecimento inato do homem como descrito aqui é uma doutrina Reformada padrão. Assim, parece que o sr. M não somente carece de um entendimento da minha posição, e uma capacidade para praticar raciocínio válido, mas também carece de uma compreensão básica da fé Reformada que ele alega compartilhar comigo. Isso faz das suas críticas ainda menos críveis. Assim, gostaria de lembrar novamente aos leitores que o simples fato de uma pessoa oferecer uma crítica não significa necessariamente que essa seja uma crítica bem sucedida.

Erros similares impregnam cada seção do seu ensaio, de forma que ele é apenas uma série impressionante de falácia e falácias sobre falácias. Como devo lidar com um ensaio desse tipo? É esperado que eu refute cada ponto? Mas você notou quanto tempo

requer-se para simplesmente abordar alguns pontos revelantes com clareza adequada? Eu vivo para responder meus críticos incompetentes ou para servir a Deus e ao seu povo? E se outra pessoa lançar outra série de falácias enquanto eu estiver ainda escrevendo minha resposta a essa? Sem dúvida eu seria incapaz de responder todas elas, não por ser intelectualmente derrotado, mas por ser sobrepujado fisicamente pelos esforços combinados dos meus críticos.²⁷

Finalmente, o sr. M falha em fornecer e justificar sua própria construção positivista, sua própria epistemologia e filosofia positiva, com a qual somente então poderia me criticar em primeiro lugar. Sempre lembre-se desse ponto – esse ponto sozinho aniquilará toda epistemologia não-Escrituralista.

Por exemplo, se alguém se opõe ao meu ocasionalismo e anti-empirismo, então qual é a sua epistemologia, e como ela é racionalmente justificada? Como *ele* pode ler meus livros e então criticá-los, a menos que seja um ocasionalista escrituralista como eu, ou a menos que tenha justificado racionalmente o empirismo? Se ele é o primeiro, então concordamos e não existe nenhum problema; se não pode ser o último, então ele falha completamente mesmo antes de começar.

Visto que nossas epistemologias são diferentes, ele não pode simplesmente criticar a minha sem ter a dele, e deve ser capaz de justificar a sua antes²⁸ de criticar a minha. Esse é o porquê as críticas dele devem ter suas próprias pressuposições básicas – enquanto ele me ataca, deve ter um fundamento para se apoiar enquanto tenta me atingir, e deve ter algo com o qual me atingir. Isso não seria verdade se tivéssemos as mesmas pressuposições básicas, mas discordássemos apenas nos detalhes subsidiários – naquele caso, ele poderia não ter que apresentar uma construção positiva e ser capaz de defendê-la, mas nesse caso, ele deve.

Eu poderia continuar, mas então isso realmente se tornaria outro ensaio. Eu quero apenas te encorajar também, que essas e outras críticas podem de fato serem respondidas adequadamente.

Estou feliz por você dizer que poderá ser capaz de ajudar no futuro. Eu também creio nisso. Se todos os meus leitores permanecessem bebês intelectuais, de forma que eu devesse vir para resgatá-los em cada pequena crítica, então na verdade eles não teriam aprendido apologética de forma alguma! E então, meus escritos não estariam fazendo muito bem prático, mesmo que sejam racionalmente corretos.

Obrigado novamente por sua lealdade e apreciação.

Agora, retornaremos à questão de como deveríamos responder falácias compostas. Embora tenhamos tomado muito tempo para chegar nesse ponto, minha preocupação principal nesse artigo, de fato, não é defender a mim mesmo, visto que os esforços dos

²⁷ Isso leva ao ponto geral que gostaria de levantar na próxima seção, e ao propósito pelo qual escolhi publicar esta correspondência. Isto é, gostaria de discutir como deveríamos responder falácias compostas na apologética. Mas primeiro, finalizaremos as porções restantes da minha resposta original.

²⁸ Não quero dizer necessariamente antes de uma forma cronológica, mas pelo menos logicamente antes; isto é, ele já deve ter uma justificação racional positiva para sua epistemologia pelo menos em sua mente, pronta para ser articulada e defendida a qualquer momento, antes de criticar minha epistemologia. De outra forma, racionalmente falando, ele não pode nem mesmo conhecer minha epistemologia, visto que não tem nenhuma epistemologia positiva e defensível própria pela qual conheça a minha.

críticos são insignificantes, mas ajudar você a se tornar um apologista melhor. Essa seção poderia realmente parecer um pouco anticlimática, visto que após tudo que disse acima, preciso apenas esboçar uma resposta geral aqui.

Não-cristãos têm escrito livros inteiros documentando os alegados erros na Bíblia, muitos dos quais são supostas auto-contradições. Usaremos isso como um exemplo ao considerar a questão de como tratar com múltiplas falácias, com um foco sobre as supostas auto-contradições.

Uma opção óbvia, sem dúvida, é escrever nossos próprios livros para tratar com cada suposta auto-contradição na Bíblia, e alguns cristãos têm feito exatamente isso. Certamente essa não é uma abordagem errônea, especialmente se esses livros resolvem com sucesso cada suposta auto-contradição, mas ela tem suas deficiências. Primeiro, requer-se muito tempo e energia para escrever esses livros. Segundo, um leitor que deseja entender como responder cada suposta auto-contradição provavelmente precisará ler os livros escritos pelos não-cristãos para entender as alegações, e então ler também os livros escritos pelos cristãos em resposta àquelas alegações. Isso poderia requerer muito esforço e gastos. Terceiro, logo após os cristãos publicarem suas respostas às supostas auto-contradições, os não-cristãos então retornarão com suas réplicas. E quase cada passagem em questão será considerada como um caso individual.²⁹

Novamente, não sou contra fornecer uma resposta a cada suposta auto-contradição, mas é de fato inconveniente, o processo de ida-e-volta nunca terminará, e alguns crentes ficarão confusos e incertos. Em vez disso, quer forneçamos ou não respostas específicas imediatamente para todas as supostas auto-contradições, podemos dirigir a atenção para um problema mais básico com essas críticas – quase todas elas mostram que os não-cristãos realmente não entendem a natureza de uma contradição, isto é, o que uma contradição é ou significa.

Quando uma proposição é *corretamente* dita contradizer outra, o que isso significa é que uma torna a outra logicamente *impossível*. Que uma proposição é diferente da outra não indica uma contradição, e que uma proposição inclui informação que a outra não tem não indica uma contradição. Por exemplo, “Maria veio ao meu jantar festivo ontem à noite”, não contradiz de forma alguma, “Havia cinco milhões de pessoas no meu jantar festivo ontem à noite”. A primeira proposição não diz que Maria foi a única que veio, e a segunda não nega que Maria era uma das cinco milhões.

Esse é um ponto muito simples, mas os não-cristãos parecem muito desatentos para o mesmo quando acusam a Escritura de conter inúmeras auto-contradições, quando o que realmente acontece é que esses não-cristãos estão apenas nos mostrando inúmeras vezes em que eles não têm nenhuma idéia do que uma contradição significa.

Essa resposta tanto ajuda os cristãos como refuta os não-cristãos, com relativamente pequeno esforço. Após captar esse ponto, um cristão pode competentemente abordar

²⁹ Considere também as objeções científicas dos incrédulos. Se eles publicam um livro contendo centenas de objeções científicas contra a Bíblia, uma opção é refutar *cientificamente* cada uma dessas objeções. Uma abordagem mais ampla é refutar *cientificamente* as próprias teorias científicas sobre as quais essas objeções são baseadas. Por outro lado, minha abordagem seria refutar *logicamente* a própria ciência, e então todas as objeções contra a Bíblia baseadas na ciência em toda a história humana, quer passadas, presentes ou futuras, são destruídas ao mesmo tempo.

qualquer exemplo que o não-cristão deseje discutir sem ter que ler primeiro uma enciclopédia inteira sobre todas as passagens bíblicas em questão.

Aplicando isso de volta à minha situação, embora minhas diferenças com outras pessoas incluam mais do que apenas minhas visões sobre empirismo, até que eles (aqueles que afirmam qualquer tipo ou grau de empirismo) justifiquem irrefutavelmente o uso da sensação como meio de conhecimento, não podem nem mesmo começar a me criticar. Eles não podem conhecer nada – sim, não podem nem mesmo ler a Bíblia, pois dizem que uma pessoa precisa dos sentidos para lê-la (o que eu nego), mas ainda não justificaram seus sentidos como meio de conhecimento. Por outro lado, eu posso ler a Bíblia precisamente porque rejeito qualquer tipo ou grau de empirismo, e ao invés disso afirmo que Deus governa sobre todos, incluindo o pensamento e o conhecimento do homem.

É fútil dizer que as pressuposições bíblicas fornecem as pré-condições suficientes para o conhecimento por sensação. Sim, as pressuposições bíblicas são requeridas para tornar os erros inteligíveis em primeiro lugar – eu concordo com isso – mas erros ainda são erros, a única diferença é que você pode agora pensar inteligivelmente sobre eles como erros. E esse é também o porquê posso pensar inteligivelmente no empirismo como falacioso. As pressuposições bíblicas não mudam a irracionalidade em racionalidade; elas podem fazer apenas a irracionalidade mais inteligível como irracionalidade.

Agora, a menos que haja uma prova absoluta de alguém que afirma qualquer tipo e grau de empirismo para como alguém pode conhecer algo (e para o cristão, como alguém pode ler a Bíblia) que não sobre a base de algo como meu escrituralismo, seria uma perda de tempo examinar mais tentativas de refutações. E o meu tempo é precioso – eu o dou liberalmente para edificar crentes ensináveis e evangelizar incrédulos, mas não para entreter aqueles que estão loucos para entrar numa luta que não podem vencer.

Pessoas como essas perseguiram Clark sobre as mesmas coisas até o dia em que ele morreu e, todavia, nunca ofereceram uma refutação bem sucedida ou a própria construção positiva deles.³⁰ Agora eles estão tentando fazer o mesmo comigo, mas recuso deixar que ditem a direção desse ministério. Sim, eu até mesmo recomendo os escritos deles e apoio os seus esforços apologéticos. Algumas dessas mesmas pessoas têm me pedido conselhos quando debatendo com incrédulos, e respondi os mesmos com preocupação genuína e sem qualquer condescendência. Além do mais, conhecendo a oposição pública deles contra mim, deixo o nome deles em privado para não embará-los.

Essa é a minha honra e a vergonha deles. Que Deus possa julgar entre nós.

³⁰ Veja Gordon Clark, *Clark Speaks from the Grave*.

11. Invencibilidade, Irrefutabilidade e Infalibilidade

Você sempre alega que seus escritos são invencíveis. Não estou dizendo que discordo de você, mas algumas vezes isso parece vigoroso, talvez um pouco vigoroso demais. Seus escritos não poderiam conter erros? Você até mesmo disse que removeu alguns dos seus escritos passados de circulação por não serem precisos.

Talvez haja um mal-entendido quanto ao que estou precisamente alegando e sobre o que estou fazendo a alegação, e parece haver certa confusão sobre os significados e implicações de invencibilidade, irrefutabilidade e infalibilidade. Mas é bom você ter perguntado isso, pois outras pessoas poderiam ter também um mal-entendido e confusão similares.

Eu alego que várias coisas que escrevi são invencíveis e irrefutáveis. Muitas das coisas que escrevi estão, de fato, em consonância com muitos outros teólogos, e nesses casos, especialmente onde eles apresentaram também argumentos similares, eu poderia tão prontamente afirmar que eles também são invencíveis e irrefutáveis nesses pontos.

Por exemplo, eu afirmaria que Martinho Lutero sobre a soberania divina, Charles Hodge sobre a justificação pela fé, Robert Reymond sobre a divindade de Cristo, e muitos outros teólogos sobre muitos outros assuntos, são invencíveis e irrefutáveis. Eles construíram corretamente seus argumentos para essas doutrinas a partir da Escritura, e a Escritura é invencível e irrefutável. Assim, quando alego que sou invencível e irrefutável em certos pontos, não estou alegando algo que seja exclusivo ou único a mim.

Isso é muito diferente de alegar infalibilidade. Como um exemplo, tome minha alegação que meu método apologético é invencível e irrefutável. Agora, dizer que certo método apologético é invencível e irrefutável é muito diferente de dizer que a pessoa é infalível, e que uma pessoa é falível não significa que ela esteja errada todo o tempo. É possível que eu escreva “1 + 1 = 2” centenas de vezes num ensaio sem cometer um engano, e esse ensaio seria de fato invencível e irrefutável (mesmo que não muito interessante), mas isso não significa que eu seja infalível como uma pessoa.

Eu parei de deixar alguns dos meus antigos materiais disponíveis porque eles “continham erros”. Isso é verdade, mas eu nunca aleguei infalibilidade, e não preciso de infalibilidade para ser invencível e irrefutável em alguns pontos. Também, nunca disse que eles eram cheios de erros, mas somente que me aprimorei e escrevi materiais melhores para substituí-los. Isso também implica que mantenho para mim mesmo um padrão muito alto, e assim, se isso é relevante de alguma forma, o mesmo tende a confirmar minha credibilidade ao invés de miná-la.

Esses materiais antigos continham várias deficiências e erros por que: (1) Quando os escrevi, eu era praticamente uma criança, e (2) No tempo da escrita deles, eu não tinha considerado ainda os assuntos relevantes tão ponderadamente e nem mesmo com consideração prolongada e agonizante como fiz desde então. Em adição – e esse é um

ponto importante – nunca aleguei invencibilidade ou irrefutabilidade para esses materiais antigos.

Também, isso mostra que estou disposto a admitir meus próprios equívocos, mesmo ao ponto de tirar materiais das prateleiras e então publicamente discutir isso. Assim, não há nenhuma hipocrisia intelectual ou duplo padrão aqui: estou apenas sendo tão duro para com erros nas minhas obras, assim como o sou para com aquelas nas obras de outros.

De qualquer forma, aqueles materiais foram produzidos no estágio inicial do meu ministério, não muito após minha conversão, e embora eu não fosse nem de perto tão conhecido quanto sou agora (não que eu seja muito conhecido agora, mas era ainda mais obscuro então). Assim, eu poderia facilmente esquecer de mencionar isso e ninguém notaria. Todavia, não tentei ocultar meus erros passados, mesmo que não tenha nenhuma obrigação moral de dizer a *todo o mundo* sobre eles, incluindo aqueles que nunca tinham me lido antes.

É com essa mesma mentalidade, e a mesma disposição em admitir erro quando estou errado, que insisto que não há nenhuma possibilidade que meu método apologético atual (entre outras coisas) possa ser derrotado ou refutado, quer por razão ou por revelação. Eu admitiria isso se fosse sequer possível que eu estivesse errado sobre ele, mas não posso fazer tal admissão, pois não há nenhuma chance que eu esteja errado sobre isso. Essa é a pura verdade, e dizer outra coisa não seria humilde, mas desonesto.

Em contraste com esses materiais antigos, todas minhas crenças com respeito aos assuntos centrais em minha teologia e em meus escritos são conclusões resultantes de consideração cuidadosa, comparação diligente, e deduções rigorosas. Para o resto da minha vida, há possibilidade zero que eu mude minha mente com respeito a esses pontos centrais.

Por exemplo, eu nunca abandonarei o Calvinismo para abraçar o Arminianismo. Isso não é porque eu tenha me tornado imobilizado em minhas preferências ou tradições pessoais, mas porque o Calvinismo foi bíblica e racionalmente estabelecido, e o Arminianismo foi bíblica e racionalmente demolido. O resultado é conclusivo, e eu o conheço. Visto que o conheço, irei falar sobre ele com uma segurança que seja compatível com minha certeza. Se estou certo, como posso dizer que poderia estar errado? Se disser que poderia estar errado, então isso significa que não estou certo. Ou eu não deveria estar certo sobre nada? Você está certo sobre isso?

Eu sou vigoroso porque, sob o risco de ser mal interpretado como arrogante, desejo transmitir minha confiança para com a Escritura às pessoas. E repetidamente lembro os leitores que estou tão certo somente porque minha própria confiança é derivada da infalibilidade da Escritura. Assim, não irei minar meus próprios materiais adotando uma falsa humildade, embora isso fosse mais socialmente aceitável.

Os cristãos testemunham tão raramente alguma fé em seus líderes que, quando alguém aparece e a mostra, todo mundo pensa que tal pessoa está sendo simplesmente arrogante. Mas eles experimentaram uma lavagem cerebral por um padrão não-cristão. Se os cristãos não podem alegar invencibilidade e irrefutabilidade por causa da infalibilidade da Escritura, então os não-cristãos sempre terão um lugar garantido na

esfera intelectual. Mas sobre a autoridade da Escritura e no nome de Cristo, eu não permito aos incrédulos tal lugar.³¹

Se algo é verdadeiro e você o afirma, então você deve estar certo nesse ponto. Se você não está certo que algo é verdadeiro, então não diga que é, e não há nenhum problema. Muitos teólogos e pregadores dizem: “Isso *deve* ser verdade... mas eu poderia estar errado”. Isso não é humilde, apenas estúpido. Não seja enganado pela constante auto-humilhação praticada por algumas pessoas. Pode ser que eles sejam de fato indivíduos humildes, mas por outro lado, podem ser apenas perdedores sem personalidade. Eles produzem um som duvidoso, e as pessoas que os ouvem se tornam confusas e hesitantes, ao invés de focadas e militantes.³²

Agora, outras coisas que não minhas posições sobre os assuntos centrais, admito que algumas das declarações em meus livros poderiam estar erradas. Mas eu nunca aleguei ser infalível, somente que meu método de apologética é invencível (ele sempre derrotará o oponente) e irrefutável (ele não pode ser derrotado por nenhum oponente). E ele é invencível e irrefutável porque é bíblico e racional. Isso ainda é verdade mesmo que certas declarações não-essenciais em meus livros estejam equivocadas. Novamente, uma invencibilidade e irrefutabilidade geral é muito diferente de infalibilidade ou perfeição absoluta, e eu nunca aleguei ser infalível ou perfeito.

Isso também se aplica a outros cristãos quando falam a partir da Escritura. Se você fosse escrever um ensaio mostrando a partir da Bíblia que Cristo é Deus, então você pode alegar invencibilidade e irrefutabilidade (mesmo que sua apresentação não seja a melhor, e mesmo que nem toda declaração em seu ensaio esteja correta). Algumas coisas são simplesmente *corretas*, e você deve conhecê-las e afirmá-las, e então passar essa confiança aos outros.

Dito isso, há de fato várias coisas – algumas principais e gerais, algumas menores e específicas – sobre as quais estou incerto. E se você for pesquisar meus escritos, descobrirá que sempre qualifico essas declarações com palavras como “talvez”, “provavelmente”, “é possível”, “é minha opinião”, e assim por diante.

Algumas vezes, estou incerto porque estou sendo consistente com minha epistemologia, de forma que não alegaria mais certeza que possa apoiar racionalmente. Em outros momentos, estou incerto porque não estudei e considerei a fundo as questões e argumentos relevantes, de forma que não estou disposto a tomar uma posição definida. Além do mais, há algumas coisas que me refreio de mencionar totalmente porque não estou certo ainda sobre a posição correta; nesse ínterim, continuo a gastar tempo pesquisando sobre esses assuntos.

De fato, eu qualifico muitas declarações com respeito a coisas que outras pessoas alegariam certeza baseadas em sua falsa epistemologia, mas meu padrão é muito mais

³¹ Isso está relacionado também com o porquê uso o que muitos consideram injúrias ofensivas quando descrevendo a inteligência e o padrão de vida dos incrédulos. Eu desejo fazer um contraste rigoroso entre a luz e as trevas, a sabedoria e a tolice, etc., para não mencionar que a maioria das injúrias que uso são diretamente tomadas da Escritura, ou derivadas dela.

³² Para ilustrar, uma pessoa pode perder mais fé ouvindo William Lane Craig defender a fé do que ganhar. Ele faz seus argumentos parecerem muito incertos. Tudo é fraco e meramente provável, mas nada é certo, nada é absoluto e irrefutável. Isso não é humildade – é apenas patético. Em termos de atitude, Norman Geisler é muito melhor.

alto. Isso também significa que quando declaro que uma determinada posição é invencível e irrefutável, eu já apliquei uma grande quantidade de ceticismo contra a posição do que qualquer um dos meus críticos e oponentes jamais poderia mostrar.

12. Excluído por Necessidade

Meu amigo me fez uma das objeções mais comumente levantada contra o Cristianismo, e eu sobriamente percebi que, visto que nunca tomei tempo para ler as críticas desse argumento, me encontrei despreparado para respondê-lo adequadamente.

Sua simples objeção é essa: por que o Deus cristão tem que ser o único Deus verdadeiro, e não o Deus de qualquer outra religião/mito? Percebi que poderia avançar e apontar as insuficiências de cada um dos deuses das principais religiões, mas há também uma forma positiva de demonstrar a alegação exclusiva do Cristianismo à verdade?

Seu ministério tem sido uma benção inimaginável para mim à medida que me preparo para uma universidade cristã nominalmente conservadora, onde a teologia liberal abunda disfarçadamente. Eu já comprei dois dos seus livros (*Confrontações Pressuposicionistas* e *Apologética na Conversação*) e estou super ansioso para que cheguem logo. Louvo a Deus por seus escritos e oro para que seu ministério continue a ser abençoado.

Para qualquer proposição verdadeira, existe literalmente um número infinito de erros ou desvios possíveis relacionados a ela. Por exemplo, se “ $1 + 1 = 2$ ” é verdade, então os erros ou desvios possíveis incluiriam $1 + 1 = 3, 4, 5, \dots n$.

Portanto, é impossível fazer uma refutação específica de cada erro ou desvio possível da verdade. Ao invés disso, o que precisamos é uma afirmação ou argumento positivo que exclua todos os erros ou desvios por necessidade lógica.

Em nosso caso, se o Cristianismo (a Bíblia) é verdadeiro, e esse mesmo Cristianismo declara que todas as afirmações e cosmovisões não-cristãs são falsas, então todas as afirmações e cosmovisões não-cristãs são, portanto, falsas por necessidade lógica.

Agora, eliminar todas as afirmações e cosmovisões não-cristãs por necessidade lógica demandaria que sua demonstração positiva fosse correta por necessidade lógica. Supondo que temos tal apologética, a situação se tornaria a seguinte:

1. O Cristianismo é verdadeiro por necessidade lógica.
2. O Cristianismo exclui todas as visões não-cristãs.
3. Portanto, todas as visões não-cristãs são falsas por necessidade lógica.

Assim, a chave é (1) – o resto é fácil e automático. E para obter (1), você terá que ler minhas obras sobre apologética e aprender como aplicar habilmente o método. Recomendo a leitura de *Questões Últimas* (pelo menos os capítulos 1 e 2), *Confrontações Pressuposicionistas* e *Apologética na Conversação*, provavelmente melhores nessa ordem.

Então, isso força seu oponente a interagir com a construção positiva do cristão, antes do que permitir que ele esquive-se da força da sua apresentação simplesmente arremessando meras possibilidades para você – visto que você destruir essas possibilidades, não por refutações específicas, mas por necessidade lógica.

Agora, se você está tratando com alguém com uma cosmovisão não-cristã específica, você pode também realizar uma refutação do seu sistema de crença particular. Isso funcionaria para mostrar que você não está tentando evitar os argumentos positivos dele, e (visto que alguém pode ficar confuso sobre eliminação por necessidade lógica) mostrar a ele que você não está se escondendo atrás de mero sofismo.

13. “Deus é Lógica”

Estou tentando caminhar com dificuldade por seus diferentes livros e documentos, de forma que, por favor, perdoe-me se eu não tiver chegado a esse assunto ainda ou se não o percebi.

Estou presentemente tendo uma discussão sobre Deus e lógica. Uma premissa tem sido feita de que “Deus=lógica” e “lógica=Deus”. Do seu ponto de vista, essa é uma premissa válida? Ou ela seria melhor declarada como “Deus é lógico!”?

Para dar um pequeno contexto, estamos discutindo a Trindade e como ela é lógica – o mesmo para a união hipostática de Cristo.

Uma pessoa disse: “Eu discordo com a declaração de que Deus é lógica. Isso é contrário à revelação bíblica. Lógica tem como seu alvo uma declaração verdadeira. É importante reconhecer que lógica é uma ferramenta, não uma verdade”.

Você tem alguns pensamentos sobre o assunto?

Eu digo algo sobre isso em meus livros, mas darei um sumário aqui.

Há diferentes sentidos nos quais podemos usar a palavra “Lógica”, e quando respondendo a questão, deveríamos especificar o significado.

É errado dizer categoricamente que “Deus é Lógica” é contrário à revelação bíblica, pois João 1:1 diz que Cristo é o “Logos”, o que pode ser tão facilmente traduzido por “Razão” ou “Lógica” como por “Palavra”. De fato, no contexto desse versículo, que apresenta Cristo como o verdadeiro “Logos” da filosofia grega (o princípio de racionalidade que estrutura, regula e sustenta todas as coisas) – mas no sentido correto e personificado – é provavelmente preferível traduzir o termo por “Razão” ou “Lógica” ao invés de “Palavra”.

Portanto, nesse sentido, é verdade que “Deus é Lógica”. Contudo, estamos usando a palavra num sentido pessoal e personificado – ou no sentido mais pleno. “Lógica” (talvez “Razão” seja a melhor palavra) nesse sentido é uma pessoa, e inclui conteúdo intelectual (tudo o que Deus sabe). A ênfase, então, é sobre a racionalidade de Cristo o Logos – que todas as coisas são consistentes em sua mente e em suas obras, que sua sabedoria e poder estrutura, regula e sustenta todas as coisas de acordo com sua perfeita racionalidade.

Nós frequentemente usamos a palavra “lógica” num sentido mais restrito — como nas “leis da lógica”. Quando estamos usando a palavra nesse sentido, então, eu não diria que “Deus é as leis da lógica”; antes, a relação entre as leis da lógica e Deus é que essas leis são *descrições* da forma como Deus pensa e opera. Quando estamos usando a palavra nesse sentido, então, “lógica” é deveras vazia de conteúdo; contudo, elas não são meras “ferramentas” – quando estamos pensando logicamente (de acordo com as leis da lógica), não estamos usando meras “ferramentas” de pensamento, como se elas fossem separadas e independentes da mente de Deus, mas estamos imitando a forma como Deus pensa e opera. Chamar as leis da lógica de meras ferramentas pode transmitir a idéia de que elas são algo que Deus tem meramente dado ou até mesmo inventado para nós usarmos (o que seria falso), ao invés de regras necessárias de pensamento que devemos seguir para imitar o padrão de pensamento e ação de Deus.

A distinção acima entre os sentidos pessoais e impessoais pode ser expressa somente escrevendo em maiúsculo as palavras “lógica” e “razão” quando estamos usando-as no sentido pessoal. Esse é o porquê algumas vezes uso a palavra “Razão” em meus livros e artigos quando me referindo a Cristo o Logos.

14. Cristo, a Razão

Eu me deparei hoje com uma carta escrita por Bahnsen com respeito a alguns problemas que ele tinha com John Robbins.

Num ponto, Bahnsen diz, com respeito a Clark: “Quem pode esquecer sua tradução exegeticamente atroz de João 1:1 (“No princípio era a Lógica”)?” Por que ele diz isso? Ele pensa que “No princípio era a Lógica” é uma tradução errônea? Se sim, por quê?

Pensei que você, Clark, Bahnsen e Robbins estavam de acordo com respeito a esse versículo. Qualquer ajuda que puder me dar para esclarecer isso será útil.

Bahnsen rejeita traduzir “logos” como “Lógica” nesse versículo. Aqui Clark está certo e Bahnsen errado. Dependendo do contexto, “logos” pode ser traduzido por várias palavras, tais como “palavra”, “discurso”, “proposição”, “sentença”, “razão”, “lógica” e várias outras.

Em João 1:1, o versículo está declarando a pré-existência de Cristo o Logos e sua relação com Deus (o Pai) e a criação. Em seu contexto histórico, João está declarando que Cristo é o cumprimento do Logos da filosofia grega – isto é, o princípio de Razão que estrutura e regula o universo todo. Sem dúvida, João não está dizendo que Cristo e o Logos grego são a mesma coisa, mas ele toma a palavra ou conceito e enche-o de significado cristão.

Dado esse contexto, “Palavra” é de fato provavelmente uma tradução inferior a “Razão” e “Lógica”. No mínimo, podemos dizer que “Razão” e “Lógica” não são traduções errôneas. Mesmo sem o contexto histórico, o contexto imediato da passagem deveria permitir também essa tradução. Considere também a relevância da “Sabedoria” personificada em Provérbios.

Algumas vezes me refiro a “Razão” com um “R” maiúsculo em meus livros e artigos. Isso é o que tenho em mente. Estou falando de Cristo, que é a Razão personificada – e rejeitá-lo é rejeitar toda racionalidade.

Não há nenhuma razão exegética legítima para proibir a tradução de “Logos” como “Razão” ou “Lógica” em João 1:1. As pessoas se refream dela provavelmente devido a um preconceito antiintelectual.

Visto que eu provavelmente nunca devotei um artigo inteiro em especial sobre o livro, poderia incluir uma breve declaração sobre o livro *Van Til's Apologetic* de Bahnsen, no qual ele faz várias críticas contra Clark.

Eu concordo com várias das críticas de Bahnsen – ele cita várias declarações dos escritos de Clark que eu de fato rejeito. Contudo, na maioria daqueles casos, não adoto as alternativas de Bahnsen. Em outras palavras, na maioria daqueles casos onde penso que Bahnsen critica corretamente Clark, rejeito tanto Bahnsen quanto Clark, e sustento minha própria posição sobre o assunto.

Mas então, o restante (isto é, a maioria) das críticas de Bahnsen contra Clark são escandalosamente errôneas. Embora eu espere que um seguidor de Van Til entenda e represente Clark incorretamente em alguns pontos, fiquei impressionado como Bahnsen entendeu e representou Clark tão pobremente na maioria das suas críticas. Aquelas porções do seu livro refletem uma erudição bem inferior daquela que creio que Bahnsen era capaz de oferecer. Se eu fosse representar incorretamente Bahnsen ou Van Til de uma maneira similar, provavelmente nunca escaparia ileso disso. O problema é que muitos leitores de Bahnsen podem jamais checar as referências correspondentes nas obras de Clark, e assim, ainda ficar com uma impressão de Clark que está *muito, muito, muito* longe da realidade.

Além do mais, mesmo nos casos onde Bahnsen represente a posição de Clark corretamente nesse livro, suas objeções são extraordinariamente fracas e irracionais. E em muitas dessas ocasiões, parece que Bahnsen não tem nenhuma refutação lógica ou alternativa racional de forma alguma; antes, parece que ele rejeita a posição de Clark simplesmente porque não gosta dela.

Esses lapsos no julgamento e racionalidade acadêmica da parte de Bahnsen podem ser devido a um preconceito anti-Clarkiano herdado – um preconceito que nunca recebeu uma justificativa racional apropriada. Mas não posso dizer se essa é a razão verdadeira ou principal, ou quanto isso explica.

Minha sugestão é que os leitores deveriam ignorar todas as críticas contra Clark no livro de Bahnsen até que pudessem checar de fato aquelas citações nos livros de Clark, e ler as mesmas em seus contextos completos.

15. Conhecimento Inato do Homem³³

Eu afirmo que o homem tem um conhecimento inato de Deus, com clareza e conteúdo tão suficiente que ele não tem escusa para negar a existência de Deus ou desobedecer-lhe.

Contudo, nego que um sistema de teologia possa ser baseado em nosso conhecimento inato de Deus. Ou, para dizer de outra forma, nego que o nosso conhecimento inato de Deus possa ser o primeiro princípio da cosmovisão bíblica – há conteúdo, clareza e objetividades insuficientes, entre outras razões.

Esse é o porquê nunca apelo à intuição para justificar qualquer parte da minha teologia ou para fazer apologética. Um entendimento acurado do conteúdo e da extensão do nosso próprio conhecimento inato de Deus vem, antes de tudo, da revelação verbal.

Para dizer isso de outra forma, embora afirme que temos um conhecimento inato de Deus, não baseio nossa fé e certeza ou a nossa teologia e apologética nesse conhecimento inato; antes, devemos basear essas coisas na revelação verbal.

Eu me refiro ao conhecimento inato em meus escritos, mas nunca faço isso como se a verdade do Cristianismo descansasse sobre o tal como o seu fundamento, ou como se esse conhecimento inato fosse em si mesmo a prova de que o Cristianismo é verdadeiro. De outra forma, isso se tornaria um apelo à intuição humana, e o argumento se tornaria subjetivo.

Antes, eu apelo a esse conhecimento inato somente para explicar o porquê as pressuposições bíblicas não são negadas na prática, mas são implicitamente assumidas até mesmo por incrédulos, e para explicar em que sentido temos um terreno comum ou um ponto de contato com os incrédulos quando pregando o evangelho para eles.

Assim, embora afirme que a Escritura seja de fato logicamente inegável, quando uso “inegável” no contexto da discussão do conhecimento inato do homem, a ênfase então não está sobre a inegabilidade *lógica* da Escritura, mas que algumas premissas bíblicas centrais não podem se negadas *na prática*, a despeito das alegações ao contrário dos incrédulos.

Assim, nos referimos ao conhecimento inato não para provar a Escritura (antes, é a Escritura que prova o conhecimento inato), mas somente para explicar por que podemos nos comunicar com os incrédulos e como nos relacionar propriamente com eles.

Em outras palavras, quando estamos falando do conhecimento inato de Deus, estamos considerando o aspecto *estratégico* da apologética, e não estritamente o aspecto *racional*. Que a Escritura é logicamente inegável é demonstrado engajando-se os próprios conteúdos da Escritura, e não o conhecimento inato do homem.

Algumas pessoas têm falhado em notar essa distinção em meus escritos (ou equivocadamente pensam que *tenho falhado* em fazer essa distinção em meus escritos), de forma que falsamente me acusam de ser incoerente sobre esse ponto (isto é, como se

³³ O que se segue é uma resposta editada a uma pergunta de um leitor. A pergunta tem a ver com um ponto que estabeleci em minha *Teologia Sistemática*.

eu negasse a intuição e então apelasse a ela). Antes, no meu sistema de teologia e apologética, (se não fosse o fato da Escritura ensiná-lo) podemos jogar fora o conhecimento inato do homem e o sistema permanecerá essencialmente não afetado (embora alguns ajustes práticos seriam necessários), visto que ele não depende do conhecimento inato do homem.

Então, você escreve: “Estou pensando que talvez o que seja suprimido é o conhecimento inato de Deus que está escrito no coração de todo homem”. Isso está absolutamente correto. Mas você poderia gostar de saber o porquê isso ainda é chamado de conhecimento, se é suprimido ao ponto de ser negado. A explicação é que apenas porque você conhece algo não significa que conscientemente pense sobre ele em todo tempo. Contudo, se você conhece algo, isso implica que ele pode potencialmente ser recordado.

Isso tem similaridades com o que as pessoas querem dizer quando se referem à memória “reprimida”, embora eu seja cauteloso quanto às implicações que podem advir do uso dessa palavra. Quando diz respeito ao conhecimento inato de Deus, a Escritura ensina que os pecadores conhecem a Deus em suas mentes, mas que eles têm, de uma maneira moralmente culpável, suprimido ou reprimido esse conhecimento. Greg Bahnsen chama isso de o “auto-engano” do pecador.

Na regeneração, o pecador eleito é *despertado*, como se de um sono profundo, para a sabedoria e conhecimento, e para a luz de Cristo e da Verdade:

“Mas, tudo o que é exposto pela luz torna-se visível, pois a luz torna visíveis todas as coisas. Por isso é que foi dito: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos e Cristo resplandecerá sobre ti” (Efésios 5:13–14).

Para ler mais sobre o conhecimento inato de Deus, e suas implicações e usos, por favor, veja minha *Teologia Sistemática, Questões Últimas e Confrontações Pressuposicionistas*.

16. Terreno Comum

Estou muito interessado num ponto que você apresentou em seu livro, *Confrontações Pressuposicionistas*. Minha esperança é que você explicará esse ponto adicionalmente para mim:

“O terreno comum real que o cristão tem com o não-cristão é que ambos foram criados à imagem de Deus. Contudo, o não-cristão suprimiu e nega esse terreno comum em sua filosofia explícita. Portanto, em termos de nossas filosofias explícitas, não há nenhum terreno comum entre o cristão e o não-cristão. Mas o conhecimento de Deus é inescapável, e aparece de forma distorcida em vários pontos da filosofia do não-cristão. Assim, o cristão argumenta que o não-cristão sabe algo sobre o verdadeiro Deus e nega isso, o que significa que o não-cristão não tem escusa e está sujeito à condenação”.

Nunca devemos dizer que não há absolutamente nenhum terreno comum entre os crentes e os incrédulos, mas podemos dizer que não há nenhum terreno comum explícito, visto que os incrédulos negam o que já conhecem sobre Deus. Mas visto que eles já conhecem algo verdadeiro sobre Deus, então não há nenhum terreno comum pelo menos nesse sentido, embora os incrédulos suprimam ou neguem isso em sua filosofia explícita.

Se não houvesse absolutamente nenhum terreno comum em algum sentido, então os incrédulos não seriam nem mesmo humanos. Contudo, temos pelo menos a imagem de Deus em comum com eles, e também o conhecimento universal e inescapável sobre Deus e suas leis morais.

Não há nenhuma concordância explícita entre a filosofia cristã e não-cristã, e nesse sentido, não há nenhum terreno comum. Isso está em oposição à apologética clássica e evidencialista, que diz que os incrédulos têm “terreno comum” no sentido que nem mesmo precisam rejeitar seus princípios básicos para chegar a Deus, e que apenas necessitam usar aqueles princípios de forma um pouco melhor.

Mas na verdade há zero terreno comum em nossa filosofia explícita, pois até mesmo $1 + 1 = 2$ significa algo diferente para mim do que para um incrédulo. Eu penso nisso com relação a Deus, mas o incrédulo não, e é possível escrever essa “relação” na forma proposicional. Portanto, “ $1 + 1 = 2$ ” é uma abreviação para algo que tem significados e implicações diferentes para crentes e incrédulos. Nesse sentido, não há nenhum terreno comum. Assim, os incrédulos devem abandonar seus princípios básicos para se converter.

17. Axioma e Prova³⁴

O conhecimento inato na maioria das vezes tem a ver com como podemos ter algum ponto comum de referência com os incrédulos, de forma que possamos nos comunicar com eles, e pressioná-los com respeito ao fato de que eles implicitamente reconhecem as premissas bíblicas, mesmo quando explicitamente negam-nas. Ele não está estritamente relacionado com a natureza auto-justificadora da revelação bíblica. Isto é, mesmo que não houvesse nenhum conhecimento inato, e mesmo que não houvesse nenhum ser humano, a Bíblia ainda seria objetivamente verdadeira, e auto-justificadora, sendo uma revelação de Deus.

Quanto a como um primeiro princípio pode ser auto-justificador, primeiro consideremos a lei da não-contradição. Esta lei é auto-justificadora no sentido de que ela é logicamente inegável – você deve afirmá-la na própria tentativa de negá-la. Contudo, como um *primeiro princípio* ela seria insuficiente, pois não contém (nenhuma) informação suficiente, incluindo a própria informação que você precisa para te dizer como pode saber sobre a lei em primeiro lugar (uma teoria de epistemologia).

Assim, quando digo que um primeiro princípio deve ter o conteúdo para se justificar, estou dizendo que ele deve suprir coerentemente todas as informações ausentes – sobre metafísica, epistemologia, lingüística, ética, etc. – de outra forma, o próprio primeiro princípio não teria informação suficiente para torná-lo possível.

O conteúdo do nosso primeiro princípio, certamente, é a Bíblia, e ele está sistematicamente expresso na teologia cristã, e esta é a base sobre a qual pensamos sobre o mundo e interagimos com os incrédulos.

Agora, Clark diz que todo sistema deve começar a partir de um axioma *improvável*³⁵ ou primeiro princípio. Propriamente entendido, isto é verdadeiro, visto que *por definição* uma “prova” envolve raciocinar até uma conclusão a partir de premissas anteriores. E se pudéssemos ter uma “prova” para o nosso primeiro princípio neste sentido, então nosso primeiro princípio não seria realmente primeiro (visto que seria uma conclusão derivada a partir de premissas anteriores), e estaríamos nos contradizendo ao chamá-lo de “primeiro” princípio.³⁶

Assim, Clark está correto, mas porque muitas pessoas não usam esta definição técnica para “prova” quando você diz que seu primeiro princípio é “improvável”, então eles tendem a pensar que isto significa que ele é arbitrário, ou que não pode ser racionalmente defendido. Estritamente falando, a falta reside nessas pessoas que compreendem incorretamente, e não em Clark, visto que eles falham em entender o que uma “prova” significa.

Eu frequentemente não chamo o primeiro princípio cristão de “improvável”, pois desejo evitar esse mal-entendido, isto é, que não podemos defender racionalmente nosso

³⁴ O que se segue é uma mensagem editada enviada em resposta a um leitor que perguntou sobre o primeiro princípio de uma abordagem bíblica para a filosofia e apologética.

³⁵ Nota do tradutor: Ou seja, que não pode ser provado.

³⁶ O mesmo ponto se aplica às palavras “indemonstrável” e “demonstração”.

primeiro princípio. Mas até mesmo Clark afirma que podemos defender nosso primeiro princípio, mas não pelo que ele chamava *tecnicamente* de “prova”. Por exemplo, em *A Christian View of Men and Things*, ele mostra como nosso primeiro princípio pode deduzir com sucesso um sistema intelectual adequado, e ao mesmo tempo, como outras opções têm falhado.

Minha diferença para com Clark neste ponto (embora eu não o *contradiga* aqui) poderia ser que eu enfatizado mais do que ele a natureza auto-justificadora e inegável do nosso primeiro princípio bíblico, e também como esse primeiro princípio exclui logicamente todos os outros. Desta forma, nosso ponto de partida não parecerá arbitrário (visto que é necessário), mesmo que, como declarei, a explicação de Clark não pareceria arbitrária para aqueles que entendem corretamente o que ele diz.

18. Protegendo Sua Fé³⁷

Sou um universitário de 20 anos, que estuda numa universidade secular. Gostaria de agradecer você por seu ministério. Suas obras são uma bênção para mim. Seus escritos têm me desafiado grandemente. Acho sua metodologia apologética iluminadora e bíblicamente convincente. Você também me desafiou a desenvolver um Calvinismo mais consistente.

Eu vou me graduar em filosofia para meu grau de Bacharel em Artes. Seus escritos têm me influenciado nessa direção. Quando iniciei a universidade estava temeroso da filosofia pagã. Eu não estava certo se minha fé seria capaz de se manter contra todo pensamento pagão. Após completar dois anos de universidade, estou começando a ver quão irracional os sistemas de pensamento não-cristãos são. Eu nunca teria sonhado que seria capaz de desafiar meus professores na frente de uma classe inteira e demonstrar que o que eles estavam dizendo é irracional. Raramente uma aula é finalizada sem que me seja ensinado algo que não faça sentido. Está se tornando mais fácil para mim analisar o pensamento não-cristão.

Obrigado por me ajudar a ver a superioridade da cosmovisão cristã. Eu ainda estou no processo de digerir seus principais escritos. Eu sei que estarei consultando suas obras nos próximos dois anos de meus estudos. Estou procurando me aprofundar mais plenamente em suas obras.

Obrigado por seus comentários, e por tomar tempo para se apresentar.

Sim, uma vez que você entendeu a superioridade e necessidade racional da cosmovisão bíblica, você não precisa temer nada dos não-cristãos. Nenhum argumento sequer chegará perto de você.

Todavia, eu lhe oferecerei um pequeno aviso importante.

A cosmovisão bíblica em si mesma, sendo uma porção revelada da mente de Deus, é racionalmente invencível, de forma que não importa quão alta seja a visão que você tenha dela, você nunca poderá sobrestimá-la. Contudo, frequentemente subestimamos os efeitos noéticos do pecado, de forma que sobrestimamos a nós mesmos. Considere a falsa confiança que os discípulos tinham antes de abandonarem a Cristo.

Assim, um princípio geral para sua vida cristã deveria ser guardar sua fé como o dom precioso de Deus para você, e mesmo que ela esteja segura em Cristo, e mesmo que você deva expressá-la e exercitá-la ousadamente, você não deveria ser descuidado com ela ou sujeitá-la deliberadamente ao abuso.

Portanto, embora graduar-se em filosofia numa universidade secular seja uma opção legítima no seu caminho para a construção de uma vida que glorifique a Deus, eu insto que você faça a preparação adequada.

³⁷ O que se segue é uma correspondência editada entre um estudante e eu. Eu lhe dei algumas dicas que gostaria de compartilhar com outros estudantes universitários. Estudantes que estão no segundo grau, bem como seus pais, deveriam prestar uma atenção especial também, e então tomar tempo para considerar o assunto em maior detalhe, além do que eu disse abaixo.

Por exemplo, você deveria olhar o currículo e os requerimentos do curso para uma graduação em filosofia na sua universidade, e conseguir uma lista das obras essenciais que terá que estudar e interagir com elas. Então, no verão, você deveria ler alguns desses livros para se assegurar que pode “manuseá-los”.

Essa abordagem tem várias vantagens.

Primeiro, você está lendo os livros, talvez pela primeira vez, em seu próprio ritmo e num ambiente da sua escolha. Você terá o tempo que precisa para construir cuidadosamente refutações para todos os argumentos não-cristãos neles, e procurar recursos cristãos relevantes para lhe ajudar com isso, sem a pressa e pressão que frequentemente acompanham o passo do ano escolar regular.

Segundo, isso lhe ajudará com seu desempenho uma vez que as aulas começarem novamente, especificamente se você fizer algumas anotações decentes enquanto lendo durante o verão.

Também, enquanto lendo durante o verão, se descobrir que sua fé não pode lidar ainda com essas obras não-cristãs, você ainda terá tempo para reconsiderar se é o melhor para sua vida espiritual aspirar uma graduação em filosofia. Julgando a partir do que você escreveu, isso não deverá ser um problema, mas dessa vez, você terá tempo para averiguar e assegurar-se.

19. A Futilidade dos Argumentos Pragmáticos³⁸

Aqui está a íntegra do ensaio sobre o uso de drogas. Adicionei algumas informações novas. Está completo, exceto quanto à sua edição final.

Penso que é um bom ensaio. Foi escrito no que apelidei de estilo “Vincent Cheung”. Quero com isso dizer que você tem uma lógica implacável em seus livros, e essa foi abraçada por este jovem.

Quanto ao seu ensaio sobre as drogas, não tive tempo para lê-lo com o cuidado que desejava, mas gostaria de retornar a ele rapidamente.

Penso que no geral, o ensaio está bom. Sua citação de John Frame é particularmente interessante:

Legalização de drogas, a meu ver, é uma opção a se considerar. A “guerra contra as drogas” não parece ter sido bem sucedida, e parece improvável que venha a ser o caso num futuro próximo. A legalização baixaria o custo das drogas e por sua vez, os índices de crimes. Estou inclinado a uma posição que legalizaria as drogas para os adultos, mas proveria duras penalidades àqueles que as vendem às crianças. Isso é um paralelo com as leis para o álcool e o tabaco. Estou inclinado a pensar que nesta área os adultos deveriam assumir a responsabilidade pelas suas próprias escolhas.

Eu não havia lido isso antes e fiquei surpreso que ele tenha usado um argumento pragmático tão pobre. No presente não tenho me surpreendido com argumentos ruins, mas às vezes são tão obviamente ruins que ainda me vejo tomado pela perplexidade, especialmente quando procedentes de pessoas que se supunha terem um conhecimento melhor. Talvez eu devesse baixar as minhas expectativas mais um pouco.

Agora, mesmo se pudéssemos concordar que a “guerra das drogas” não é eficaz, os argumentos pragmáticos são fracos, pois são freqüentemente formas de tentar fazer funcionar algo que não funciona – simplesmente porque as pessoas não cooperam.

Quanto à política de punição contra o uso de drogas, suponho que se fizéssemos até mesmo do uso mínimo de drogas um crime capital, punido com fuzilamento imediato, independente da idade, então a guerra das drogas de fato “funcionaria” mais eficazmente. Ainda melhor, se a política do governo fosse de execução imediata do usuário de drogas e de todos os seus amigos e parentes, estou convicto de que haveria menos usuários de drogas.

É claro, não estou sugerindo que esta deva ser a política, mas estou dizendo que quando uma pessoa faz uso de um argumento pragmático contra algo, posso freqüentemente passar uma sugestão que altera a conclusão.

Outro exemplo é a pena de morte. Aqueles que se opõem à pena de morte geralmente alegam que ela não é uma boa saída, pois fracassa em diminuir a criminalidade. Isto

³⁸ O que segue é uma correspondência editada. Um leitor enviou-me um artigo no qual tenta definir a perspectiva bíblica sobre o uso de drogas. Minha resposta visa demonstrar a futilidade dos argumentos pragmáticos.

assume que a punição tem apenas o propósito da intimidação, mas ignora que por hora precisemos perguntar *por que* a punição capital não é eficaz. Talvez porque após termos prendido e convencido o criminoso, o alimentamos, damos conforto, deixamos apelar repetidamente por 10 anos, provemos toda sorte de direitos e privilégios, e depois de tudo isso, o matamos com uma injeção letal.

Estou plenamente convicto de que a punição capital seria eficiente na intimidação se matarmos dentro de seis meses todos os criminosos assumidos, fazendo uso dos meios mais dolorosos e horríveis que se possa imaginar – e transmitindo tudo isso na televisão.

Novamente, não estou sugerindo que esta deva ser a política, mas apenas demonstrando que o argumento pragmático não é bom, pois se a alegação é que não funciona, então tudo o que tenho a fazer é sugerir algo que o faça funcionar. Quando você baseia um argumento sobre se algo funciona ou não, o oponente pode freqüentemente dar um contra-exemplo.

Além disso, é claro, há muitos outros problemas com os argumentos pragmáticos. Por exemplo, identificam o bem ou o “dever” com o prático. Também assume que o fim pelo qual os meios são julgados é de fato o fim que deve ser desejado.

20. Sem “Fé” Suficiente para ser um Ateísta?

No contexto de defesa do Cristianismo, crentes algumas vezes diriam algo como, “Eu não tenho *fé* suficiente para ser um ateísta”. Até mesmo alguns pressupocionalistas abusam da palavra dizendo que toda cosmovisão deve começar tomando seus primeiros princípios pela “fé”.

Contudo, isto é tanto bíblicamente falso quanto estrategicamente tolo.

Quando não-cristãos fazem a acusação de que afirmamos o Cristianismo baseado somente na “fé”, eles não estão usando a definição bíblica da palavra, mas por ela querem dizer algo como: “crença por mera suposição, sem qualquer justificativa racional”. Alguns cristãos então, fazem um caso racional para o Cristianismo, e concluem: “É necessário mais fé para ser um ateísta, e eu não tenho fé suficiente para ser um ateísta”.

Quando usada dessa forma, fé significa mera credulidade, e isso implica que o Cristianismo é afirmado por credulidade, sendo que a única diferença é que é necessário maior credulidade para ser um ateu. Este uso antibíblico da palavra encoraja nossa audiência a ter uma pequena credulidade, para que se tornem um cristão, mas não tanta, a fim de que não se tornem um ateísta. Mas se isto é o que “fé” significa, então por que não renunciar toda a credulidade e não ter fé alguma?

O problema é agravado ainda mais quando os cristãos afirmam *no mesmo contexto* que fé não é mera credulidade, mas que ela é racional. Mas se adicionarmos isto à declaração anterior, “Eu não tenho fé suficiente para ser um ateísta”, então, ela torna-se uma admissão que o ateísmo é mais racional, que é exatamente o que negamos quando primeiramente dissemos, “Eu não tenho fé suficiente para ser um ateísta”.

No contexto bíblico, fé é sempre uma coisa boa, e é sempre bom ter mais fé. Mas repentinamente, no próprio contexto da defesa da “fé”, afirmamos que o ateísmo deve começar também com “fé”, e que os ateístas de fato têm mais “fé”, visto que é necessário mais “fé” para ser um ateísta.

Então, na mesma discussão ou debate, dizemos também que “fé” é racional, e que os ateístas não têm fé de forma alguma, pois ela é um dom de Deus. Estamos dizemos então que um pouco deste dom divino nos faria cristãos, mas que muito dele nos faria ateístas?

Se estivermos usando a definição bíblica – se estivermos falando sobre o tipo de fé que temos e que queremos que os nossos ouvintes tenham – então, a verdade é que se eu tiver *alguma* fé, mesmo tão pequena quanto um grão de mostarda, não serei um ateísta. O ateísta não tem nenhuma fé, nem *mais* fé. Se estivermos usando a definição bíblica da palavra, então se você tiver *alguma* fé, já é um cristão.

Assim, este uso da palavra fé pode parecer esperto para alguns, mas é de fato antibíblico, tolo, confuso e auto-destrutível. Pelo menos no contexto de uma discussão bíblica, não deveríamos nunca usar a palavra desta forma, isto é, para denotar credulidade.

Ao invés de dizer, “Eu não tenho o suficiente de uma coisa *boa* para ser um ateu”, deveríamos dizer, “Eu não tenho o suficiente de uma coisa *ruim* para ser um ateu”. Assim, é muito mais apropriado dizer: “Eu não sou *estúpido* o suficiente para ser um ateu”.

Segue-se também que nunca deveríamos dizer: “Todos nós temos que começar a partir da fé”. Não, não temos. Todos nós começamos a partir de alguns primeiros princípios como o ponto lógico de partida de todo o nosso pensamento. Os cristãos afirmam a Escritura como o seu ponto de partida pela fé-razão (um dom divino de assentir à verdade, que é eminentemente racional), mas os não-cristãos afirmam seus vários primeiros princípios, que são falsos e irracionais, por sua impiedade e credulidade.

21. Quando Existem Múltiplas Perspectivas

Eu tenho presenteado cristãos em diversas ocasiões com seus livros.

Dos comentários que recebi das pessoas, parece que eles são muito resistentes a certos ensinamentos, embora nem sempre expliquem.

Algumas vezes a objeção deles é baseada no fato que vários pregadores têm opiniões diferentes, de forma que estão incertos quanto no que deveriam crer.

No caso do Calvinismo vs. Arminianismo, uma senhora que frequenta um seminário Pentecostal disse que uma vez ela leu um livro que continha cinquenta pontos apoiando o Calvinismo e outros cinquenta pontos apoiando o Arminianismo. Assim, no que ela deveria crer?

Ela simplesmente deu de ombros e disse, “Eu esquecerei tudo isso e apenas continuarei a pregar o evangelho” – talvez implicando que deveria se apegar ao Arminianismo visto que, em seu pensamento, o Calvinismo de alguma forma erradica o evangelismo.

Suponho que a doutrina da eleição não é a única coisa que eles não gostam, visto que afirmo muitas coisas que são contra a opinião popular, mesmo que sejam bíblicas e racionais.

Mas se eles discordam de algo, devem ter argumentos reais contra aqueles pontos que estabelecem, e esses argumentos devem realmente me refutar. A menos que tenham esses argumentos, então uma discordância teimosa é desonesta e pecaminosa. Quando apropriado, você deve pressionar esse ponto, visto que pode não ser óbvio para eles.

A verdade não está sujeita à preferência deles. Se a discordância deles é forte, injusta e teimosa o suficiente, isso pode significar até mesmo que não são realmente cristãos, visto que estão rejeitando a clara verdade bíblica e insistindo em crer no que é falso, a despeito do que a Bíblia diz.

Certamente, isso não é verdade apenas quando as pessoas lêem meus livros, mas é verdade quando lêem a Bíblia ou qualquer outro livro cristão. Isto é, se alguém discorda, então deve ter uma boa razão, ou se teimosamente discorda com o que é realmente um ensino bíblico, então isso é pecaminoso, e em alguns casos, pode até mesmo indicar que ele nunca foi convertido.

Você já deixou implícito que uma pessoa que alega ser incapaz de decidir baseada sobre o fato que existem argumentos de ambos os lados não permanece (e realmente não pode), todavia, neutra. Nesse caso, a mulher não pode dizer que desistiu de investigar e “apenas continuarei a pregar o evangelho”, visto que, especialmente no caso do Calvinismo e Arminianismo, a própria natureza do evangelho é a questão sendo debatida. Assim, o que é o evangelho?

É tolice recusar decidir simplesmente porque há múltiplas perspectivas. Existem argumentos a favor e contra muitas religiões. Se ela não pode decidir entre o

Calvinismo e o Arminianismo porque existem argumentos de ambos os lados, então nem deveria ela ser capaz de decidir a favor ou contra o Cristianismo. Assim, como ela se decidiu pelo Cristianismo, e como sua decisão persistiu?

Também, ela diz que existem argumentos de ambos os lados, mas ambos os lados possuem bons argumentos? Por exemplo, Arminianos frequentemente argumentam que o Calvinismo (especialmente com respeito a sua doutrina da eleição) ensina algo que é injusto. Isso pode desempenhar um poder persuasivo em muitas pessoas irracionais e descuidadas, mas não significa que seja um bom argumento. Como você sabe agora, existem algumas respostas simples e conclusivas para essa objeção. Essas pessoas simplesmente não as conhecem, ou em alguns casos, recusam respondê-las por causa de desonestidade intelectual pecaminosa.

Em aproximadamente um minuto, posso inventar dez argumentos afirmando que sou o Presidente dos Estados Unidos, mas eles não seriam argumentos muito bons. Eu posso dizer: “Eu quero ser o Presidente dos Estados Unidos, portanto, sou o Presidente dos Estados Unidos”. Esse é um argumento real, mas não um argumento bom. Outro: “Minha mãe diz que sou um bom garoto, portanto, sou o Presidente dos Estados Unidos”. Esse também é um argumento real, com uma premissa explícita e uma premissa assumida, levando à conclusão. Ms esse argumento também é falacioso e facilmente destruído. Não é muito difícil destruir cada um dos argumentos do Arminianismo. Em todo caso, seria supremamente estúpido para alguém dizer que agora ele está incerto se eu sou realmente o Presidente dos Estados Unidos, visto que há argumentos de ambos os lados!

Assim, uma das coisas que deveríamos fazer com pessoas que dizem que não podem se decidir entre o Calvinismo e o Arminianismo, porque parece existir argumentos de ambos os lados, é sentar com elas e examinar de fato esses argumentos.

Sua tarefa seria então mostrar que o Arminianismo na verdade não possui sequer um único bom argumento a seu favor. A verdade é específica e exclusiva, e não existe nenhum bom argumento para a falsidade. Assim, não é bom o suficiente se o Calvinismo ganha dez pontos e o Arminianismo dois – se você manusear as questões corretamente, o Calvinismo deverá ganhar todos os pontos e o Arminianismo nenhum.

Isso também se aplica quando diz respeito aos argumentos escriturísticos. Se o Calvinismo é verdadeiro e o Arminianismo falso, não deve haver sequer um versículo da Escritura que apóie o Arminianismo. Nós não afirmamos o Calvinismo porque existem mais passagens bíblicas que apóiam ele, mas porque todas as passagens bíblicas relevantes ou o ensinam explicitamente, ou pelo menos são consistentes com ele, enquanto não existe nenhuma passagem bíblica que ensine o Arminianismo.

Todavia, num livro onde há cinquenta argumentos apoiando o Calvinismo e cinquenta apoiando o Arminianismo, há provavelmente um bom número de péssimos argumentos para o Calvinismo entre aqueles cinquenta pontos, e alguns desses péssimos argumentos serão baseados num Calvinismo inconsistente. Seja qual for a razão, todos os argumentos ruins para o Calvinismo deveriam ser descartados. Mas então, se você examinar os cinquenta argumentos para o Arminianismo, deverá ser capaz de destruir todos os cinquenta facilmente.

Não faz sentido que uma pessoa deveria ficar confusa sobre um assunto simplesmente porque existem múltiplas perspectivas. Para toda verdade, existe logicamente um número infinito de falsidades ou desvios possíveis com relação a ela.

Por exemplo, se a verdade é $1 + 1 = 2$, então, podemos desviar disso dizendo $1 + 1 = 3$, ou 4, ou 5, ou 6, e assim por diante até o infinito. Esse é o caso com respeito a qualquer verdade. É um sinal de uma mente irracional e instável ser perturbado simplesmente porque pessoas discordam e oferecem argumentos para visões diferentes.

Por outro lado, mesmo que alguém concorde em algo, isso não significa que a posição na qual estão de acordo está correta. Assim, se algo é popular ou controverso é logicamente irrelevante.

22. Apologética para Estudantes Cristãos³⁹

Estou cursando Filosofia numa universidade no Texas. A faculdade é vinculada a uma igreja absurdamente liberal, e o departamento de filosofia é constituído de seis professores ateístas.

No último semestre tive aula sobre epistemologia moderna e fiquei desapontado ao constatar a falta de material cristão reformado nessa área. Foi um semestre desgastante para mim, sendo constantemente bombardeado pelos meus professores.

Seus ensaios deram-me esperança e coragem uma vez mais. São objetivos, de fácil leitura e de forma alguma “adoçam” ou comprometem a verdade. O meu estudo de verão tem sido muito excitante e gratificante.

Agradeça a Deus pelas incríveis bênçãos que ele tem lhe dado, bem como pela sua audácia de firmar-se pela verdade. Queria apenas deixá-lo ciente do quanto têm sido valiosos os seus livros para mim.

Acabei de comprar a sua *Teologia Sistemática*, *Questões Últimas* e *A Luz das nossas Mentes*. Eu topei com o seu *Apologética na Conversação* há poucas semanas atrás, e desde então tenho estado a ler os seus ensaios praticamente todos os dias.

Que outros livros você poderia me recomendar para adquirir?

Primeiro, recomendo que você *domine* a abordagem e o modo de pensar que tenho ressaltado nos meus livros. Só por fazer isso você já se tornará eternamente invencível para qualquer professor incrédulo ou filosofia que encontrar pela frente.

Lembre-se de que uma abordagem completa e eficiente na apologética bíblica exige que você se torne gradativamente mais conhecedor da sua própria cosmovisão bíblica. Assim, estudar teologias sistemáticas e comentários bíblicos confiáveis é um passo importante para se tornar um apologista melhor.

Em adição aos meus livros que você já citou, recomendo que também leia *Confrontações Pressuposicionalistas*, *The Sermon on the Mount*, *Oração e Revelação*, *Commentary on Ephesians*, e *Comentário sobre Filipenses*, quem sabe nessa ordem, mas isso fica a seu critério.

Assim, já que você é um estudante de filosofia, também recomendo *Thales to Dewey*, de Gordon Clark, em adição às minhas recomendações usuais sobre apologética.

Muito obrigado por responder!

Eu não posso encontrar palavras para dizer o quanto tenho considerado uma bênção para mim os seus livros neste verão. Você é definitivamente o professor apologista que eu oro e sonho em me tornar, e não falo isso para encher o seu ego, mas antes, para dar a *Deus* toda a glória devida.

³⁹ O que segue é uma correspondência editada. Eu espero que ela encoraje estudantes de ensino médio e universitários a estudar as minhas obras sobre teologia e apologética.

Eu também acho divertido você empregar o termo "idiota" em suas obras e dar justificativa para isso. Realmente fiquei em maus lençóis na minha classe existencialista por chamar Nietzsche de idiota no trabalho de conclusão de curso. O meu trabalho foi acerca da visão de Nietzsche sobre Jesus (ele cria que Jesus foi um mestre incrível que nunca alegou ser um salvador, Deus ou Senhor). Usei as Escrituras e escrevi sobre como Nietzsche não estava de forma alguma justificado em fazer as suas alegações sobre Jesus e como sua cosmovisão não era nem um pouco convincente. Não preciso dizer que o professor não gostou do meu trabalho e do meu uso de termos como "idiota".

Eu vou definitivamente comprar esses livros que você recomendou.

Obrigado.

A Bíblia é a infalível e ultra-racional Palavra de Deus, e assim qualquer um pode mais ou menos se tornar um apologista mestre enquanto se mantiver firmemente nela e argumentar fielmente a partir dela. Como escrevi em *Confrontações Pressuposicionistas*:

Os cristãos de hoje se embaraçam rapidamente com os desafios intelectuais lançados pelos incrédulos. Embora não sejamos divinamente inspirados como os profetas e os apóstolos, se dependermos completamente da revelação das Escrituras iremos de fato ser os filósofos mestres deste mundo. Porque nós temos a revelação como o fundamento da nossa filosofia, os incrédulos não estão de fato competindo contra a nossa própria sabedoria, mas com a do próprio Deus. Assim, se aprendermos a divina revelação com habilidade quando respondendo aos desafios deles, não pode haver contestação, mas seremos capazes de destruir todo argumento incrédulo, e embaraçar os opositores.

Qualquer crente pode tornar-se invencível contra a incredulidade, pois a cosmovisão bíblica é inerentemente superior. Você precisa apenas aprender a liberar o poder racional esmagador da revelação divina na escrita e na conversação.

Agora, em alguns contextos, é sem dúvida bíblicamente aceitável chamar alguém de idiota, ou escrever num trabalho que alguém, como Nietzsche, é um idiota. Como eu demonstro em meu artigo "Um Idiota com Qualquer outro Nome", passagens como 1 Pedro 3:15 têm sido universalmente mal-empregadas, de forma que condenariam até mesmo os profetas e os apóstolos, e também o próprio Cristo. O erro também resulta numa confrontação mais fraca à incredulidade.

Se você fundamentou o seu trabalho, tal que chamar Nietzsche de "idiota" é a conclusão apropriada da sua apresentação, seria irracional um professor rejeitá-la. Xingar é apenas uma falácia se não for produto de um argumento racional, mas se um rótulo depreciativo resulta de um argumento válido, é de fato uma conclusão lógica e não uma falácia. O argumento deve ser refutado antes que o rótulo possa ser racionalmente rejeitado. Mesmo assim, chamá-lo de "idiota" poderia não ser a única forma de estabelecer a sua conclusão, de forma que você terá que exercer sabedoria a fim de discernir se esta é a melhor forma de dizer isso num ensaio universitário.

Em todo caso, como demonstro no mesmo artigo, existe de fato uma aplicação prática de 1 Pedro 3:15 quando se está tratando com figuras autoritativas. Isso se aplicaria a professores universitários (bem como aos pais, a oficiais do governo, a patrões etc), de forma que mesmo que você procure confrontar com ousadia a incredulidade no ambiente universitário, tome cuidado para não desafiar os seus professores duma maneira antibíblica, e mesmo desnecessariamente pôr em risco as suas notas. Todavia, algumas ofensas são necessárias e inevitáveis, e nesses casos, você não precisa fazer concessões, mesmo que isso prejudique suas notas.

Comentários Adicionais

O sistema bíblico é inerentemente racional e invencível. Você não precisa de todo um conjunto de aditivos para melhorá-lo ou defendê-lo. Ele não pode ser atacado com sucesso, mas contém todos os componentes necessários para destruir todas as outras cosmovisões.

Logo, se uma pessoa compreende o conteúdo e a estrutura (tal como a conexão entre suas diversas partes) do sistema bíblico, e se é capaz de compreender o conteúdo e a estrutura da cosmovisão do seu oponente, então ele obterá sempre uma vitória decisiva em todo e qualquer debate.

Não existe qualquer possibilidade que essa pessoa perca ou mesmo fracasse na obtenção de uma vitória decisiva contra qualquer pessoa em toda a história humana – ou contra todas essas pessoas juntas. Essa pessoa será capaz de esmagar o próprio diabo num debate, pois ele não é maior que a mente de Cristo. Essa é a pessoa que você pode se tornar, e deve se esforçar para de fato ser, através de um estudo diligente e de uma oração persistente, e pela graça de Deus.

Nessa questão, os pais podem ajudar seus filhos ensinando-lhes desde cedo as doutrinas bíblicas e o pensamento racional. O mundo não-cristão não vai esperar até que eles estejam no ensino médio para só então ensinar-lhes a evolução, tentar dessensibilizá-los quanto aos relacionamentos homossexuais ou submetê-los à lavagem cerebral em outras questões.

Uma das vantagens como pais é que vocês têm pronto acesso aos seus filhos enquanto ainda jovens, de forma que vocês devem ensiná-los a pensar biblicamente desde já. E ensine o pacote completo – toda a vida cristã – isto é, incluindo a leitura bíblica (a Escritura e literaturas cristãs), práticas espirituais (oração, meditação) e aqueles traços específicos como compaixão, coragem, contentamento e serviço humilde. Uma razão porque você deve ensinar apologética bíblica aos seus filhos em primeiro lugar é para que possam preservar a fé, e treiná-los em todos os aspectos da vida cristã fará muito para que esse objetivo seja alcançado.

23. Metade Cheio, Metade Vazio

Li o seu livro *A Luz das Nossas Mentes*. Devo admitir, nunca soube que havia tanta coisa a favor da cosmovisão cristã.

Estive dialogando com certa pessoa que declarou: “a verdade é apenas uma questão de percepção”.

Ele explicou com uma ilustração. Pegue um copo de água que está cheio pela metade. Uma pessoa olhando para o copo pode dizer que o mesmo está cheio pela metade, e outra pode dizer que está vazio pela metade. Qual pessoa está certa? Essa era sua linha de argumento.

Por favor, mostre-me como responder algo como isso.

Eu abordei o relativismo (e subjetivismo, etc.)⁴⁰ em vários lugares nos meus livros, de forma que você deveria rever o que já escrevi sobre o assunto. Você deveria ler também meu livro *Apologética na Conversação*, para aprender como tratar com pessoas em conversas.

Uma resposta básica ao relativismo é que ele é auto-refutador. Se ele diz que a “verdade é uma questão de percepção”, então até mesmo *essa* declaração é somente uma questão de percepção, de forma que não pode ser universalmente verdade que a verdade é uma questão de percepção. Em outras palavras, que a verdade é uma questão de percepção é nada mais que a percepção da pessoa. Isso não significa que esse seja necessariamente o caso, e não significa que você tenha que aceitá-lo.

Então, a ilustração consiste de declarações que são muito ambíguas para provar o seu ponto, visto que deixa de fora informações vitais tais como o ponto de referência e os objetos sendo considerados, mas uma vez que você insere a informação faltante, as declarações se tornam claramente absolutas. Isto é, considerando a capacidade total do copo, metade dele contém água, e metade contém não-água (digamos apenas ar). Estou me referindo somente à água quando digo, “O copo está cheio pela metade”, e estou me referindo somente ao ar (parte não-água) quando digo, “O copo está vazio pela metade”, mas ambas as declarações são absolutas.

A alegação é sofisticada também. Você quer dizer algo definido e diferente por “verdade” (X) e “percepção” (Y), e tudo o que ele faz é mudar o significado de “verdade”, de forma que o prende à Y e não à X. Em outras palavras, ele está dizendo: “A palavra que você usa para designar X deveria, pelo contrário, ser usada para designar Y”. Mas então, o que dizer sobre X? Existe um X ou não? X é coerente ou não? Veja, ele esquivou-se de X sem refutá-lo. E, de fato, a ilustração dele meramente explica para você o que ele quer dizer por Y, ao invés de refutar a sua concepção de X.

Sim, é possível mudar a palavra “carro” de forma que se refira agora a uma bicicleta (declarando, “um carro é apenas uma bicicleta”), e então você pode descrever uma bicicleta para ilustrar seu significado, mas isso não tem nada a ver com o fato de existir

⁴⁰ Por conveniência, direi apenas “relativismo” no restante desse artigo.

ou não dispositivos motorizados de transporte com quatro rodas neste mundo. Tirar a palavra “carro” de você de forma alguma tira o carro.

Agora, uma vez que ele afirmou essa premissa, que a “verdade é uma questão de percepção”, de agora em diante, tudo o que ele disser deve ser tomado como apenas “uma questão de percepção”. Essa é a consequência lógica da filosofia dele.

Você não deve simplesmente dizer-lhe isso, mas deve realmente agir e tratá-lo por esse padrão em todas as suas conversas e interações com ele. Isto é, argumente com ele de acordo com as implicações lógicas da filosofia dele, e então o trate de acordo com as implicações práticas dela.

Prenda-se a isso mesmo quando tiver consequências sérias ou perigosas para ele, por exemplo, em questões que tenham a ver com dinheiro, legalidade, ou segurando, e toda vez, lembre-o que você está somente seguindo o padrão dele. Ele deve se render, ou sofrer as consequências da própria filosofia dele.

Embora eu seria o primeiro a lhe dizer que somente consequências lógicas importam em debates intelectuais, e que consequências práticas nunca equivalem a uma refutação lógica, ele deverá de fato suportar essas consequências se apóia a filosofia de relativismo dele. Se ele não prestar atenção aos argumentos racionais, talvez esse meio irracional (prático) de persuasão o fará reconsiderar os méritos racionais da posição dele.⁴¹

Por outro lado, visto que ele ainda tem que provar essa premissa (e não pode, pois qualquer prova seria apenas uma questão de percepção), e visto que você ainda não a afirmou, as coisas que você diz não precisam ser tomadas como apenas uma questão de percepção.

Dependendo da atitude e resposta dele (ele pode não se render tão facilmente), algumas vezes você poderá precisar até mesmo chocá-lo e ofendê-lo.

Assim, com um gravador em mãos, você pode pedir para ele reafirmar a premissa dele, que a “verdade é apenas uma questão de percepção”. Então, você pode dizer: “segue-se que é apenas uma questão de percepção que sua mãe não é uma prostituta e vagabunda, e que a partir de certa perspectiva, é de fato ‘verdade’ que sua mãe é uma prostituta e vagabunda”. Force-o a admitir isso sem evasão e ressalva. Após isso, chame os pais dele e reproduza a gravação para eles. Não estou brincando – faça isso realmente!

⁴¹ Argumentar a partir das consequências práticas de uma posição é cometer a falácia de afirmar o consequente. Mesmo que uma pessoa sofra e morra por causa da sua filosofia, isso não tem nada a ver com refutá-la *logicamente* – tudo que pode significar é que a filosofia *verdadeira* é, todavia, impossível de ser vivida. Muitos livros-texto de filosofia, incluindo aqueles de filósofos cristãos, dirão que um teste crucial para uma filosofia é sua “capacidade de ser vivida”, de forma que uma filosofia verdadeira deve ser vivível, que deve ser possível executá-la de maneira prática. Mas não há nenhum argumento racional para esse princípio ou suposição; é apenas um teste arbitrário imposto por uma tendência irracionalmente pragmática. Um teste prático não pode indicar uma filosofia verdadeira, e uma filosofia verdadeira nunca precisa de um teste prático. Agora, a cosmovisão bíblica é de fato prática, no sentido que ela é vivível e isso por alguém que fielmente siga os sábios preceitos e mandamentos de Deus; contudo, ela é verdadeira não porque é prática, mas por causa de fundamentos puramente racionais.

Após isso, repita o mesmo procedimento. Desta vez faça-o admitir que é apenas uma questão de percepção que ele não está roubando os bens da companhia em seu lugar de trabalho, e que a partir de certa perspectiva, é de fato “verdade” que ele está roubando os bens da companhia. Então, chame o patrão dele e toque a fita.

Você pode repetir isso diversas vezes. Faça-o admitir que ele é um adúltero e que a sua esposa é uma porca feia (como uma questão de percepção, é claro), e então toque a fita para a esposa dele. Faça-o admitir que ele é um assassino e esturador, e que deseja assassinar e esturpar os seus próprios filhos (novamente, como uma questão de percepção), e então toque a fita para os filhos dele, ou também para alguém que o conheça.

Certamente, antes de fazer qualquer coisa, você deve lhe dizer que está gravando e o que fará com a fita, de forma a dar a ele uma chance para desmentir a filosofia dele. Se você tiver feito isso, então não estará fazer nada errado. Você não está tentando defraudá-lo, ou fazê-lo admitir algo que seja contrário a sua própria filosofia explícita. Você na verdade não é a pessoa que está dizendo essas coisas (visto que você *nega* que a verdade seja apenas uma questão de percepção), mas está perguntando a ele se essas são algumas das coisas que ele diria, como deveria, considerando a filosofia dele. Ele deve colher as conseqüências, trazidas sobre ele pela sua própria filosofia. Talvez ele deva se defender diante daqueles que ofendeu dessa forma, ao ensinar-lhes o relativismo.

Note que se algo ruim acontecer com ele, foi algo que ele fez a si próprio por meio de sua filosofia. Se problemas vierem sobre ele por causa de tudo isso, então ainda é “uma questão de percepção” que todas essas conseqüências sejam indesejáveis. Ele não precisa ser um relativista, e pode se render a qualquer momento quando confrontado com o exposto acima. Assim, é culpa dele se ainda permanecer teimoso.

Em todo caso, observe que esse procedimento é um método pragmático (tornando a vida dele impossível de ser vivida por sua filosofia), e nada nele equivale a uma refutação lógica do relativismo.⁴² Assim, mesmo que ele se renda sob essas circunstâncias, isso não significa que você tenha refutado logicamente o relativismo pelo pragmatismo, visto que o pragmatismo não pode refutar nada. Contudo, ao empregar esse método irracional (pragmatismo), você poderá forçar com sucesso uma pessoa irracional (o relativista) a te enfrentar num debate, e a reconsiderar os méritos racionais das posições opostas.

⁴² As refutações lógicas foram apresentadas no começo desse artigo; o procedimento descrito aqui é somente para forçá-lo a voltar a uma discussão racional.

24. O Prático e Existencial no Evangelismo

É sempre preferível fazer evangelismo usando a abordagem ensinada em seu livro *Questões Últimas*, ao invés de apelar aos valores existenciais e às vantagens práticas de vir a Cristo?

Em *A Luz das Nossas Mentas*, eu mostro que, tecnicamente falando, apologética e evangelismo podem ser distinguidos um do outro, mas possuem uma tamanha relação íntima que não há nenhuma necessidade de falar deles como separados e diferentes – isto é, a menos que estejamos envolvidos numa discussão que requeira grande precisão, e assim a distinção.

Com isso em mente, *Questões Últimas* é mais sobre apologética e filosofia do que evangelismo.⁴³ O método exposto ali é sempre a melhor forma de fazer apologética, visto que logicamente falando, seu oponente pode se esquivar de qualquer coisa que não sejam argumentos dedutivos válidos, frequentemente apenas dizendo: “Eu não me importo”, “Isso não prova nada” ou “E daí?”.

Mas visto que muitas pessoas são irracionais, elas frequentemente respondem melhor aos métodos não-rationais ou irracionais. Por exemplo, um testemunho pessoal é frequentemente muito eficaz (pelo menos em produzir efeitos superficiais nos ouvintes, mas não em produzir fé), embora não prove realmente nada. Então, embora os apóstolos enfatizassem principalmente a graça e o propósito de Deus, e a necessidade do homem se arrepender e crer, eles mencionavam alguns benefícios existenciais de se vir a Cristo.

Depende da sua audiência no que diz respeito aos efeitos que você pode esperar de abordagens não-rationais ou irracionais. Se você for argumentar que o Islamismo é uma falsa religião porque instrui seus aderentes a assassinar aqueles que se lhe opõem, isso pode influenciar algumas pessoas, mas eu rejeitaria o argumento imediatamente, visto que perceberia que o mesmo é uma falácia. É logicamente inválido afirmar que o Islamismo é errado porque a violência é errada; antes, deveríamos argumentar de outra forma – se o Islamismo é correto, então a violência é correta. Se o Islamismo revela verdadeiramente a mente de Deus, então tudo o que o Islamismo ensina é verdadeiro, incluindo a violência; mas se o Islamismo é errado, então a violência que ele ensina é injustificada. Não podemos começar a partir da violência que ele ensina para determinar se o Islamismo é errado ou não.

Todavia, encontramos argumentos irracionais similares o tempo todo – isto é, o tipo que coloca as coisas na ordem errada – e ele é eficaz com muitas pessoas. Algumas vezes isso é devido ao fato que existe um conhecimento inato de Deus e de suas leis morais na mente de toda pessoa. Assim, por exemplo, há uma oposição moral instintiva ao assassinato. Algumas culturas ou grupos de pessoas podem ter suprimido isso mais que outros, mas então outras partes do conhecimento inato deles é mais evidente neles.

Por causa desse conhecimento inato de Deus e de suas leis morais, até mesmo apresentações que não são estritamente válidas (com conclusões deduzidas a partir de premissas estabelecidas por necessidade lógica) são frequentemente eficazes, visto que ainda apelam a algo que já é inato nos ouvintes. Isto é, essas apresentações inválidas

⁴³ Veja *Confrontações Pressuposicionistas*, capítulo 2, onde eu misturo apologética e evangelismo.

poderiam estar aplicando alguma premissa ou informação que os ouvintes já conhecem, mesmo que tentem suprimi-la em suas mentes. Certamente, isso não significa que deveríamos tolerar ou encorajar essas apresentações inválidas.

Mas porque as pessoas são irracionais, elas são frequentemente enganadas por premissas e inferências claramente falsas, de forma que até mesmo argumentos que são completamente destituídos de verdade⁴⁴ são frequentemente eficazes, isto é, se apelam a alguma preferência pecaminosa nos ouvintes. Um efeito importante da regeneração e santificação é resgatar o homem dessa irracionalidade teimosa e impregnada.

A abordagem dedutiva/pressuposicional sempre é preferível na apologética – ela é a única opção racional. E se você pensar sobre isso, oportunidades para o evangelismo frequentemente surgem dos encontros apologéticos – isto é, de discussões na quais as diferenças das cosmovisões geram divergências.

Sua cosmovisão cristã frequentemente gerará divergências com outras pessoas sobre política, ciência, ética (aborto, adultério, etc.), religiões mundiais... e sobre qualquer outra coisa. Mas se a abordagem dedutiva/pressuposicional é sempre melhor num encontro apologético, e as oportunidades evangelísticas frequentemente surgem do confronto de cosmovisões, então a necessidade da abordagem dedutiva/pressuposicional surge praticamente a cada ocasião em que você faz evangelismo. Mesmo que o encontro comece a partir de uma apresentação não-argumentativa do evangelho, se alguém tem uma pergunta ou objeção (que é comum), você está de volta à apologética.

A abordagem dedutiva/pressuposicional é uma parte necessária da pregação do evangelho, visto que uma grande parte dela envolve apresentar os ensinamentos da Bíblia, conhecimento que é necessário para a salvação. Os próprios apóstolos empregavam argumentos dedutivos/pressuposicionais em sua pregação, tanto com crentes como com incrédulos. Lendo a pregação dos apóstolos, algumas pessoas podem ver somente testemunho pessoal, visto que elas estão predispostas a observar essas coisas, mas não fazem um trabalho muito bom nem mesmo quando diz respeito às experiências pessoais delas. E, sem dúvida, as experiências pessoais delas não são em nada semelhantes às dos apóstolos, que estiveram com Jesus por vários anos, e que estavam com ele em sua morte e ressurreição.

Hoje em dia, quando as pessoas falam sobre testemunho pessoal, frequentemente têm em mente um sentimento de êxtase ou exultação (que nem mesmo é conversão), uma reforma moral (mas eles ainda não são muito morais), mesmo uma visão ou algumas outras experiências pessoais (mas o “evangelho” ao qual eles se apegam pode não ser bíblico), ou alguma outra história tola que não contribui de forma alguma para o caso do evangelho. Não assumam que alguém está fazendo o que os apóstolos faziam quando ele dá seu testemunho pessoal – frequentemente isso não é nada parecido com o que os apóstolos faziam.

Então, se você apresenta algum tipo de argumento pragmático, assim pode também o ateuista, o comunista, o mórmon, e quase qualquer outra pessoa de qualquer sistema de crença. Praticamente qualquer pessoa de qualquer sistema de crença pode lhe dizer o

⁴⁴ Esses argumentos são inválidos e contraditórios tanto à revelação bíblica como ao conhecimento inato do homem.

que ela considera ser uma mudança positiva em sua vida, que resultou desse sistema de crença.

Assim, argumentos pragmáticos são logicamente inúteis, embora frequentemente convincentes psicologicamente falando. Quão racional é a sua audiência? Quanto mais racional for sua audiência, maior será o seu risco de ser zombado ao usar um argumento pragmático.

Se um budista me disser que o Budismo mudou a sua vida, eu não desafiarei a afirmação – apenas rirei dele. Isso não prova que o Budismo é verdadeiro. Até mesmo um filme ou um romance pode mudar a vida de uma pessoa ou inspirar uma reforma moral, mas isso não diz nada sobre se a filosofia que está por detrás do filme ou do romance é verdadeira ou não.

Um argumento baseado sobre efeito ou experiência pessoal funciona da seguinte forma:

1. Se X, portanto Y
2. Y
3. Portanto, X

Esse tipo de raciocínio é chamado de “afirmar o consequente”, que é sempre falacioso. Mas esse é o processo de raciocínio exato empregado por todo argumento que apela ao empírico e pragmático, e é a própria essência da ciência.⁴⁵

Jesus diz, “pelos seus frutos os conhecereis”; contudo, à parte da revelação bíblica, não podemos nem mesmo especificar o que é um bom fruto e o que é um fruto mal. Sem dúvida, Jesus sabia isso, e ele certamente não estava nos dizendo para avaliar uma pessoa por nosso próprio padrão ou opinião não-bíblico.

Similarmente, quando você dá um testemunho pessoal sobre sua fé, ou quando você enumera alguns dos benefícios existenciais de vir a Cristo, o testemunho e aqueles benefícios poderiam ser considerados positivos somente porque são especificados como tal a partir da perspectiva bíblica. Assim, racionalmente falando, se o pragmático e existencial possuem algum valor, eles ainda devem ser derivados de um fundamento bíblico/dedutivo/pressuposicional, pois em si mesmos, são irracionais e irrelevantes.

Assim, embora seja frequentemente aceitável apresentar seu testemunho pessoal ou discutir os benefícios existenciais de vir a Cristo, você não deve atribuir a isso um status racional mais alto do que eles merecem, e você deve baseá-los firmemente sobre o fundamento da revelação bíblica, e discuti-los somente dentro de tal contexto. Você deveria lhes dar papéis relativamente menores em sua apresentação geral, visto que em si mesmos eles nem mesmo apresentam o evangelho; eles não comunicam a palavra da vida, ou o poder que salva.

Resumindo, é melhor pregar o evangelho através de exposições bíblicas, confrontar o seu oponente usando a abordagem dedutiva/pressuposicional, e então como ilustrações opcionais (não como argumentos racionais rígidos), talvez relacionar sua experiência pessoal ou alguns dos benefícios existenciais da fé.

⁴⁵ Veja Bertrand Russell, “Is Science Superstitious?”.

Sem dúvida, essas coisas não devem ser feitas necessariamente na ordem acima, mas podem ser flexivelmente misturadas no curso de sua conversação com o incrédulo. Em adição, um aspecto de sua apresentação não deve contradizer o outro. Por exemplo, após ter destruído completamente o crédito racional da indução, sensação, intuição e ciência como parte de sua apologética, não eleve então sua experiência pessoal ou auto-conhecimento à certeza racional inegável que pode ser atribuída somente à Escritura.

Finalmente, embora abordagens não-rationais ou irracionais algumas vezes pareçam mais eficazes porque a maioria das pessoas é irracional, isso não quer dizer que devemos tolerar isso. De fato, enquanto a fé de alguém não for primariamente ou unicamente baseada no que é bíblico e racional, mas sobre o pessoal, prático ou existencial, essa fé pode ser até mesmo espúria, ou pelo menos eternamente débil. Parte da nossa apresentação, então, deveria ser desafiar os padrões irracionais dos nossos ouvintes. Por que eles deveriam responder melhor a testemunhos pessoais, ou a argumentos práticos ou existenciais, do que aos argumentos bíblicos/racionais? Eles não deveriam, e isso é precisamente uma das coisas que deveríamos abordar enquanto pregando o evangelho e defendendo a fé.

25. Morey, Islamismo e Apologética

Você possui o livro *Islamic Invasion*, do dr. Robert Morey? Você pensa que a teoria dele sobre o “deus lua” é correta?⁴⁶ Devo dizer que tenho um grande respeito pelo dr. Morey – ele é um homem que está disposto a defender ousadamente a verdade do Cristianismo.

Morey é ousado contra o Islamismo, e precisamos de pessoas como ele. Ele certamente entende o Islamismo melhor do que nós, de forma que pode fazer críticas mais específicas contra ele.

Sim, eu tenho o *Islamic Invasion*, e tendo a pensar que seu argumento do “deus lua” é correto, tendo examinado argumentos similares de outras fontes.

Contudo, como todos os argumentos empíricos, ele não pode se elevar acima das limitações impostas por sua epistemologia. Assim, eu nunca usaria isso como meu principal argumento contra o Islamismo. Embora ele possa ser útil em pontos estratégicos durante um debate, o mesmo não é necessário para refutar o Islamismo.

Como explico em meus livros, não me oponho ao uso de argumentos evidenciais e históricos, tais como o que Morey usa contra o Islamismo. Contudo, insisto que devemos perceber corretamente seu lugar como apenas argumentos *ad hominem* que funcionam com relação a uma epistemologia falsa. Isto é, se por causa do argumento, tanto o cristão como o muçulmano adotam temporariamente a falsa e irracional epistemologia do empirismo, então o argumento do deus lua pode funcionar para minar o Islamismo com relação a essa epistemologia falsa e irracional. Mas ele não pode fazer mais que isso.

O que disse acima se refere a um defeito *racional* nos argumentos evidenciais e históricos, mas há também um defeito *prático* nesses argumentos. Isto é, a menos que o oponente seja estúpido e ingênuo, é sempre impossível ganhar o debate *imediatamente ali* com argumentos evidenciais e históricos; contudo, na maioria das situações (conversões pessoais, debates formais, etc.), é importante ganhar rapidamente o domínio intelectual.

Por exemplo, se eu fosse um muçulmano, e Morey apresentasse seu argumento do “deus lua” para mim, quer numa conversação pessoal ou num debate formal, eu demandaria que ele apresentasse as evidências relevantes *imediatamente ali* onde estivermos. Ou eu devo apenas confiar nele e em sua pesquisa? Eu seria estúpido se fizesse isso. Antes, mesmo que fosse confiar em argumentos evidenciais e históricos, desajaria que ele me mostrasse os artefatos e documentos aos quais se refere *imediatamente ali* onde estamos tendo o debate, e não meramente alegar que existem, ou apenas me mostrar as fotografias e cópias dos objetos reais.

E mesmo que ele fosse trazer os artefatos e documentos originais com ele, eu demandaria a autenticidade deles *imediatamente ali*. Ou eu devo crer que eles são

⁴⁶ A teoria do “deus lua” refere-se ao argumento de Morey que o Deus do Islamismo era originalmente um deus da lua, e de forma alguma o mesmo Deus da Escritura/Cristianismo.

autênticos sem prova? Eu já seria estúpido o suficiente para ser um muçulmano ou empirista, mas seria ainda mais estúpido se deixasse ele escapar dessa.

Mas na prática, é sempre impossível produzir todas as evidências imediatamente, de forma que, como um mulçumano, eu sempre seria capaz de trazer o debate para um empate, enquanto Morey dependesse desses tipos de argumentos.

Suponha que uma pessoa é o melhor lutador de facas do mundo – ele é tão bom que, enquanto estiver com uma faca, pode derrotar até mesmo alguém com uma arma de fogo. Agora, o que acontece se ele entrar numa luta sem ter uma faca com ele? Sua habilidade se torna irrelevante.

Similarmente, mesmo que eu fosse insano e adotasse o empirismo, os argumentos empíricos são eficazes somente se meu oponente puder me mostrar as evidências empíricas *imediatamente ali* no debate; de outra forma, não tenho nenhuma razão para crer em algo que ele diga.

Na prática, isso significa que os argumentos empíricos são completamente inúteis – isto é, a menos que seu oponente seja estúpido e ingênuo. Dito isso, há mais do que o suficiente de não-cristãos estúpidos e ingênuos, de forma que esse método é frequentemente mais eficaz do que deveria ser.

Por outro lado, uma vantagem da minha abordagem bíblica/pressuposicional⁴⁷ é que nela nunca é necessário (mesmo que preferível) ter qualquer entendimento prévio das crenças do seu oponente e as evidências relevantes e registros históricos.

A partir do ponto de vista da apologética pressuposicionalista, as únicas coisas que devemos ter quando entrando num debate são (1) um entendimento sistemático da teologia cristã, e (2) a capacidade de mapear e navegar qualquer estrutura noética (incluindo a sua). O último significa que você precisa descobrir o que a outra pessoa crê imediatamente ali, fazendo as perguntas corretas e ouvindo cuidadosamente. Você precisa descobrir as proposições principais dentro da cosmovisão dele e suas relações umas com as outras. Então, você está pronto para demoli-lo.

Sem dúvida, estou me referindo às ocasiões quando você deseja fazer uma refutação completa. De outra forma, a abordagem pressuposicional pode de fato sempre prevenir o oponente de até mesmo passar do seu ponto de partida. Em todo caso, o ponto é que com esse método, você nunca está completamente despreparado para um debate.

Quando deixamos o assunto do Islamismo e olhamos para a competência geral de Morey na apologética – por exemplo, examinando seu livro *Introduction to Defending the Faith* e *The New Atheism and the Erosion of Freedom* – sua abordagem é uma péssima mistura de evidencialismo e pressuposicionalismo. Seu raciocínio contém

⁴⁷ Eu digo “minha” abordagem porque a abordagem de alguém como Van Til é chamada de pressuposicional. Contudo, sua filosofia é severamente debilitada pelo fato dele abraçar elementos irracionais tais como indução, empirismo e ciência. Todavia, ela é frequentemente bem sucedida contra incrédulos, visto que esses elementos irracionais são quase sempre empregados pelos oponentes, que afirmam as mesmas coisas irracionais. Em todo caso, é melhor repudiar todos os elementos irracionais da nossa filosofia.

várias lacunas, e suas respostas às objeções e desafios são frequentemente fracas e pobremente formuladas.

Também, sua teologia (incluindo seu raciocínio teológico) nem sempre é boa, mas em muitos aspectos, ele não é pior que o típico erudito Reformado.

Por exemplo, em seu livro *Worship is Not Just for Sundays*, ele escreve: “Visto que todos os crentes são sacerdotes, isso significa que todos os trabalhos são santos”. Isto é, sem dúvida, uma tentativa de refutar a distinção “sagrado” e “secular”. Contudo, se ele diz isso, então não pode fazer uma exceção (para não dizer *muitas* exceções) e dizer que algo como a prostituição não é santo também, isto é, conquanto seja realizada por um cristão.

O sacerdote faz o que quiser, e o que quer que faça automaticamente se torna santo, ou pelo contrário, o sacerdote faz o que Deus ordena, pois tudo o que Deus ordena é santo? A coisa correta a dizer é: “Visto que todos os crentes são sacerdotes, eles devem fazer somente o que é santo”, mas isso não elimina a distinção “sagrado” e “secular”, visto que deixa lugar para afirmar que o “secular” não é “sagrado”. Uma pessoa não pode inferir mais que isso do sacerdócio de todos os crentes, e assim, a premissa “todos os crentes são sacerdotes” não pode ser usada para eliminar a distinção “sagrado” e “secular”. Se for possível refutar a distinção de alguma forma, a pessoa deve ter pelo menos premissas adicionais e usar outra direção de raciocínio.

Morey tem algo tão simples completamente ao contrário, e declarações falaciosas similares impregnam os seus escritos. Mas novamente, essa não é uma falha única, visto que é também verdadeiro com respeito a quase todos os escritores cristãos que tenho lido, embora tente ler somente os melhores. Não é incomum encontrar várias declarações falaciosas em cada página até mesmo de alguns dos melhores livros cristãos. Algumas vezes os problemas são menos severos; algumas vezes muito piores. Em todo caso, escritores cristãos precisam ser mais lógicos e precisos.

Além disso, a teologia de Morey parece ser uma péssima mistura de várias perspectivas.

Como uma observação secundária, quando tratando com um muçulmano, é frequentemente insuficiente fazer críticas específicas contra o Alcorão e o Hadith. Isso porque muitos muçulmanos chamam a si mesmos de muçulmanos sem crer ou até mesmo conhecer o que o Alcorão diz. Assim, se você refutar a versão oficial do Islamismo, eles ainda pensarão que você está simplesmente refutando alguma outra coisa, e representando incorretamente o Islamismo, quando na verdade eles são aqueles que falham em entender sua própria religião.

Isso é similar a como muitos cristãos professos chamam a si mesmos de cristãos, mas não têm nenhuma idéia do que a Bíblia ensina, ou se têm, na verdade rejeitam os seus ensinamentos. Esse padrão é verdadeiro com os aderentes de toda religião – muitos aderentes professos não afirmam de fato ou nem mesmo conhecem os ensinamentos oficiais das suas próprias religiões.

Portanto, quando tratando com um muçulmano professo, você deve fazer as perguntas corretas e extrair dele respostas que lhe ajudarão a reconstruir mentalmente a estrutura noética dele, ou sua cosmovisão pessoal, não importa do que ele a chame. Então, você

poderá refutar tanto a cosmovisão pessoal dele como a versão oficial da religião professada por ele. Isso é válido para refutar quase qualquer membro de qualquer religião, visto que pouquíssimos crêem exatamente como a versão oficial afirma. Falar com um católico seria outro exemplo.

Eu não desgosto de Morey; de fato, eu respeito seu entendimento das crenças e culturas hebraicas e islâmicas. Também, ele é um dos poucos que entendem que, em várias situações, é bíblico zombar e insultar não-cristãos e heréticos, e suas crenças, seguindo os santos exemplos dos profetas e apóstolos, e os Reformadores.

Em contraste, ao invés de falar numa forma que reflita a superioridade de Deus e seu Filho, a maioria dos cristãos de hoje são maricas politicamente corretos, que passaram por uma lavagem cerebral para se dirigirem aos incrédulos de acordo com as regras de etiqueta social definida pelos próprios incrédulos.

Além disso, recomendo Morey por publicamente fazer a sugestão que nosso governo deveria ameaçar destruir Meca como uma tentativa de conter o terrorismo Islâmico.

Todavia, há muito lugar para aperfeiçoamento em sua teologia e apologética.

26. Deus e a Linguagem⁴⁸

Resumidamente, minha posição é que a linguagem é sempre adequada para expressar qualquer coisa – o problema é se a mente é capaz de conceber o que se vai dizer. Se você pode pensar algo, você sempre pode designar qualquer sinal arbitrário para representar esse algo. Assim, em princípio, você pode usar X para representar o conteúdo de um livro inteiro. Não há nada inerentemente contraditório ou impossível nisso.

Segue-se que a linguagem, em si mesma, é adequada para expressar qualquer coisa sobre Deus – estou certo que Deus sempre sabe como verbalizar algo sobre si mesmo. Novamente, “X” é linguagem, e ele pode representar qualquer pensamento; assim, a limitação está na mente, e não na linguagem em si. Dessa forma, eu não digo que sempre podemos pensar tudo sobre Deus (ele é “incompreensível”), mas, o que quer que possamos pensar sobre ele, somos capazes de expressar.

Quanto à linguagem positiva e negativa sobre Deus, há aqueles que insistem que pelo menos algumas coisas sobre Deus só podem ser expressas em linguagem negativa. De qualquer modo, até agora me parece que posso facilmente tornar em linguagem positiva qualquer exemplo que seja dado em favor dessa afirmação.

R . C. Sproul certa vez disse que dizer que Deus é “imutável” é uma linguagem negativa, pois uma vez que somos humanos, só sabemos o que significa ser “mutável”, e que Deus não é “mutável”, de forma que é impossível expressar esse atributo divino em linguagem positiva. Isso foi um tremendo descuido da parte dele – o que dizer de, “Deus sempre *permanece o mesmo*”? Esta é uma linguagem positiva, e nós sabemos o que ela significa.

Algumas pessoas podem pensar que soa mais piedoso ou reverente dizer que não podemos falar sobre Deus em termos positivos, mas isso é tanto bíblicamente quanto filosoficamente falso e desnecessário.

⁴⁸ O que segue é uma mensagem editada enviada em resposta a uma pergunta sobre o assunto.

27. Cristo e Crossan

Ouvi uma pequena parte de um debate que Crossan teve com William Lane Craig sobre “O Jesus Histórico”. Crossan parece perigoso. Ele obviamente não crê na inspiração ou inerrância da Escritura.

Por favor, você pode me dirigir a alguns dos seus escritos, ou escritos de outros, que poderiam ajudar uma pessoa leiga como eu a fornecer uma resposta para alguém influenciado pelas visões de Crossan?

Existe o *Will the Real Jesus Please Stand Up?* [O Jesus Real queira se levantar, por favor?], que é o debate com William Lane Craig.

Mas os livros mais úteis seriam aqueles que tratam positivamente com a confiabilidade histórica da Bíblia, quer interejam ou não com Crossan. Isso porque há muitas pessoas como Crossan atacando a Escritura, e suas teorias algumas vezes assumem ligeiras mudanças, algumas vezes amplas. Assim, a estratégia preferível é aprender as evidências históricas positivas para a Bíblia, e então quando a necessidade surgir, você pode estudar também as refutações diretas contra uma pessoa específica.

Alguns dos livros que você poderia ler incluem:

Jesus Under Fire

Jesus' Resurrection: Fact or Figment

Craig Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels*

F. F. Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?*⁴⁹

Norman Geisler, *A General Introduction to the Bible*

Estou listando apenas os livros que me vêm à mente nesse momento, de forma que você poderia desejar investigar mais, assim como pode haver algumas escolhas melhores ou mais relevantes.

Essa é a abordagem histórica e empírica. Contudo, a forma de demolir rapidamente todo tipo de ataque seria atacar os argumentos históricos e empíricos. Faça da Escritura o ponto de partida lógico do seu sistema intelectual, e interaja com o seu oponente sobre essa base. Mas destrua o fundamento da oposição do seu oponente contra você indo diretamente à epistemologia dele. Dessa forma, você o demolirá completa e imediatamente, proibindo logicamente todos os tipos de argumentos antibíblicos num só golpe.

Para isso, recomendo meus livros *Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionistas* e *Apologética na Conversação*.

⁴⁹ Nota do tradutor: No Brasil, publicado pela Edições Vida Nova com o título “Merece Confiança o Novo Testamento?”.

28. Um Idiota com Qualquer Outro Nome

INTRODUÇÃO

Alguém recentemente me escreveu e me perguntou sobre a linguagem áspera que eu algumas vezes uso, quando me referindo aos não-cristãos. Especificamente, ele perguntou sobre a propriedade de se dirigir a um incrédulo com injúrias bíblicas. Embora eu já tenha abordado esse tópico em vários lugares nos meus escritos, penso que será útil compartilhar com meus leitores a minha resposta a este inquiridor.

Visto que meu propósito é ajudar no entendimento e não preservar a pergunta e resposta em sua forma original, editei a pergunta e expandi a resposta.⁵⁰ A pergunta serve para fornecer um contexto com o qual a resposta possa interagir. E, visto que a pergunta e a resposta não mais possuem sua forma original, observe que o “você” na porção da resposta não mais se dirige ao inquiridor original.

PERGUNTA

Eu li algumas de suas obras e tenho que confessar que nunca tinha considerado verdadeiramente a apologética e a mente de Cristo desta forma – que a “sabedoria” dos incrédulos é totalmente imbecil e tola, e completamente irracional. Concordo totalmente com todas as suas conclusões.

Contudo, esta é a melhor maneira de lhes dizer isto, com palavras como “idiota”, “fezes intelectuais” e assim por diante? Eu queria entender como você interpreta 1 Pedro 3:15 e Colossenses 4:5-6 à luz da forma como você debate com os não-crentes.

RESPOSTA

Primeiro, devemos considerar se as descrições são bíblicas. Você disse que já concorda comigo nisto, assim, não preciso gastar tempo estabelecendo isto aqui, embora ainda darei alguma atenção a várias palavras específicas abaixo.

Então, sua pergunta torna-se se devemos *contar* aos incrédulos o que a Bíblia diz sobre eles. Mas a pergunta mais apropriada é se temos qualquer justificação bíblica para dizer que devemos *ocultar* certas verdades dos incrédulos. Minha posição é que, ao invés de esconder qualquer verdade bíblica dos incrédulos, devemos perfeitamente desvelar, expor e *aplicar* a eles tudo o que a Escritura ensina.

⁵⁰ Todavia, a resposta não representa uma exposição bíblica completa sobre o assunto. Para mais informação, veja Vincent Cheung, *Teologia Sistemática, Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionistas, Apologética na Conversação, Commentary on Ephesians*, e “*Idiotas Profissionais*”; Douglas Wilson, *The Serrated Edge: A Brief Defense of Biblical Satire and Trinitarian Skylarking* (Canon Press, 2003); Robert A. Morey, “*And God Mocked Them*” (audio); e James E. Adams, *War Psalms of the Prince of Peace: Lessons From the Imprecatory Psalms* (Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1991).

Considere os profetas, os apóstolos e o próprio Cristo. Todos eles usaram palavras muito pesadas e até mesmo injuriosas para criticar os pecadores endurecidos. Provavelmente o único contra-argumento que eu já tenha ouvido sobre este ponto é que eles foram as *exceções* infalíveis. Muito bem! Certamente isso é conveniente. Mas, por que eles foram as exceções *nesta* área? Por que se requer infalibilidade para usar palavras duras? E, por que eles foram as exceções somente quando se trata de palavras duras e não quando se trata de palavras agradáveis? Não, eu me recuso aceitar a mera opinião ou especulação sobre isto; eu exijo uma resposta bíblica e exegética.

O princípio deles parece ser que, sempre que você encontrar certas coisas na Bíblia que não aprove, ou que não deseje praticar, chame-as simplesmente de “exceções”. O elemento grosseiramente anti-cristão em seu uso da Escritura é que, não somente eles dizem que os profetas, os apóstolos e Cristo foram exceções no sentido de que eu não tenho o direito de *originar* essas injúrias, mas que nem mesmo tenho o direito de *aplicar* ou *repetir* as mesmas injúrias que eles usaram ao mesmo tipo de pessoas a quem eles usaram.

1 Pedro 3:15

Certamente, 1 Pedro 3:15 é freqüentemente usado para afirmar que devemos ser “legais” quando fazendo apologética. O versículo diz, “Antes, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, façam isso *com mansidão e respeito...*”. Mas, o que significa fazer apologética com “mansidão e respeito”? Significa o que os *incrédulos* nos dizem que significa? Significa ser não-ofensivo, não-confrontante, não-ameaçador e falar de uma maneira suave e tímida? Ou significa explicar e demonstrar *infalivelmente*, através das palavras e exemplos dos profetas, dos apóstolos e do próprio Cristo? Não deveríamos assumir que o apóstolo está se referindo ao que os *incrédulos* consideram ser mansidão e respeito; antes, devemos prestar muita atenção ao contexto do versículo.

O contexto deste versículo é principalmente sobre cristãos que estão enfrentando perseguição e interrogação *pelas autoridades* (oficiais do governo, senhores, etc.); ele não trata diretamente da pregação pública ou do discurso ordinário entre pessoas. Matthew Henry escreve que o versículo está se referindo ao “temor *de Deus*” e a “reverência aos *nossos superiores*”.⁵¹

Realmente, quando lemos os Atos dos Apóstolos, vemos que os discípulos eram freqüentemente mais delicados quando se defendendo diante dos oficiais do governo. Mesmo assim, Jesus chamou Herodes de “aquela raposa” (Lucas 13:32). Há um exemplo mais detalhado a partir de Paulo, em Atos 23:

(3) Então Paulo lhe disse: “Deus te ferirá, parede branqueada! Estás aí sentado para me julgar conforme a lei, mas contra a lei me mandas ferir?”.

(4) Os que estavam perto de Paulo disseram: “Você ousa insultar o sumo sacerdote de Deus?”.

⁵¹ Matthew Henry, *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible* (Hendrickson Publishers, Inc., 1991).

(5) Paulo respondeu, “Irmãos, eu não sabia que ele era o sumo sacerdote, pois está escrito: ‘Não fale mal de autoridade do seu povo’”.

Observe que Paulo disse, “Deus te ferirá” e “parede branqueada”. Ele essencialmente amaldiçoou a pessoa em nome de Deus e a chamou de hipócrita e um quebrador da lei, na sua cara. Mas então, em relação ao que eu disse sobre o contexto de 1 Pedro 3:15, quando Paulo descobre que estava falando com o sumo sacerdote, ele implica que não teria dito o que disse se soubesse (v. 5).

Assim, o versículo 3 ilustra que minha atitude para com os incrédulos é similar a de Paulo, e os versículos 4-5 ilustram que meu entendimento de 1 Pedro 3:15 é consistente com Pedro e Paulo. O modo como meus críticos e muitos outros crentes distorcem 1 Pedro 3:15 faz com que Pedro condene Paulo sobre o verso 3 [de Atos 23]. Por outro lado, meu entendimento de 1 Pedro 3:15 significa que Paulo não contradiz necessariamente 1 Pedro 3:15 no versículo 3 (visto que ele não sabia que estava falando com o sumo sacerdote), e ele mesmo indica que concorda com 1 Pedro 3:15 nos versículos 4 e 5.

Agora, suponho que meus críticos me desaprovam se eu for alguém que diga algo semelhante ao que Paulo disse no versículo 3. Todavia, aqui está ele – o próprio Paulo o fez. Mas, certamente, Paulo era uma exceção, não era? Mas a exceção a o que? A exceção à “mansidão e respeito”? Se meus críticos devem usar 1 Pedro 3:15 contra mim, e então chamar os profetas, os apóstolos e Cristo de exceções, então, devem afirmar também que os profetas, os apóstolos e o próprio Cristo foram exceções à *mansidão e respeito* em inúmeras ocasiões, e que naqueles casos, eles não mostraram *nenhuma mansidão e nenhum respeito*.

Colossenses 4:5-6

Com respeito a Colossenses 4:5-6, não há nada sobre estes versículos que contradiga a minha atitude. Lemos os versículos da seguinte forma: “*Sejam sábios no procedimento para com os de fora; aproveitem ao máximo todas as oportunidades. O seu falar seja sempre cheio de graça e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um*”.

Meus críticos falsamente aplicam estes versículos contra minha atitude. Eles assumem que usar injúrias contra os incrédulos não é agir sabiamente para com os de fora, e é falar sem graça e sem sal. Mas, qual é a “sabedoria” a qual eles se referem aqui? Qual é a “graça” e qual é o “sal”? Por que estas coisas significam o que os meus críticos dizem que significam – isto é, ser “legal”, falar suavemente, delicadamente, sem insultos, sem ofensas, sem críticas e assim por diante? O que a Bíblia quer dizer por estas palavras, e neste contexto?

Matthew Henry escreve: “Graça é o sal que tempera o nosso discurso, o faz saboroso, e o *guarda da corrupção*”.⁵² Ele parece pensar que a passagem está enfatizando a qualidade ou pureza moral das nossas conversas, mesmo que outras coisas estejam implicadas. Assim, antes de apenas assumir que Paulo está dizendo aqui o que eles querem que ele diga, meus críticos deveriam oferecer ao menos um argumento exegético básico antes de fazerem acusações.

⁵² Ibid.

Em todo caso, se a instrução para “ser sábio” e falar com “graça” e “sal” contradiz minha atitude, então, ela também contradiz os profetas, os apóstolos e o próprio Cristo. Certamente, meus críticos dirão que eles foram as exceções. Mas, as exceções a o que? As exceções à “graça” e “sal”? As exceções para “serem sábios”? Assim, eles estão dizendo que Cristo falava algumas vezes *sem graça* e *sem sal*? E, eles estão chamando Cristo de *estúpido*, que ele algumas vezes se comportava tolamente para com os de fora? Eu exijo que eles olhem para o céu e repitam esta blasfêmia diante da face de Deus, antes de aplicar estes versículos contra mim.

Em contraste, eu não blasfemo e nem desejo fazê-lo. Eu afirmo que Cristo foi consistentemente sábio em sua conduta e conversa, e que ele sempre falava com graça e sal, e que ele sempre manteve uma atitude que era agradável a Deus. Eu diria que meus críticos têm imposto sobre a Escritura suas próprias definições anti-bíblicas destas palavras e conceitos, e então, ao menos indiretamente, blasfemam contra Cristo e diretamente me difamam.⁵³ Por isso, eu os acuso de pecado e urgo que se arrependam. Eu pleiteio com eles para que parem de desafiar a Palavra de Deus, e condenar aqueles que a seguem, e ao invés disso adotem o método e o tom bíblico na proclamação e defesa do evangelho contra os incrédulos.

Idiotas e Fezes

Com respeito a “idiota” e “fezes”, até estas são palavras bíblicas. A palavra “idiota” é derivada da palavra grega *moros*. Paulo usa-a em Romanos 1:22. Ali a palavra é traduzida por “loucos”, mas certamente significa a mesma coisa que “idiotas”, e deveras poderia ter sido traduzida facilmente e corretamente por tal. Com respeito a “fezes”, Paulo usa a palavra que é traduzida por “estrupe” ou “refugo” para se referir a sua vida anterior como um incrédulo, em Filipenses 3:8. O léxico de Thayer explica que a palavra pode se referir a “qualquer refugo, como o excremento dos animais”. Tanto o significado desta palavra como os contextos nos quais aparece, concordam com o modo como a uso contra os incrédulos.

Em adição, se “idiota” e “fezes” são tão ruins, porque chamamos os incrédulos de “pecadores”, e os chamamos de “pecaminosos” e “ímpios”? Mesmo meus críticos usam estas palavras quando pregam o evangelho e quando falam aos incrédulos. As passagens bíblicas de 1 Pedro 3:15 e Colossenses 4:5-6 subitamente deixaram de ser aplicadas? Os meus críticos são exceções infalíveis também? E o que dizer da palavra “depravação” e “adultério”? São estas palavras cheias de “graça” e “sal”? E sobre dizer a alguém que o aborto é “assassinato”? Você pensa que *estas* palavras não são ofensivas aos incrédulos? Você pensa que *elas* preferem ser chamados de “assassinos” do que de “idiotas”?

Aqui chegamos à questão real – alguns cristãos discordam do meu uso de injúrias principalmente porque elas *as* ofendem, e não porque são anti-bíblicas (eu já mostrei que elas são bíblicas) e nem mesmo porque ofendem aos incrédulos (todos os ensinamentos bíblicos ofendem aos incrédulos, de qualquer jeito). E estes cristãos são ofendidos porque suas mentes não foram ensinadas e renovadas nesta área, de forma

⁵³ Estes críticos também difamam os Reformadores, os quais, a serviço de Deus e da Igreja, tão fielmente e eficazmente empregaram injúrias contra incrédulos e heréticos. Você pensa que eles eram ignorantes com respeito a 1 Pedro 3:15 e Colossenses 4:5-6? Não, eles conheciam essas passagens, e escreveram sermões e exposições sobre estes versículos. Mas, diferentemente dos meus críticos, eles também conheciam os contextos e as aplicações apropriadas destes versículos, e conheciam também o restante da Bíblia.

que seus padrões ainda são muito parecidos com aqueles dos incrédulos; portanto, eles ficam ofendidos pelas mesmas coisas que ofendem os incrédulos. Outra possibilidade é que pelo menos alguns destes críticos ainda são inconversos, e visto que sua prioridade ainda é a dignidade do homem e não a glória de Deus, então, certamente, ficam ofendidos.

Porque meus críticos têm imposto suas próprias definições destas palavras na Escritura, eles têm criado para si mesmos inúmeros problemas e contradições teológicas, e nós já mencionamos suas difamações e blasfêmias. Por outro lado, eu tenho reverência suficiente a Deus para permitir que a Escritura interprete a si mesma; portanto, afirmo que usar estas palavras *bíblicas* (idiotas, fezes, pecadores, adúlteros, assassinos, etc.) nos contextos similares àqueles nos quais elas aparecem na Escritura, está de completo acordo com 1 Pedro 3:15, Colossenses 4:5-6, e todas as outras passagens relacionadas.

De acordo com a Escritura, um incrédulo não é nada além de uma matéria fecal espiritual e intelectual. Por que você acha que eles precisam se converter? Por que você acha que eles são impotentes à parte da graça soberana de Deus?

CONCLUSÃO

Sob condições bíblicamente aprovadas, estamos autorizados, e algumas vezes até mesmos sob obrigação, a usar injúrias bíblicas contra incrédulos e heréticos. Nós não os chamamos de “idiotas” ou “fezes” a partir de rancores pessoais, mas para proclamar o que a Escritura diz sobre eles, e para declarar-lhes que eles não são as pessoas racionais e decentes que imaginam ser.

Um idiota com um outro nome ainda é um idiota, e não há realmente razão para usar outras palavras e expressões, a menos para esconder nosso verdadeiro propósito e reduzir a ofensa da mensagem bíblica. Mas, que razão perversa é obscurecer os ensinamentos bíblicos! A verdade é que os críticos desta atitude são pobres intérpretes da Escritura, compromissados com o mundo, e traidores de Cristo e de sua causa. Eles desprezam o que Cristo aprovou e praticou. Eu não ousou e nem desejo desprezar o meu Senhor, mas esmagarei os seus críticos a qualquer momento.

Meus críticos selecionam passagens bíblicas contendo palavras que eles pensam concordar com o que eles já consideraram como a atitude correta na apologética (isto é, não ofensiva, discurso socialmente polido), arrancam-nas dos seus contextos originais, e tentam me sobrepujar com elas. O ensino deles nesta área está deveras muito impregnado no pensamento de muitos crentes, e exigirá algum esforço deliberado para muitos redescobrirem o modo bíblico de pensar e falar. Em dias em que tudo sobre Cristianismo está sendo diluído a nada, eu apelo para todos os crentes redescobrirem os usos apropriados das injúrias bíblicas, e a aprenderem como integrá-las num sistema fiel e eficaz de teologia e apologética bíblica.

Eu entendo que minha posição sobre este assunto é impopular, mas é deveras bíblico, e o que é bíblico freqüentemente é impopular. Embora eu seja freqüentemente criticado sobre isso, não me envergonho das expressões e descrições bíblicas, e rejeitaria absolutamente me mover, nem que seja uma só polegada, neste assunto. É o dever do crente examinar cuidadosamente o que lhe tem sido ensinado sobre este assunto, e reconsiderar os contextos dos versículos tradicionalmente usados para se opor às

injúrias empregadas pelos profetas, pelos apóstolos, pelo Senhor Jesus, pelos Reformadores, as quais agora uso.

Além do mais, é importante notar que eu tento usar palavras e insultos ásperos somente em contextos similares aos quais a Escritura as usam. Mas, ao aceitar o padrão não-cristão de propriedade social e ao distorcer várias passagens bíblicas, muitos cristãos chegaram à conclusão que esta atitude nunca deve ser usada sob qualquer contexto, e, então, eles indiretamente (mas certamente) condenam os profetas, os apóstolos, e o próprio Cristo, e em assim fazendo, eles realmente se condenam.

A verdade é que, quando chamo alguém de idiota, eu ao menos o poupo momentaneamente do pior insulto de todos, um insulto que representa tudo o que é estúpido, mal, imundo e vil, e que fala de alguém que não tem esperança de melhorar e nenhuma chance de escapar do fogo eterno do inferno, exceto pela graça soberana de Deus. Certamente estou me referindo ao nome “não-cristão”. E, uma vez que já usamos o maior de todos os insultos, o resto são apenas cumprimentos.

29. Idiotas Profissionais

IDIOTAS E IDIOTAS PROFISSIONAIS

De acordo com a Escritura, todos os não-cristãos são idiotas.⁵⁴ Mesmo alguns cristãos professos ofendem-se diante de tal caracterização dura e negativa dos inimigos de Deus e, assim, me repudiam e me criticam por falar desta maneira. Contudo, não importa o quanto eles tentem retratar isto como algo que eu tenha tirado de mim mesmo para afirmar; estou meramente repetindo o que a Escritura ensina. Se eles têm um problema com isso, então, antes de me repudiar e me criticar, devem encarar a realidade e repudiar Cristo e criticar a Escritura.

Alguns escritores cristãos são muito cortesões. De fato, tão cortesões que permitem que os seus críticos assombrem-os até a morte, enquanto eles, pacientemente, explicam repetidamente suas visões impopulares, porém bíblicas. Certamente creio no discurso cordial, especialmente em contextos nos quais a Escritura ordena isso. Contudo, estes críticos freqüentemente não estão interessados em ouvir o que a Escritura realmente diz, mas em proteger suas próprias visões e crenças anti-bíblicas, ao mesmo tempo em que insistem que são crentes genuínos.

Minha política é que, embora respeite e até mesmo prefira discussões teológicas polidas, quando meus críticos tentam me usar para atacar a Escritura por tabela, eu os exponho como os hipócritas espirituais que são, e os golpeio pelo poder de Cristo, o Logos, isto é, pela própria Escritura e Razão que eles tentam minar.

É importante para nós perceber que os não-cristãos são idiotas e que eu tenho o direito de declarar isto como uma parte integral da abordagem bíblica na apologética. Isto é o porquê, se vamos enfrentar nossos inimigos intelectuais com a Escritura como nossa arma, então, faremos melhor em aceitar primeiramente a própria descrição que a Escritura dá dos incrédulos, ou seja, que eles são estúpidos e depravados. Não é de se estranhar que muitos cristãos sejam apologistas tão fracos! Eles têm rejeitado a própria descrição da Escritura sobre a situação, desde o início.

Eu tenho freqüentemente dito que a pessoa que afirma a cosmovisão bíblica e que pratica a apologética bíblica pode facilmente e conclusivamente derrotar qualquer não-cristão. Não importa se o não-cristão é um ateu, um muçulmano, um budista ou um católico, e não importa nem mesmo se o não-cristão é altamente instruído. De fato, eu já tenho declarado que até mesmo uma criança pequena, que tenha sido treinada em apologética bíblica, pode esmagar qualquer cientista ou filósofo. Aqui, eu iria até mais longe. Eu afirmaria que até mesmo uma pessoa que seja mentalmente limitada ou que tenha algum tipo de problema mental, mas que possa, todavia, se comunicar em declarações fragmentadas (por exemplo, uma pessoa com Síndrome de Down), ainda assim poderia derrotar qualquer cientista ou filósofo não-cristão.

⁵⁴ Eu forneci uma justificação bíblica para essa declaração em vários lugares nos meus escritos, de forma que não o repetirei aqui. Veja Vincent Cheung, *Teologia Sistemática, Questões Últimas, Confrontações Pressuposicionalistas, Apologética na Conversação, Commentary on Ephesians*, e “*Idiotas Profissionais*”; Douglas Wilson, *The Serrated Edge: A Brief Defense of Biblical Satire and Trinitarian Skylarking* (Canon Press, 2003); Robert A. Morey, “*And God Mocked Them*” (audio); e James E. Adams, *War Psalms of the Prince of Peace: Lessons From the Imprecatory Psalms* (Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1991).

Certamente, alguns de nós somos capazes de argumentar com mais astúcia do que outros. E, se você é uma criança, ou uma pessoa com graves deficiências mentais, ou apenas uma pessoa que não esteja familiarizada com as expressões técnicas, você poderia ter que pedir ao seu oponente não-cristão para expressar suas idéias e argumentos numa linguagem mais simples. Todavia, quando chega à substância do debate, contanto que você possa captar os princípios fundamentais da cosmovisão bíblica e da apologética bíblica, você também pode ser um apologista invencível da fé cristã contra qualquer oponente não-cristão.

Com relação a isso, tenho dito também que, embora um cientista ou filósofo não-cristão possa dar uma apresentação melhor de suas visões, a substância de seus argumentos nunca são realmente melhores do que a de qualquer outro não-cristão, incluindo os retardados e insanos. Isto é, um erudito não-cristão pode ser capaz de argumentar seu caso com grande precisão, coerência e minúcia, mas no que diz respeito aos méritos racionais de seus argumentos, seu caso é tão tolo e falacioso quanto o de qualquer não-cristão analfabeto e até mesmo mentalmente incapacitado.

Isto é verdade não somente quando eles estão falando sobre Deus ou religião, mas é verdade sobre tudo o que dizem. A visão de alguém sobre a realidade última, sendo última, necessariamente afeta cada área de sua cosmovisão; portanto, porque o não-cristão está equivocado com respeito à realidade última, ele está equivocado sobre tudo.

Eu digo tudo isso não porque simplesmente tenha prazer em insultar e depreciar os incrédulos (embora isto também tenha o seu lugar; 1 Reis 18:27); antes, este é um ensino escriturístico que poucos cristãos são fiéis em enfatizar. Aqueles que dizem algo sobre isso de alguma forma, geralmente obscurecem o ensino pela sua linguagem quase poética, fazendo a depravação e a impiedade humana, e os efeitos do pecado sobre a mente, soarem quase como belos. Mas a Bíblia é dura e não-ambígua sobre este assunto. Ela ensina que Deus fez de todos os filósofos e sábios não-cristãos “idiotas”, juntamente com suas idéias (1 Coríntios 1:20). Sobre esta palavra, até mesmo a básica e popular *Concordância de Strong* oferece a definição, “fazer tolo”, de forma que não há escusa para falhar em entender o versículo desta forma. Portanto, sob a autoridade da Escritura, eu acuso todo cristão que distorce ou oculta este ensino, ou que tenta minar os esforços de outros em proclamá-lo, de estar em pecado.

ENSINANDO TOLICES PARA UMA VIDA

Visto que interajo quase que exclusivamente com as obras de profissionais, em meus escritos já providenciei vários exemplos de como até mesmo os mais instruídos dos não-cristãos nunca se elevam acima da estupidez da humanidade, na substância de seus argumentos. Aqui oferecerei, todavia, outro exemplo, a partir de um debate entre William Lane Craig e Walter Sinnott-Armstrong.

Sinnott-Armstrong é professor de Filosofia e professor de Estudos Legais na Faculdade de Dartmouth.⁵⁵ Mesmo que ele não esteja entre os melhores pensadores contemporâneos, suas credenciais e realizações são, ao menos, iguais a de muitos filósofos profissionais. Em adição, alguém com a fama e estatura de William Lane

⁵⁵ Nota do tradutor: Faculdade americana de prestígio situada na cidade de Hanover (New Hampshire, E.U.A.).

Craig considerou valer à pena debater com ele. Assim, que ninguém diga que eu deliberadamente escolhi um espécime inferior para criticar.

Para mim, refutar um ateu é tão fácil quanto refutar qualquer outro, assim, não preciso usar Sinnott-Armstrong como um exemplo. Mas, deixe-me dizer o porquê eu o escolhi. Eu adquiri o livro contendo o debate algum tempo atrás, e entre outras coisas, notei as declarações falaciosas escritas por ele, as quais mostrarei brevemente para você aqui. Eu pensei que poderia usá-las em algum projeto futuro como ilustrações.

Então, um dia, minha esposa chegou em casa e disse que tinha ouvido William Lane Craig numa entrevista num programa de rádio cristão. A entrevista era principalmente para promover este livro, e o anfitrião do programa perguntou a Craig sobre vários dos assuntos que eram discutidos no debate. Minha esposa achou que as respostas de Craig foram muito incertas, muito hesitantes, e ela se perguntou se tais respostas fracas causariam mais dano ou benefício para a causa cristã.

Eu posso entender o seu sentimento, pois, mesmo quando ignoramos as falhas da apologética clássica, sempre achei que os argumentos e conclusões de Craig são tipicamente tão “modestos”, que eles são, na melhor das hipóteses, sub-bíblicos, e falham em exibir a confiança e a certeza que um líder cristão deveria exibir, tanto em suas atitudes como em seus argumentos, e, além de tudo, instilando esta mesma confiança e certeza em outros cristãos. De qualquer modo, não permitirei que este artigo de torne uma crítica à apresentação de Craig; estou apenas explicando o porquê minha esposa e eu ficamos insatisfeitos com ela.

De qualquer forma, como folheei todo o debate novamente, percebi que seria muito ineficiente escrever uma resposta alternativa completa aos argumentos de Sinnott-Armstrong. E isto porque muitos de seus desafios são direcionados aos argumentos da apologética clássica ou evidencial, e não tem nada a ver com os argumentos bíblicos ou pressupocionais, de forma que, mesmo se seus argumentos fossem bem sucedidos, não afetariam de forma alguma a abordagem bíblica que eu ensino e pratico. Além do mais, seus ensaios são apresentados no contexto de seu debate contra Craig, de forma que, a menos que meus leitores já tenham lido o debate, eu teria que explicar o contexto desde o início antes de apresentar minha própria resposta.

Portanto, embora desejasse fazê-lo, não apresentarei uma crítica completa aos argumentos de Sinnott-Armstrong. Ao invés disso, criticarei um aspecto particular de seu pensamento e apresentação; principalmente no que diz respeito aos seus argumentos que envolvem o problema do mal. Embora o produto não equivalha a uma total destruição de todos os seus argumentos, é suficiente para mostrar que, embora ele seja um professor de filosofia, sua capacidade de raciocínio não se eleva acima do ateu mediano, e, assim, um idiota profissional continua sendo um idiota. Com tudo isso em mente, consideremos agora o caso de Walter Sinnott-Armstrong.

Em certo lugar, ele explica o porquê se preocupa o suficiente sobre o assunto para participar de um debate público. Ele escreve o seguinte:

Minha resposta é que sou um professor, assim, meu trabalho é educar. Eu sou um filósofo também. Filósofos questionam suposições comuns e inspecionam as razões a favor e contra aquelas suposições. Este é o porquê eu quero ajudar os

meus leitores a terem claras as evidências a favor e contra a existência de Deus, de forma que possam decidir por si mesmos.⁵⁶

Esta afirmação sobre seu motivo é muito útil para nossa análise, pois o coloca numa certa posição intelectual contra a qual podemos comparar seus argumentos reais. E quando ele falha em fazer o que declara acima, isto fará sua hipocrisia e incompetência ainda mais óbvias.

Nós, então, observamos que, embora sua posição declarada seja “questionar suposições comuns”, ele, todavia, depende de numerosas premissas subjetivas/intuitivas e suposições comuns durante toda a sua apresentação.

Por exemplo, na página 34, ele escreve: “Craig ainda poderia perguntar, ‘O que há de imoral em causar sérios danos a outras pessoas sem justificativa?’ Mas, *parece natural* responder: ‘É simplesmente assim. Objetivamente. Você não concorda?’”. Não, eu não concordo. Sua resposta equivale a dizer, “Isso *parece* objetivo”, mas se uma crença é baseada somente no que “parece”, então, ela é, por definição, subjetiva, e não objetiva. Quando você diz “parece” num contexto como este, você está nos contando algo sobre você mesmo, e não sobre algo que está fora de sua própria mente.

Eu exijo mais do que um “parece natural”; exijo uma justificativa racional. O que acontece se o que “parece natural” para você, parece *não-natural* para mim? O que acontece se o que parece natural para uma pessoa normal, parece não-natural para uma pessoa insana? Agora, o que é normal e o que é insano? E, quem é normal e quem é insano? Como sabemos? “Parece natural” é uma justificativa adequada para qualquer argumento? Se não, quando ela é adequada e quando é inadequada? Como sabemos? Este “parece natural” parece totalmente irracional, para não mencionar absolutamente indolente.

Então, ele escreve: “Similarmente, se *olharmos* por muito tempo e duramente para o mal natural, tal como uma obstrução intestinal, e não *encontrarmos* nada para sugerir qualquer compensação adequada, então, *estamos justificados* em crer que não há compensação adequada para este mal”.⁵⁷ Este padrão de argumento ocorre por toda a sua apresentação; isto é, nossos investimentos intelectuais subjetivos na situação são supostamente suficientes para produzir uma justificativa racional, e então fazer uma inferência sobre a realidade objetiva. Sinnott-Armstrong parece pensar que justificativa racional consiste de nossa satisfação subjetiva, e não de inferências necessárias.

Em outro lugar, ele escreve: “Estou tentando mostrar que o *senso comum* te leva às premissas do meu argumento”.⁵⁸ Se é verdade ou não que o “senso comum” nos leva às suas premissas, como ele sabe que o que cremos de acordo com o nosso “senso comum” é verdade? Ele nem desafia e nem estabelece o nosso “senso comum” como um modo confiável para a verdade, mas simplesmente o assume em seus argumentos.

Na página 145, ele diz: “Pode soar bonito dizer que Deus não está sujeito aos nossos padrões, mas esta tática não deixa claro o que é que faz Deus ser bom. No final,

⁵⁶ William Lane Craig and Walter Sinnott-Armstrong, *God? A Debate Between a Christian and an Atheist* (Oxford University Press, 2004), p. 81.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 95.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 144.

precisamos usar nossos próprios padrões, pois não podemos entender quaisquer outros”. Mas, não é automaticamente verdadeiro que, se Deus não está sujeito aos nossos padrões, então não está claro o que é que faz Deus ser bom. A doutrina bíblica da bondade de Deus responde a questão, e Sinnott-Armstrong deve confrontar a doutrina antes de fazer tal declaração; isto é, ele deve estabelecer que a Bíblia não é a revelação escrita de Deus.

Então, observe que ele diz que “precisamos usar nossos próprios padrões, *pois* não podemos entender quaisquer outros”. Mas esta é uma razão puramente pragmática, e não lógica. Equivale a dizer: “Precisamos fingir que isto é verdade porque não temos mais nada”. E, quem é ele para falar por todos nós? Apenas porque *ele* não pode “entender quaisquer outros”, isto não significa que o restante de nós não possa; apenas porque ele é estúpido e ignorante, não significa que ele possa arrastar o restante de nós para junto dele. Mas, mesmo se realmente não pudéssemos “entender quaisquer outros”, isso não significa que devemos fingir que o que temos é a verdade. Por que não nos resignamos ao ceticismo e à ignorância? Além do mais, antes de tudo, os filósofos constantemente argumentam sobre quais deveriam ser os “nossos padrões”. Eu sustento que os padrões bíblicos deveriam ser os “nossos padrões”.

Sinnott-Armstrong conclui o debate dizendo: “Em contraste, tento basear meus argumentos sobre padrões de bom senso de crença racional e compensação adequada”.⁵⁹ Assim, durante todo o debate ele parece completamente esquecido do fato que ele tinha dito: “Eu sou um filósofo. Filósofos questionam *suposições comuns* e inspecionam as razões a favor e contra aquelas suposições”.

O único modo de reconciliar sua posição intelectual declarada (questionar suposições comuns) com sua real estratégia de debate (apelar ao senso comum) é supor que ele faz uma distinção aguda entre suposições comuns e senso comum. Isto é, *suposições comuns* se refere a certas crenças compartilhadas, enquanto *senso comum* refere-se a uma capacidade ou intuição intelectual compartilhada que é, em si mesma, sem conteúdo. Mas, se isto é o que ele faz, então, para um filósofo profissional deixar este ponto sem explicação, quando os dois são tão facilmente confundidos ou até mesmo identificados, é ainda inescusável.

Em todo caso, inúmeros problemas ainda permanecem, mesmo que ele faça uma distinção aguda entre suposições comuns e senso comum. Por exemplo, se senso comum refere-se somente a uma capacidade ou intuição intelectual compartilhada, sem conteúdo, então, como este “senso”, que é tão comum, produz estas “suposições” comuns, que ele agora desafia, usando o “senso” comum? Isto é, se o “senso” e as “suposições” contradizem um ao outro, então, como ambos podem ser “comum”?

Talvez as suposições comuns (que Sinnott-Armstrong desafia) foram adotadas porque as pessoas falham em usar o senso comum, em cujo caso, senso comum refere-se a uma capacidade ou intuição que não é comumente usada. Ou, as suposições comuns foram produzidas por uma falha comum no pensamento que fez com que as pessoas se desviassem do seu senso comum. Mas, então, que “falha” é esta? Não é a “falha” parte do “senso”? Por que sim e por que não? E como ele sabe? Estas duas visões têm problemas, mas já complicamos demais o assunto.

⁵⁹ Ibid., p. 149.

A verdade é que Sinnott-Armstrong não faz uma clara distinção entre suposições comuns e senso comum. Ele escreve:

Em contraste, tento basear meus argumentos sobre *padrões de bom senso* de crença racional e compensação adequada. *Estes princípios* não são peculiares aos ateístas. Muitos cristãos também usam os mesmos padrões em suas vidas diárias. Mais importante ainda: estes princípios são aceitos por quase qualquer pessoa que não esteja comprometida antecipadamente em provar ou não a existência de Deus. Isto os deixa em pontos de partida neutros.⁶⁰

Ele identifica os “padrões de bom senso” com “estes princípios”. Em outras palavras, por senso comum, ele não está se referindo a um potencial ou capacidade intelectual compartilhada, à parte de qualquer conteúdo, mas está se referindo às *crenças* comuns reais. Em outras palavras, em sua mente, os padrões de bom senso são suposições comuns. Mas, se a tarefa do filósofo é “questionar suposições comuns”, então, por que ele não questiona as próprias suposições comuns (“princípios”, “padrões”, etc.) que está usando, e das quais seus argumentos dependem?

Ele declarou que está argumentando contra a existência de Deus porque é o seu trabalho como filósofo questionar suposições comuns, mas então, ele volta atrás e argumenta como se a verdade fosse uma questão de consentimento e opinião popular. Em outro contexto, ele poderia desafiar a mesma falácia em seu oponente, mas quando não tem nenhuma justificativa, ele emprega a estratégia do “todo mundo sabe”. Observe que o seu erro não está oculto, mas ambos os lados de sua auto-contradição são explicitamente declarados. Por um lado, para ele, o próprio propósito do debate é questionar suposições comuns, mas por outro lado, ele baseia partes essenciais dos seus argumentos em princípios comuns (“suposições”, “padrões”, etc.) sem primeiro questioná-los ou justificá-los.

Embora erros evidentes impregnem toda a sua apresentação, este apelo ilegítimo à opinião popular é a única tolice filosófica que pretendo documentar. Contudo, visto que o parágrafo acima citado contém alegações adicionais feitas por ele, tratarei brevemente com elas antes de continuar.

Ele diz que os princípios comuns sobre os quais baseia os seus argumentos são afirmados não somente por ateístas, mas também por cristãos. Mesmo que isso fosse verdade, o mesmo não mostra que seus argumentos sejam verdadeiros, visto que ele ainda tem que estabelecer os seus argumentos, de forma que os mesmos podem, na melhor das hipóteses, servir como a base para um argumento *ad hominem*. Isto é, talvez estes princípios comuns sejam falsos, de forma que, tanto ateístas quanto cristãos estejam errados em crer neles. Mas eu disse que eles podem “na melhor das hipóteses” sustentar um argumento *ad hominem*, pois não podem fazer nada além disso, visto que são apenas princípios que supostamente concordamos em nossas “vidas diárias”. Ele ainda tem que estabelecer que aqueles princípios que aplicamos em nossas “vidas diárias” necessariamente se aplicam ao debate corrente.

Mas sua justificativa é mais fraca do que isto. Visto que ele apela a estes princípios supostamente comuns como premissas essenciais de seus argumentos (e não como mera opinião pessoal que não afeta a validade de seus argumentos), isto significa que é também essencial aos seus argumentos que estes princípios sejam de veras comuns. Isto

⁶⁰ Ibid.

ele falha em demonstrar ou até mesmo estabelecer; antes, apenas afirma repetidamente o quanto comum suas premissas são. Em outras palavras, ele diz “todo mundo sabe” quando de fato ninguém sabe se todo mundo sabe. Ele sabe o que a “maioria dos cristãos” sabe? Ele ao menos sabe o que a maioria dos ateístas sabe?

Pelo menos igualmente problemática é a próxima declaração: “Mais importante ainda, estes princípios são aceitos por quase qualquer pessoa que não esteja comprometida em provar ou não a existência de Deus. Isto os deixa em pontos de partida neutros”.

Ele diz que suas premissas são aceitas por quase toda pessoa neutra. Como ele sabe isso? E quem são essas pessoas neutras? Onde elas estão? Como ele sabe que é possível ser neutro sobre a existência de Deus? E como ele sabe que essas pessoas são neutras? Além disso, se há muitos ateístas e pessoas neutras lá fora, então, porque as crenças dos cristãos são consideradas “suposições comuns”, que ele reivindica ser sua tarefa desafiar como filósofo?

Ele fala como se quase 100% da população humana já afirmasse suas premissas essenciais, mas se é assim, isso faz das suas premissas muito mais do que comuns. Mas então, não deveria ele começar desafiando *estas* suposições comuns, ao invés das suposições cristãs, que agora não parecem tão comuns de forma alguma? E, mesmo se houvessem tais coisas como “pontos de partida neutros”, por que eles estão isentos de um exame crítico? Não são eles muito mais perigosos, visto que são tão comuns e aparentemente neutros, e assim, facilmente negligenciados?

Asseverar que alguém deveria argumentar a partir de pontos de partida neutros implica outro problema, a saber, podemos perguntar se a visão de alguém com respeito à neutralidade é, ela mesma, neutra. Para Sinnott-Armstrong, ser “neutro” é não estar “comprometido antecipadamente” (pelo menos com respeito ao tópico do debate corrente), mas ele é neutro sobre neutralidade, ou ele está “comprometido antecipadamente” com respeito à neutralidade? Se ele está “comprometido antecipadamente” com respeito à neutralidade, então, por que deveríamos confiar nele quando ele fala sobre neutralidade?

Se eu fizer deste o próprio ponto do debate – isto é, se eu propuser argumentar sobre se deveríamos ser neutros sobre neutralidade, e se eu propuser primeiro assentar este assunto como uma pré-condição lógica necessária para o debate sobre a existência de Deus – então irá Sinnott-Armstrong apelar novamente aos pontos de partida neutros para estabelecer sua preferência pelos pontos de partida neutros? Isto é, ele apelará às suposições comuns das pessoas que são neutras (não “comprometidas antecipadamente”) sobre neutralidade (se é que existem tais pessoas) para então argumentar por sua preferência à neutralidade?

De acordo com seu padrão, ele deve encontrar as pessoas que são neutras sobre neutralidade, e então, descobrir o que estas pessoas crêem sobre coisas que são relevantes à neutralidade, e então usar *estas* crenças, assim chamadas de pontos de partida neutros, para argumentar por sua preferência por pontos de partida neutros. Mas, você sabe o que acontecerá após isso? Eu proporei que, como uma pré-condição lógica necessária ao debate sobre ser neutro para com a neutralidade, devemos primeiro argumentar sobre se aqueles que são neutros para com a neutralidade são neutros sobre ser neutro para com a neutralidade, e assim por diante. Isto causa um retrocesso infinito, e também significa que, antes de tudo, Sinnott-Armstrong não tem direito racional aos

seus assim chamados pontos de partida neutros, quando debatendo sobre a existência de Deus.

Observe quão longe a raça humana caiu, e como alguém pode ser tão estúpido! Como todos os outros eruditos não-cristãos, Sinnott-Armstrong é uma fraude intelectual. Ele se apresenta como um filósofo profissional, e alega ser alguém que examina as suposições atrás das crenças das pessoas. Todavia, nos pontos essenciais de seus argumentos, ele se utiliza de intuição subjetiva, senso comum e opinião popular. Professor de filosofia? Eu não confiaria nele nem mesmo para ensinar num debate de escola primária. Ele faria melhor se estivesse perambulando pelas ruas e catando latas de soda – pelo menos estaria ganhando a vida honestamente. Onde então os eruditos? Onde estão os filósofos? Onde estão os professores deste mundo? Porventura não fez Deus picadinho destes intelectuais?

Você poderia exclamar: “O que?! Ele se auto-denomina um filósofo, e é *assim* que ele argumenta? O que há de errado com ele?!”. Eu já lhe respondo – ele é um idiota. E lembre-se, ele é um filósofo treinado e experiente, e não simplesmente algum vagabundo bêbado. Mas, enquanto ele permanecer como um incrédulo e rejeitar a sabedoria divina, tudo o que ele pode fazer é vestir a sua estupidez com um pouco de elegância. Embora alguns filósofos possam conseguir uma apresentação mais cuidadosa, nenhum deles é racionalmente superior na substância de seus argumentos. Se eu posso demoli-los, você também pode. O que você precisa aprender é como pensar bíblica e logicamente, e ganhar confiança na superioridade da sabedoria divina.

VOCÊ NUNCA CHEGARÁ LÁ A PARTIR DAQUI

Por que os não-cristãos argumentam como Sinnott-Armstrong e pensam que eles ainda estão praticando uma argumentação válida? É porque eles não podem alcançar suas conclusões desejadas por inferência, e assim, simplesmente concordam entre si em redefinir o padrão de argumentação racional para algo mais baixo, isto é, algo que seja completamente *inválido*. A argumentação “válida” é, dessa forma, definida por consentimento, e não por necessidade lógica.

Logo no início do seu debate contra Craig, Sinnott-Armstrong escreve:

Se não fossemos autorizados a alcançar qualquer conclusão sem estarmos completamente certos, então, nunca seríamos autorizados a alcançar qualquer conclusão sobre qualquer assunto importante, visto que nunca podemos estar completamente certos sobre algo importante (pelo menos se for algo controverso). A demanda por certeza leva à ignorância e inação.⁶¹

Esta é uma confissão importante. Ele concorda que *ele* “nunca pode estar completamente certo sobre algo importante”.⁶² Isto é, as conclusões de seus argumentos nunca são alcançadas pelas inferências necessárias a partir de premissas, mas por saltos lógicos, e isto é o que faz suas conclusões serem “incertas”, ou como eu diria, inválidas e irracionais, e inúteis num debate irracional.

⁶¹ Ibid., p. 95.

⁶² Ele aplica o “nós” a todos nós, mas eu replico, “Fale por si mesmo!”. Ele não nos representa quando nossa cosmovisão e argumentos são diferentes dos seus e imunes ao problema.

Embora ele adicione, “pelo menos se for algo controverso”, isto não o ajuda de forma alguma; antes, ele confirma que considera validade e certeza como diretamente relacionados à consentimento, e não à necessidade lógica. A implicação é que, quanto mais uma conclusão for concordada e não-controvertida, mais será “certa”; sua certeza não é medida pelo rigor lógico pelo qual é alcançada. Por outro lado, ele mais tarde diz que um filósofo é necessário para “questionar suposições *comuns*”!

Certamente, alguns não-cristãos ainda insistem na definição de argumentos válidos por necessidade lógica, mas então, eles enfrentam o problema de não serem capazes de formular argumentos válidos. Alguns daqueles que estão cientes deste dilema desistem da possibilidade de alcançar conhecimento positivo de algo, e se tornam céticos e agnósticos. Contudo, como tenho demonstrado em outro lugar, eles não podem permanecer logicamente nestas posições, visto que o ceticismo e o agnosticismo são auto-contraditórios. Antes, eles devem adotar a cosmovisão bíblica ou se tornarem insanos. Muitos escolhem a última alternativa.

Sinnott-Armstrong percebe que não pode estabelecer logicamente “nada importante”,⁶³ e, então, faz da lógica e da certeza uma questão puramente pragmática. Isto é, ele diz que, se devemos estar completamente seguros, então, nunca alcançaríamos qualquer conclusão sobre qualquer assunto importante. Então, ao invés de dizer, “Portanto, não podemos alcançar nenhuma conclusão sobre qualquer assunto importante”, ele, de fato, diz: “Mas, desejamos alcançar algumas conclusões, não importa quais; assim, apenas mudemos as regras”. Isto é: “Se seguirmos as regras, então, nunca chegaremos lá; se desejamos chegar lá, então, mudemos as regras”. Embora ele não possa escapar logicamente do ceticismo, permanece fora dele apenas porque não gosta do mesmo, e porque quer reter o direito de fazer afirmações sobre várias coisas, mesmo quando não tem tal direito.

Os não-cristãos não estão apenas praticando esta redefinição pragmática de racionalismo, mas estão ativamente ensinando-o. Novamente, estamos cientes que alguns não-cristãos ainda pensam que podem estabelecer suas conclusões por necessidade lógica, mas, na realidade, não podem. De fato, nenhum dos seus argumentos é racionalmente superior aos argumentos de Sinnott-Armstrong em substância. A diferença é que eles recusam admitir isso; é um tipo de auto-engano diferente daquele que pessoas como Sinnott-Armstrong estão praticando. Portanto, uma das coisas que deveríamos fazer quando debatendo contra eles é mostrar que seus argumentos são igualmente falaciosos. Contudo, agora estamos discutindo com aqueles não-cristãos (muito mais do que você possa imaginar) que admitem que não podem estabelecer “nada importante” (eu diria “nada, de forma alguma”) por necessidade lógica, mas que ainda desejam considerar a si mesmos como racionais, de forma que simplesmente redefinam o racionalismo e a argumentação válida.

No que se segue, usarei David Zarefsky como um exemplo. Entre suas inúmeras credenciais e realizações, Zarefsky é Professor de Argumentação e Debate e Professor de Estudos de Comunicação na Universidade de Northwestern. Portanto, como com Sinnott-Armstrong, que ninguém diga que deliberadamente escolhi um espécime inferior como um exemplo de tolice não-cristã.

⁶³ Eu desejo lembrar ao leitor que ele pode falar somente por si mesmo.

Em suas lições para um curso sobre argumentação,⁶⁴ ele se refere à dedução e indução, e expressa sua visão sobre a validade lógica nos termos abaixo; assim, será útil brevemente redefini-los e revisar suas diferenças.

Dedução é o processo de raciocinar pelo qual a conclusão é inferida a partir de premissas por necessidade lógica; por outro lado, indução é o processo de argumentação pelo qual a conclusão *não* é inferida a partir de premissas por necessidade lógica. Na dedução, a conclusão inclui somente informação que já está contida nela e necessariamente implicada pelas premissas; mas na indução, a conclusão inclui nova informação que ainda não está contida nela e nem necessariamente implicada pelas premissas.⁶⁵

Em outras palavras, um argumento indutivo produz uma conclusão que é *supostamente*, mas *não necessariamente*, implicada pelas premissas. Por esta razão, a indução é sempre uma falácia formal; isto é, a conclusão nunca é certa, nunca é racionalmente estabelecida. De fato, visto que a conclusão não é necessariamente implicada pelas premissas, não há nenhuma forma, de maneira nenhuma, de mostrar logicamente que há alguma relação necessária entre a conclusão e as premissas.

Com o acima em mente, ele escreve: “O raciocínio formal não é visto como o protótipo de argumentação na erudição recente”.⁶⁶ Por “raciocínio formal” ele está se referindo à dedução, quando “alguém realmente raciocina numa forma silogística”.⁶⁷ Em sua visão, “A maioria das argumentações não são representadas por uma forma na qual a conclusão não contém nenhuma informação nova”.⁶⁸ Mas ele não conclui, como eu disse: “Portanto, a maioria das argumentações são falaciosas”. Ao invés disso, ele diz que a argumentação “envolve o capacitar uma audiência a se mover do que já é conhecido e crido para alguma nova posição”, e “Este movimento envolve *um salto de fé* que o argumentador procura justificar”.⁶⁹

Ele continua a dizer: “O julgamento é necessário porque a prova absoluta não é possível, *todavia, decisões devem ser feitas*”.⁷⁰ Em outras palavras, a subjetividade é introduzida no processo por causa do interesse pragmático, isto é, porque “decisões devem ser feitas”. Ele continua: “O julgamento é procurado dando-se razão suficiente para que um *ouvinte* crítico se *sinta* justificado em *aceitar* a alegação”.⁷¹ Ao invés de ser objetivamente e logicamente demonstrada, a alegação é “aceita” se o ouvinte “sentir” que ela está justificada. Assim, para Zarefsky: “A aderência do ouvinte crítico torna-se o substituto para a prova absoluta”.

Em outras palavras, percebendo que para eles a dedução é irrealista e freqüentemente impossível, os filósofos não-cristãos têm escolhido abandonar a dedução, e, no lugar dela, têm decidido confiar em julgamentos subjetivos em direção a argumentos indutivos.

⁶⁴ David Zarefsky, *Argumentation: The Study of Effective Reasoning, Part 1 and Part 2* (The Teaching Company, 2001).

⁶⁵ Zarefsky concorda com estas definições (*Argumentation, Part 1*, p. 13-15).

⁶⁶ *Part 1*, p. 15.

⁶⁷ *Ibid.*

⁶⁸ *Ibid.*

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ *Ibid.*, p. 17.

⁷¹ *Ibid.*

Mas então, isto significa que todos os seus argumentos são logicamente inválidos. Zarefsky admite: “Aplicar o conceito de validade além da lógica formal é enganador”.⁷² Por quê? “Porque a alegação não emana da evidência com certeza, não podemos dizer que, se a evidência é verdadeira, então a alegação *deve* ser verdadeira”.⁷³ Podemos perguntar: “Se ela não emana *com certeza*, então, ela *sequer* emana?” De qualquer forma, o que ela faz? Então ele escreve: “Portanto, devemos concordar que nossos argumentos são inválidos, e devemos ser honestos e admitir que nossas conclusões são meras especulações subjetivas não-rationais ou até mesmo opiniões irracionais”?

De forma alguma! Ao invés de dizer que todos os seus argumentos diários são inválidos, ele diz, com efeito: “*Redefinamos* a validade! *Concordemos* que mesmos nossos saltos de fé são logicamente válidos!”.⁷⁴ Você pode dizer, “Mas nós ainda devemos ter uma verificação sobre o processo de raciocínio”,⁷⁵ não devemos? “Certamente”, Zarefsky replica, “Esta função é alcançada focando-se antes na *experiência* do que na forma”.⁷⁶ Isto é, ao invés de pensar sobre validade como um assunto de inferência necessária, ele propõe que “Uma tendência geral desenvolvida com o tempo para certos padrões de raciocínio produzirem *resultados* bons ou maus”.⁷⁷ Como Sinnott-Armstrong, ele faz do raciocínio um esforço puramente pragmático, e não racional. É também sugestivo que seu curso é intitulado, “Argumentação: O Estudo do Raciocínio *Eficaz*”, enquanto que, se eu fosse ensinar um curso sobre argumentação, eu, em vez disso, o intitularia: “Argumentação: O Estudo da *Inferência Necessária*”.

Veja, os não-cristãos têm desistido da racionalidade, porque não podem cumprir suas demandas. Ainda assim, querem ir junto com a maré do raciocínio, e querem se considerar racionais. Assim, eles têm redefinido racionalidade como uma questão de consentimento, antes do que de necessidade lógica. Eles não podem chegar “lá” a partir “daqui”, mas ainda querem chegar “lá”; assim, eles decidem apenas dar um salto de fé. Se isto soa como irracional e inválido, então, eles apenas concordam em *defini-lo* como racional e válido.

Portanto, para colocar claramente, sua estratégia é que: “Se você não pode chegar lá a partir daqui, apenas trapaceie. E se todo mundo trapacear, então, todos olharemos bem uns para os outros. Embora nossas conclusões sejam alcançadas por saltos de fé, ainda gostaríamos de pensar sobre nós mesmos como racionais, assim, apenas *concordemos* que somos racionais, não importa como”. Em outras palavras, é racionalmente por consentimento ou por pura fantasia, e não por necessidade lógica ou inferência necessária.

Você pode exclamar: “O que?! Eles são estúpidos ou algo parecido?” Sim, eles são estúpidos, e estes são os mesmos idiotas que atacam a sua fé e te chamam de irracional. Eles são desesperados e desonestos. Eles estão descobrindo que é impossível permanecer racional à parte da confiança na revelação de Deus, mas recusam admitir. A abordagem pragmática é derivada da compreensão que eles não podem chegar às conclusões que desejam provar por dedução, pois, dada suas epistemologias não-cristãs, seria impossível começar a partir de premissas auto-auteticadoras, a partir das quais

⁷² Part 2, p. 8.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ Ibid., p. 8-10.

⁷⁵ Ibid., p. 8.

⁷⁶ Ibid., p. 9.

⁷⁷ Ibid.

poderiam deduzir conclusões verdadeiras por necessidade lógica. E, embora ainda haja alguns não-cristãos que tentem cumprir o padrão da dedução, não o podem sobre a base de suas epistemologias e princípios básicos não-cristãos. Portanto, de qualquer forma, nós ganhamos.

CRISTO, NOSSA RAZÃO – RAZÃO, NOSSA ARMA

A Bíblia nos diz que Cristo é o Logos de Deus – isto é, ele é a Palavra, a Sabedoria, a Lógica, ou a Razão de Deus (João 1:1). Portanto, todo aquele que rejeita Cristo, rejeita a própria razão. Aqueles que atacam o Cristianismo lutam contra a Razão, assim, que nunca seja dito novamente que os incrédulos empregam a razão ou a lógica para desafiar o Cristianismo – isso nunca acontece. Antes, sua estratégia é atacar nossa fé com afirmações e especulações irracionais e sem garantia. Por outro lado, Cristo é o nosso campeão, e a Escritura/Razão é a nossa arma.

Os não-cristãos alegarão que a Razão pertence a eles, e isso confunde muitos cristãos mal-informados. Mas, como ilustramos acima, embora possam tentar colocar a Rocha da Razão em seus ombros, e proclamá-la como seu Deus e eles como os seus servos, eles não podem arcar com as suas demandas, e, no final das contas, a Rocha sufoca e esmaga-os. Eles deslizam por debaixo delas [as demandas] e tentam se escusar delas e redefini-las. Então, concordam com a idéia de que podem, juntos, remendar uma bola gigante de estrume e chamar *esta* de Razão e Lógica – ela é muito mais leve, e certamente ninguém notará! Mas, o apologista bíblico esmagará tanto eles quanto a sua bola de estrume com a Rocha da Razão, da qual eles tentam tão duramente escapar.

Eu tenho usado Sinnott-Armstrong e Zarefsky somente como exemplos, mas todos os outros pensadores não-cristãos são da mesma forma fracos mentalmente. Se ele for Michael Martin, Kai Nielsen, ou qualquer outro não-cristão do passado ou presente, não faz diferença. Seu irracionalismo está necessariamente relacionado com sua rejeição da cosmovisão bíblica; qualquer pessoa que brinca com estrume federia. E, visto que sua forma de argumentação não é apenas praticada sem conhecimento, mas deliberadamente e sistematicamente ensinada aos seus estudantes, as gerações futuras de não-cristãos podem somente se tornar cada vez piores.

Isto nos trás a um ponto importante mencionado no começo. Mesmo uma criança pode derrotar estes professores não-cristãos num debate? Elas certamente podem, se forem apropriadamente treinadas por seus pais e pastores. Deus já fez de todos os incrédulos tolos (1 Coríntios 1:20), e ele se deleita em usar as coisas humildes para humilhar as orgulhosas (v. 28). Embora todos devamos participar, quem melhor para embarçar os eruditos não-cristãos do que as crianças, os mentalmente incapazes e os analfabetos? Mas, para terem sucesso, eles devem abraçar a Cristo como sua Razão e devem afirmar toda a Escritura como a revelação de Deus. Assim, devem ser ensinados de maneira apropriada.

Pais, ensinem a seus filhos teologia sistemática e apologética bíblica. Vocês devem começar tão logo eles comecem a entender o nosso idioma. Treine-os a pensar bíblica e logicamente. Desde o começo de suas vidas, ensine-os a estimar o que Deus estima, e a desprezar o que Deus despreza.

Pastores preguem sobre a tolice dos incrédulos – exponha-os! Use-os como exemplos públicos e mostre ao seu povo como os demolir racionalmente e reduzi-los a nada. Você

encontrará os piores argumentos até mesmo nas melhores obras deles. Transmita ao seu povo a destreza, o conhecimento e a confiança que eles necessitam para enfrentar os incrédulos e vencer. Nosso objetivo é a total humilhação e aniquilação da erudição não-cristã; nosso propósito é golpear as suas costas e esmagar a sua cabeça com a Razão até que se curvem diante do trono de Cristo. Para fazer isto, devemos labutar para levantar um exército de apologistas bíblicos, capazes de demolir qualquer não-cristão num debate, num piscar de olhos.

Certamente, alguns de vocês ainda estão hesitantes; ainda estão algemados pelos padrões do discurso e conveniência social que os não-cristãos impuseram sobre vocês.⁷⁸ Este é um mecanismo de defesa que eles instalaram em suas mentes para se protegerem contra a Razão. Parem de ser estúpidos! Parem de ser fracos! Parem de lisonjear e romancear aquilo que Deus condenou. Ao invés disto, estejam em linha com o método bíblico e o tom da proclamação e defesa do evangelho. Levantem-se e tomem seus lugares no exército de Deus, e lutem por sua causa.

⁷⁸ Veja Vincent Cheung, “Um Idiota com Qualquer Outro Nome”.

30. A Manobra Fatal

Há uma manobra fatal no debate onde se você puder mostrar que a posição do seu oponente contradiz a si mesma ou torna a si mesma impossível, então você destruiu eficazmente a posição dele e tudo o que se segue dela. Ela é um movimento poderoso. Coloca o seu oponente em xeque-mate. Contudo, se ilegitimamente usada, pode sair pela culatra e infligir um golpe fatal contra a posição daquele que a usa.

Meu sistema de filosofia e método de apologética é corretamente chamado “bíblico” ou “pressuposicional”. Eu começo com a revelação e deduzo o restante do sistema a partir dela. A partir desse princípio básico, o sistema pode ser adaptado para responder a qualquer objeção bem como para destruir qualquer sistema oposto. O sistema é construído sobre a revelação e então usa a dedução para derivar a informação inerente na revelação. Desde o começo, ela exclui as epistemologias irracionais e impossíveis, tais como aquelas que colocam qualquer confiança na intuição e sensação.

Uma escola proeminente de apologética “pressuposicional” protesta que isso certamente vai longe demais. Ela admite que a indução é falaciosa, pelo menos em si mesma, mas então ela é de alguma forma redimida quando operamos sob pressuposições bíblicas. Ela admite que a sensação não pode fornecer conhecimento, pelo menos sozinha, mas então ela pode funcionar como uma forma confiável de adquirir conhecimento uma vez que os princípios bíblicos são assumidos. Ou, ela diz que o incrédulo pode usar a indução e a sensação com bom efeito, mas só não pode “contar” com ela. Eu já critiquei essa escola de apologética incoerente e anti-bíblica em vários lugares, e não é o meu propósito principal aqui fazê-lo novamente. Mas no restante dessa discussão, precisamos guardar em mente que seus aderentes nunca mostraram *o que* ou *como* as pressuposições bíblicas podem fazer com que o que é inerentemente irracional e ilógico se torne racional e lógico. Isso é simplesmente uma afirmação não justificada da parte deles.

Todavia, meu ponto diz respeito a outra coisa, e esse é como essa escola de apologética tenta refutar a minha, e como o tiro sai pela culatra contra eles. Uma objeção frequente é que se devemos começar com a Bíblia, então certamente devemos usar nossos sentidos até mesmo para ler a Bíblia. Eu já respondi isso várias vezes em diversos lugares, e ainda não houve nenhuma tentativa bem sucedida como refutação. Entre outras coisas, essa objeção comete uma falácia lógica, e, antes de tudo, realmente ignora minha posição. Isso é porque se eu estou correto, então realmente *não* precisamos usar nossos sentidos (no sentido pretendido pelos meus oponentes) para ler a Bíblia. Eu poderia responder à objeção da mesma forma como responderia a qualquer ateu empírico – eu poderia levar o debate para um mundo puramente mental (como num sonho) apenas sugerindo isso. A partir dali, eu poderia restabelecer o mundo físico pelo meu primeiro princípio, mas o que aconteceria ao empírico, quer cristão ou não?

Porque eu tenho respondido a objeção, ela fracassa em me prejudicar. Contudo, agora que meus oponentes lançaram a objeção, e declararam a mesma como algo que é consistente com a posição *deles*, então *eles* devem respondê-la para si mesmos. Porque eles declararam que uma pessoa deve usar os seus sentidos para saber o que a Bíblia diz, agora eles *devem* mostrar que nossos sentidos são infalíveis, ou se nossos sentidos são falíveis, que há uma forma infalível de dizer em quais casos eles estão corretos e em quais estão incorretos. Se eles não podem fazer isso, então *eles* não podem ler a Bíblia,

de forma que o sistema inteiro deles – a *fé cristã* deles como um todo – colapsa, e isso acontece tão facilmente com um ateu empírico, como com qualquer religião ou filosofia não-cristã.

Alguns deles tentam justificar a sensação como uma forma confiável de obter conhecimento. Argumentar a favor do empirismo sem considerar a Escritura é impossível, e eles reconhecem isso. E assim, aparentemente consistente com a posição deles, eles argumentam a favor da confiabilidade básica da sensação a partir da Escritura. Mas o que seria tomado para estabelecer a posição deles a partir da Escritura? Eles reconhecem que nossos sentidos são falíveis, e assim eles não estão interessados em apoiar o empirismo argumentando que os sentidos são infalíveis. Contudo, se os sentidos são falíveis, então eles devem estabelecer um método *infalível* pelo qual possam distinguir os casos nos quais os sentidos estão corretos e os casos nos quais eles estão errados. Mas se eles têm um método, e se o método deles é falível, então ainda precisamos saber infalivelmente *quão* falível ele é e *quando* ele é falível; de outra forma, a coisa toda colapsa em ceticismo novamente. Eles nem mesmo chegaram perto de estabelecer algo disso. Na melhor das hipóteses, eles têm apenas mostrado que a sensação de um determinado personagem bíblico estava correta num caso particular, pois a Bíblia revela que ela estava correta naquele caso particular. Se formos considerar o que sabemos, aquela pessoa nunca teve outra sensação correta novamente. Assim, eles precisam muito mais do que isso. O que eles precisam (mas falham em fornecer) é uma teoria de epistemologia com respeito às sensações que se aplique às pessoas e experiências que não estão descritas na Bíblia.

Porque eles insistem no empirismo, mas falham em justificá-lo, então, ao aplicar a objeção contra mim, eles têm afastado *a si mesmos* completamente da Bíblia. Ao tentar realizar uma manobra fatal contra minha posição, eles têm aniquilado a deles. De fato, a menos que eles possam responder a própria objeção deles, não podem nem mesmo ter uma objeção contra mim, visto que de acordo com eles, eles precisam da confiabilidade dos sentidos para até mesmo ler ou ouvir sobre minha posição em primeiro lugar. Portanto, se hei de tomar a posição deles seriamente, terei que dizer que o sistema *inteiro* deles se desintegra, que não há forma deles poderem conhecer *algo* que está na Bíblia, que eles nunca ouvem o evangelho, e assim eles não podem nem mesmo ser cristãos. Mas visto que não eu não os considero seriamente, e visto que posso explicar as vidas deles com minha posição, posso ser mais caridoso para com eles do que a própria posição deles o permite.

Dessa forma, qualquer não-cristão pode confrontar os aderentes dessa escola de apologética e aparentemente demolir todo o sistema cristão usando somente esse ponto. É verdade que a maioria dos não-cristãos não fará isso, pois a maioria dos não-cristãos tem o empirismo como uma parte integral do sistema de crença deles, de forma que eles usualmente não atacarão o que eles mesmos crêem. Contudo, se um não-cristão se achar encurralado num canto, ele sempre pode trazer isso à tona para assegurar a destruição mútua. Assim, eu declaro que essa outra escola de apologética pressuposicional é um fracasso completo. Até onde ela adere a Escritura em suas várias partes, certamente é superior aos sistemas não-cristãos, mas isso é irrelevante na construção de uma filosofia, visto que ela fracassa desde o próprio início, de forma que não pode nem mesmo alcançar aquelas partes escriturísticas, e se os não-cristãos alguma vez se despertarem para isso, o debate e o evangelismo será um desastre total para esses crentes.

Se alguém discorda com o exposto acima, que ele prove – não apenas afirme – como ele, pela sensação, consegue ler sequer uma palavra na Bíblia. Que ele demonstre como isso acontece logicamente – estabeleça cada premissa e mostre que cada passo procede por inferência necessária – e eu abrirei mão de todo debate sobre esse assunto. Tudo o mais que você diga é irrelevante – você tem afirmado a necessidade da sensação, como algo que você precisa até mesmo antes de ler a Bíblia, de forma que agora deve estabelecer isso.

Se você é incapaz de fazer isso, mas insiste em manter sua posição, então me deixe te oferecer um pequeno conselho. Você pode nunca encontrar um não-cristão que desafie a confiabilidade da sensação, mas se você alguma vez se deparar com alguém que o faça, saiba que a resposta é rejeitar a sensação e permanecer com a revelação somente. Muitas pessoas estão interessadas em defender um teólogo ídolo, mas eu estou interessado na causa de Cristo. Eu não posso te deter se você deve permanecer em sua falsa e desonesta posição por causa da sua lealdade a uma personalidade particular ou escola de pensamento. Mas lembre-se do que estou lhe dizendo. Um dia você pode precisar disso. Nem todo não-cristão com quem você debaterá lhe dará a mesma permissão sobre esse assunto que você dá a si mesmo.

Então, há outra objeção que tem a ver com minha visão sobre a soberania divina, e como ela se relaciona com a metafísica e epistemologia. Eu afirmo que Deus deve ser ativo em facilitar e controlar todos os pensamentos humanos, quer verdadeiros ou falsos, bíblicos ou heréticos. Os aderentes dessa escola de apologética pressuposicional uma vez mais tentam realizar uma manobra fatal contra mim. Eles sugerem que de acordo com minha visão, eu poderia estar enganado ao afirmar minha visão. Primeiro, isso é simplesmente totalmente absurdo, visto que a Bíblia diz que Deus pode enviar espíritos maus para convencer as pessoas a crerem num erro. Assim, não importa *como* isso aconteça, Deus é aquele que decreta que alguém será enganado. Segundo, eles demonstram que eles realmente não têm idéia de como realizar essa manobra fatal, visto que novamente o tiro sai pela culatra deles. Se eu estou enganado *da forma* que a objeção sugere (isto é, por minha própria explicação de como alguém chega a crer numa falsidade), então isso realmente prova minha posição. Se eu estou enganado *da forma* que eu digo que alguém é enganado, então de fato eu não estou enganado. Para ilustrar: se Deus envia um demônio para “enganar” alguém a pensar que Deus não envia demônios para enganar, então Deus *de fato* envia demônios para enganar. Da mesma forma, se Deus faz com que eu creia na “falsidade” de que é Deus quem faz alguém crer na falsidade, então Deus *de fato* faz com que alguém creia na falsidade, e eu de fato não estou enganado. Em outras palavras, minha posição não pode ser demonstrada como auto-refutadora da maneira tentada pela objeção.

A manobra fatal de mostrar a auto-contradição na posição do seu oponente pode ser um movimento poderoso e eficaz no debate. Apenas se assegure que a posição do oponente é *de fato* auto-refutadora e que sua objeção não dá um tiro pela culatra contra você. Cuide para que essa manobra fatal não seja fatal justamente para você. Certamente, se o tiro pode sair pela culatra e mostrar a incoerência em sua posição, então sua posição está errada e não é digna de se defender, como o exposto acima tem mostrado.

E se você ainda discorda, aqui está outro exercício. Mostre esse artigo a qualquer não-cristão com educação acima da sexta-série e peça-lhe para aplicar o que ele lê. Agora veja se você ainda pode defender sua fé contra ele usando seu ramo de apologética “pressuposicional”.